Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Segunda-feira, 9 de Setembro de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.548 • Diário • Ed. Porto • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**

Venezuela Opositor de Nicolás Maduro já está exilado em Espanha

Mundo, 22

Futebol
Portugal vence a Escócia 27 remates depois e lidera Grupo A1 da Liga das Nações
Desporto, 36

Entrevista a Ricardo Arroja
Presidente da AICEP: "Provavelmente precisamos de um novo ímpeto exportador"
Economia, 26/27

Misericórdia vai dar consultas a mais 5000 utentes sem médico de família

União das Misericórdias, que está interessada nas novas USF, assegura cada vez mais consultas de medicina familiar. Hospital de Santa Maria vai celebrar novo acordo com Misericórdia de Lisboa Sociedade, 18

Duas professoras, duas gerações "A escola é o melhor sítio do mundo, não é?"

NELSON GARRIDO

Separam-nas 30 anos e um início de carreira muito diferente: Isabel Aguiar, de 67 anos, sempre sonhou ser professora; Joana Rocha, de 37, está a chegar à profissão depois de a sua primeira opção de trabalho não ter corrido como esperava e de uma experiência na escola lhe ter mostrado que ser professora é mesmo o que a faz feliz. Não se conheciam até o PÚBLICO as juntar numa conversa a propósito do arranque do novo ano lectivo. E descobriram o que têm em comum Destaque, 2 a 5

Fuga de Alcoentre

Director de serviços prisionais assume falhas, mas recusa demitir-se

Cerca eléctrica não funciona e há 33 guardas e 500 reclusos

Bacelar Gouveia
"Tem de haver uma auditoria às condições das prisões para que não se repita"

Destaque, 6 a 8 e Editorial

ISNN-0872-1556

“A escola é o melhor sítio do mundo, não é?...”

Uma professora em fim de carreira, que não se quer reformar, e uma em início, e com vontade de continuar, partilham experiências, desafios e uma paixão pela sala de aula

Reportagem

Patrícia Carvalho Texto
Nelson Garrido Fotografia

Separam-nas 30 anos e um início de carreira muito diferente: Isabel Aguiar, de 67 anos, sempre sonhou ser professora; Joana Rocha, de 37, está a chegar à profissão depois de a sua primeira opção de trabalho não ter corrido como esperava e de uma experiência na escola lhe ter mostrado que ser professora é mesmo o que a faz feliz. Isabel atingiu o topo da carreira e não está preparada para se reformar; Joana diz que não está disponível para os sacrifícios que viu outros professores fazerem e que, como acontece com a sua geração, não olha para o trabalho como carreira, mas como algo mais imediato. Não se conheciam e têm muitas diferenças, mas também descobrem pontos em comum, em que o optimismo e o gosto por ser professora são os mais evidentes. “A escola é o melhor sítio do mundo, não é?...”, diz a sorridente Joana para Isabel. Esta concorda.

Isabel Aguiar sabe o dia exacto em que deu a primeira aula: 9 de Maio de 1977. Professora do 1.º ciclo, é hoje coordenadora da Escola Básica de Cabo-Mor, na freguesia de Mafamude-Vilar do Paraíso, concelho de Vila Nova de Gaia, e a prova de que a vida de saltimbanco dos professores não é de hoje. “Nós não entrávamos logo na carreira... O que se chama agora ‘professores contratados’ eram, na altura, os ‘agregados’. Íamos fazer substituições, andávamos às vezes por duas, três ou quatro escolas num ano...”, conta.

No seu caso, a dificuldade em encontrar um vínculo mais estável foi agravada pelo período histórico em que ingressou na profissão – no pós-25 de Abril de 1974, recorda, houve inúmeros professores que regressaram das antigas colónias e que, por terem muitos anos de experiência, tinham prioridade sobre aqueles que, como Isabel, estavam a iniciar a carreira. Por isso, os primeiros anos de trabalho foram mesmo a saltitar de um concelho para o outro, sempre na zona Norte. A escola que agora coordena foi uma daquelas pelas quais passou, enquanto agregada, e o encanto foi imediato. “Como moro aqui e gostei de cá estar, disse para mim mesma: ‘Esta vai ser a minha escola quando for o tempo’ [de assentar]”, recorda. Conseguiu-o.

Mas antes andou pelo Marco de Canaveses e Baião, numa altura em que as escolas do 1.º ciclo eram “capelinhas, sem quaisquer recursos” e em que a falta de uma creche perto do local de trabalho a levou a tomar a decisão de deixar a filha de três meses com o marido e os avós durante a semana. Foi, garante, a única vez em que considerou desistir da profissão. “Aí, por causa do bebé, ponderei abandonar. Mas pensei: ‘Vou deixar uma coisa de que gosto? A minha filha vai crescer e eu depois o que faço?...’”.

Joana Rocha também sabe exactamente o primeiro dia em que enfrentou uma sala de aula, mas não é difícil, porque foi quase ontem, a 8 de Março de 2023, na Escola Secundária da Maia, a mesma que ela própria frequentara enquanto aluna. Na conversa que ambas partilham pela primeira vez, descobrem que o avô de Joana e o pai de Isabel foram professores de Educação Visual, colocados em Viana de Castelo mais ou menos na mesma altura. “Se calhar, cruzaram-se...”, diz Joana, com o riso que parece não lhe largar a cara. É essa também a sua área e é para poder continuar a ser professora que está a tirar o mestrado que lhe garante a habilitação profissional. Espera iniciar o estágio na mesma escola nas próximas semanas, para dar continuidade a uma profissão que não foi a sua primeira escolha.

“Fiz um curso de *design* gráfico e trabalhei nessa área, em agências. Depois criei a minha própria empresa, mas temos tido cada vez menos trabalho e achei que as contratações de escola podiam ser uma hipótese para mim. O meu marido fez o mesmo. Os nossos cursos dão-nos habilitação própria para algumas disciplinas e foi assim que concorremos. Em 2022/2023 estivemos ambos a dar aulas”, diz. E, naqueles quatro meses em que foi substituir outro professor, redescobriu-se, admite. “Não penso muito em termos de carreira. Nem sequer estou a par de como se fazem os concursos, não estou com um horizonte muito largo. De qualquer forma, eu quero dar aulas, preciso de dar aulas, faz-me bem, sinto-me concretizada”, afirma.

No caso de Isabel, nunca houve dúvidas. “Sempre foi o que quis, muito motivada porque tive uma

óptima professora do 1.º ciclo e também por ser filha de professores. Acho que a escola sempre esteve no ‘meu ADN’”, afirma. Esteve e não sai.

Isabel Aguiar já poderia ter pedido a reforma no ano passado. Não o fez. E, por enquanto, não pensa fazê-lo. Será uma entre os cerca de 1000 docentes que irão receber o suplemento remuneratório de até 750 euros brutos mensais, a partir de 2025, anunciado pelo Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) no pacote de medidas que procuram contrariar a há muito anunciada crise na profissão - não há professores que cheguem e não está a ser fácil voltar a cativá-los para a carreira, que tem sido uma das mais combativas nos últimos anos, sobretudo por causa da recuperação do tempo de serviço, após o congelamento das carreira, no tempo da *troika*.

Apesar de gostar de um dos *slogans* escolhido pelo MECI (numa campanha que desagradou a vários professores), na sua tentativa de cativar os professores mais velhos – o que diz que “Ser professor é continuar jovem” –, Isabel Aguiar garante que não é por causa dos incentivos que vai continuar. No ano passado eles não existiam, e continuou na mesma, salienta. É mesmo porque não está a ver nada fora da escola que a preencha como o trabalho o faz. “Eu já podia estar reformada e não vou esperar pelos 70 anos porque não quero chegar àquele dia em que me dizem: ‘Olha, vai-te embora, porque acabou o teu prazo de validade…’ Mas eu não me dou parada e nunca pensei no que vou fazer após [a reforma], pensei sempre no ‘durante’. Ainda tenho mais dois anos para pensar nisso. Sei que sou útil, isto preenche-me e ainda estou aqui para ajudar e incentivar”, diz.

Joana Rocha tem 37 anos e Isabel Aguiar 67 anos

Eu quero dar aulas, preciso de dar aulas, faz-me bem, sinto-me concretizada

Joana Rocha
Professora, 37 anos

Por estes dias, o tempo da professora mais velha passa muito menos pela sala de aula do que pela organização. Mas ainda vai fazendo substituições, quando algum colega falta, e dá aulas de apoio, porque não quer perder esse contacto com os alunos. Com ironia, diz que não está preparada para levar a vida que vê outros colegas terem depois de se reformarem – “irem ao ginásio, tomar um cafezinho e queixarem-se de artrite e reumatismo” –, e que essa é uma das razões para continuar. “Há pessoas que riscam os dias no calendário para verem quantos faltam para a reforma. Eu acho que vou fazer o inverso. Começar a riscar para trás, para ver quantos dias ainda me restam aqui…”, diz, rindo.

34 mil professores em falta

Segundo os dados da Direcção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência, referentes ao ano lectivo 2022/2023, existiam em Portugal 149.816 docentes, do pré-escolar ao secundário. Destes, 130.116 estavam no ensino público e 117.387 eram mulheres. Os números totais representam uma quebra de 0,55% em relação ao ano lectivo anterior e são também o retrato de uma profissão envelhecida: 30.012 dos docentes tinham 60 anos ou mais, o valor mais elevado nesta faixa etária nos últimos dez anos. Olhando para os diferentes ciclos de ensino, Joana, aos 37 anos, está na faixa etária que tem das mais baixas representações entre a docência no 3.º ciclo e o secundário – eram apenas 3107 entre os 35 e os 39 anos, com os professores entre os 50 e os 54 anos a serem os mais representados, com 15.984 docentes.

Já no 1.º ciclo a renovação parece estar a ser mais fácil - cresceu mesmo o número de professores neste ciclo, em comparação com o ano anterior (foi o número mais elevado dos últimos dez anos, acontecendo o mesmo no pré-escolar, numa tendência inversa aos outros ciclos de ensino) e o índice de envelhecimento baixou, com os professores entre os 45 e os 49 anos a terem a maior representação, com 7509 professores. A faixa etária de Isabel ficou na 3.ª posição, atrás dos professores entre os 40 e 44 anos, com 5048 docentes.

Feitas todas as contas, estudos recentes indicam que até 2030 será preciso contratar mais de 34 mil professores, para substituir os 34.500 que deverão abandonar o ensino, por atingirem a idade de reforma. E que a nova fornada de professores que sai do ensino superior a cada ano não será capaz de colmatar esta falha - foram apenas 1674 a concluir a habilitação profissional em 2022. Se esse número se repetisse até 2030, haveria um défice superior a 10 mil docentes.

É claro que há os casos como os de Isabel (que não se reformou, apesar de o poder fazer) ou de Joana (que chegou ao ensino pela via da habilitação própria e não-profissionalizante), mas não chegam para tapar um buraco tão grande. As duas olham para as experiências pessoais para confirmar a escassez de interesse pela profissão. Joana diz que não conhece ninguém entre os seus amigos e colegas que tenha escolhido a docência; Isabel diz que, de todos os alunos que lhe passaram pelas mãos nos 25 anos que leva naquela escola, só quatro seguiram a carreira de professor. O drama do envelhecimento da carreira não passa ao lado de ambas. “Eu sou ‘a nova’ na sala de professores e acho que isto mostra um problema grave na profissão, porque eu tenho 37 anos e não sou nova em lado algum…”, diz Joana.

A falta de estabilidade que acompanha a profissão, com colocações muitas vezes a centenas de quilómetros de casa (e em locais com custos incomportáveis), é, para Joana Rocha, a principal razão para tornar a docência pouco atractiva para a sua geração, mais do que a questão salarial. “Uma das razões pelas quais não queremos aceder à carreira de professor é porque as pessoas não estão dispostas a andar de um lado para o outro, tal como se tem de fazer. Eu tenho duas filhas pequenas, não estou disposta a ir para o Algarve. Nesta fase, prefiro uma situação mais precária de contratações de escola e ir gerindo. E também é uma coisa geracional, porque deixamos de pensar tanto em carreiras e pensamos mais em trabalho e no que estamos a fazer agora”, explica.

Isabel Aguiar diz compreender que os problemas do ensino possam afastar algumas pessoas – maior dificuldade de progressão, o facto de ser uma profissão menos bem-vista do que era há algumas décadas, a instabilidade a que está associada -, mas insiste que é uma profissão “bonita” e que vale a pena. Ambas insistem. “Acho que algumas pessoas têm receio, acham que não conseguem, mas conseguem, acreditem!…”, incentiva Joana. E partilham o tanto de bom que dela levam: a falta de monotonia, a actualização constante do mundo trazida por cada nova fornada de alunos que entra, o poder abrir mundos às gerações mais jovens. Ou, em síntese, numa frase que ambas partilham: “Cada ano é uma história, cada turma é uma história”.

E, também por isso, o “friozinho” no estômago continua a aparecer, ano após ano. “Falando com os colegas mais antigos, percebo que em cada início de ano escolar estamos sempre todos com medo. É verdade ou é mentira?…”, atira Joana à professora mais velha. “É verdade. Já senti muito frio, agora é só um friozinho no estômago, mas está sempre lá…”, diz Isabel. E isso, dizem, também é uma razão para continuar.

Perguntas e respostas O que esperar de 2024/25? Professores em falta, prioridade às aulas, novas provas

As "velhas" provas de aferição, introduzidas em 1999, vão ser substituídas por provas de monitorização da aprendizagem no ensino básico, todos os exames do secundário voltam a contar para a nota final dos alunos, o Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) apresentou às escolas novas prioridades para a distribuição do serviço lectivo e elaboração dos horários de professores. São várias as novidades anunciadas para o ano lectivo que arranca no próximo dia 12, mas tudo indica que a falta de professores se irá manter e até agravar-se. Este tem sido o maior problema dos últimos anos na área da Educação.

Quantos alunos vão começar o ano lectivo sem todos os professores?
Só mais em cima do momento se saberá, uma vez que as escolas estão a contratar diariamente e haverá resultados de mais um concurso nacional de colocações (reserva de recrutamento) no dia 9. Com base nos pedidos que estão activos em contratação de escola, serão, por agora, cerca de 123 mil, segundo cálculos feitos no blogue de Arlindo Ferreira, especialista em estatísticas da Educação. No ano passado, por esta altura, a mesma fórmula de cálculo apontava para mais de 90 mil. O movimento Missão Escola Pública projecta que no arranque do ano lectivo, a 12 de Setembro, este número possa subir para cerca de 200 mil.

Estão a ser adoptadas medidas para mitigar a falta de professores nas escolas?
A redução do número de alunos sem aulas devido à escassez de docentes foi escolhida pelo Governo como objectivo prioritário. Pretende, por isso, captar 1700 docentes com a atribuição de uma remuneração suplementar a docentes já reformados que optem por voltar a dar aulas e também aos que se encontram à beira da reforma para permanecerem nas escolas; e ainda promover o regresso de docentes que abandonaram a profissão nos últimos anos. Estas medidas já entraram em vigor em conjunto com várias outras como a deslocação de bolseiros de investigação para darem aulas no ensino básico e secundário.

O Governo conta também que, já em Setembro, possa atribuir um subsídio de deslocação (entre 75 e 300 euros) a professores que vão dar aulas nas escolas com maior escassez de docentes, situadas sobretudo nas regiões de Lisboa e do Algarve. Também está prevista a realização de um concurso extraordinário para a entrada nos quadros de professores contratados, com lugares abertos apenas para as mesmas escolas.

Estas duas medidas estão ainda em negociação com os sindicatos de professores. Objectivos: redução em 90% do número de alunos sem aulas no final do 1.º período; no final do ano lectivo, ter "todos os alunos sem interrupções prolongadas". Tanto directores como sindicatos e movimentos de professores têm-se mostrado cépticos quanto ao êxito deste programa de contenção de danos

Que prioridades foram apontadas às escolas para a organização do ano lectivo?
Basicamente, uma: "Dar prioridade absoluta às actividades lectivas." É o que se aponta num guião sobre a organização do ano lectivo que o MECI divulgou no princípio de Agosto, em que se apontam caminhos para garantir que tal seja feito. Por exemplo, a "suspensão de actividades de complemento [apoios] e de enriquecimento curricular, desenvolvimento de projectos, ou outras, mobilizando os docentes afectos a essas actividades ou projectos (com tempos lectivos associados) para leccionarem às turmas onde os alunos estão sem aulas."

O ministério aconselha as escolas a recorrer a profissionais não-docentes "para desenvolvimento de medidas de apoio à aprendizagem, projectos, actividades de enriquecimento curricular e tarefas de gestão de equipamentos, entre outras". O que poderá passar, por exemplo, por contratar psicólogos para o desenvolvimento da medida de apoio tutorial", que se destina a alunos com um historial de retenção e que tem sido garantida por docentes.

Vão ser adoptadas novas medidas de recuperação das aprendizagens?
O ministro da Educação, Fernando Alexandre, anunciou que novas medidas com este objectivo seriam aprovadas pelo Governo em Agosto. Até agora, não foram e o MECI tem-se escusado a apresentar novos prazos.

No guião sobre a organização

Telemóveis, clima, professores... O regresso à escola noutros países

A falta de professores e os alunos sem aulas são temas que marcam o debate em vários países. Mas não só. Breve viagem:

Grécia Telemóveis não entram
Os alunos das escolas da Grécia serão obrigados a manter os seus telemóveis dentro das mochilas durante as aulas já a partir de 11 de Setembro, quando as escolas começarem a funcionar. A novidade foi anunciada pelo primeiro-ministro, Kyriakos Mitsotakis, noticiou o Euronews. "Os telemóveis não devem ter lugar nas escolas", diz o primeiro-ministro grego, que justifica a decisão de proibir o uso de telemóveis nas salas de aula com "dados científicos" que mostram, garante, que o processo de aprendizagem é muito afectado pelo uso dos mesmos. O governante disse esperar também que os problemas de indisciplina diminuam. A medida faz parte de um pacote de 11 mudanças que marcam o arranque do ano lectivo e que incluem, por exemplo, "uma nova abordagem à literatura, dando ênfase à leitura de obras literárias completas em vez de excertos". O objectivo é fomentar o gosto pela leitura e o pensamento crítico entre os alunos.

O uso de *smatphones* nas escolas é um tema que está a marcar o arranque das aulas em vários países. Há experiências de proibição da sua utilização a decorrer em escolas dinamarquesas e belgas, por exemplo.

Espanha Falta de professores e plano para a Matemática
Num relatório publicado em 2023, a Comissão Europeia classificou a falta de professores de ciências, tecnologia, engenharias e matemática como um dos principais problemas do ensino em Espanha, recordou na semana passada o diário *El País*. Mais: esse relatório não hesita em associar a falta de docentes ao

"declínio no desempenho dos alunos", tema caro num dos muitos países que no último grande estudo da OCDE sobre as competências dos jovens aos 15 anos viram os resultados da Matemática piorarem – ainda que a queda tenha sido inferior à média da OCDE. Relatava o *El País* que o défice de professores afecta em maior ou menor grau todas as comunidades autónomas e, como admitem os responsáveis do Ministério da Educação, está a agravar-se. O ano escolar arrancou na semana passada com o anúncio de um plano de reforço das aprendizagens a Matemática que passa, entre outros, pela redução

NELSON GARRIDO

do ano lectivo enviado às escolas, a tutela refere o prolongamento da vigência do plano de recuperação das aprendizagens aprovado pelo Governo PS (Plano 23/24 Escola+), cujo prazo de vida tinha como limite o final do ano lectivo passado. Esta prerrogativa está, contudo, limitada às "acções que foram objecto de candidatura ao Pessoas 20/30 cujo financiamento não tenha sido recebido e executado no ano lectivo 2023/2024".

O que são as provas de monitorização da aprendizagem?
São um novo instrumento de avaliação externa que vai substituir as provas de aferição no 1.º e 2.º ciclos. Ao contrário destas, a sua realização é obrigatória. Esta avaliação volta a ser feita no final de cada ciclo (4.º e 6.º ano) e não a meio como aconteceu nas provas de aferição nos últimos anos. O 8.º ano não será abrangido.

Português e Matemática serão as disciplinas avaliadas, a que se juntará uma terceira, rotativa. Segundo o MECI, em vez de avaliarem o currículo (programas seguidos nas aulas), incidirão sobre as "literacias", ou seja, resumidamente, a capacidade de compreender, interpretar e aplicar os conhecimentos adquiridos. Esta é a abordagem utilizada nos testes internacionais como o PISA (Programme for International Student Assessment), promovido pela OCDE.

Estas provas vão contar para a nota?
Tal como até aqui, não vão contar para a nota final do aluno. Terão uma nova escala de avaliação, de zero a 100 — e não apenas menções desempenho (conseguiu, conseguiu, mas revelou dificuldades, não conseguiu), como acontecia com as provas de aferição. Cada aluno terá uma classificação que será registada na sua ficha individual, mas sem peso na sua nota final. O facto de não terem qualquer peso na classificação do aluno é apontado como um dos principais factores que contribuem para a desvalorização por parte dos próprios alunos, das suas famílias e dos professores.

Para o MECI, tal como para as tutelas anteriores, estas provas têm um valor acrescentado que é o de aferir qual o estado das coisas do sistema educativo no que respeita à aprendizagem dos alunos. E, deste modo, permitir que atempadamente sejam adoptadas medidas par acudir às dificuldades demonstradas por estes. Para que este objectivo possa ser concretizado, o ministério prometeu que os resultados das provas serão entregues antes do arranque do ano lectivo seguinte., o que frequentemente não tem acontecido.

Estas provas serão feitas em formato digital e os seus enunciados não serão divulgados, como até agora, de modo a que os mesmos exercícios possam ser repetidos e garantir assim a "comparabilidade entre anos lectivos".

Há mudanças na avaliação externa do 9.º ano?
A principal mudança só terá efeitos em 2025/2026 e incide sobre o modo como os alunos são preparados para as provas finais do 3.º ciclo, que se realizam no termo do 9.º ano de escolaridade. Como os enunciados não serão tornados públicos após a realização das provas, o que acontecerá já a partir das que estão marcadas 20 e 25 de Junho de 2025, deixará de ser possível o "treino" mais comum em sala de aula (e não só), ou seja, resolver os exercícios propostos nos exames anteriores.

Português e Matemática continuam a ser as disciplinas avaliadas e as provas irão ser feitas em formato digital. Com uma nuance: nesta última disciplina vão ser feitas num formato híbrido, já que haverá também recurso ao papel nos exercícios que exigirem escrita matemática e que seriam mais difíceis de realizar num computador. As provas continuam a contar 30% para a nota final dos alunos.

E no ensino secundário?
Como já tinha sido determinado pelo anterior Governo, o exame de Português do 12.º ano voltará a ser obrigatório para todos os alunos e contará 30% para a nota final. De resto, não haverá mudanças estruturais, por estarem em curso alterações decorrentes de um novo modelo de exames neste nível de ensino, que o anterior Governo aprovou em 2023 e que só abrangerá todos os alunos no ano lectivo 2025/2026.

Segundo o MECI, esta não-alteração das regras privilegia a previsibilidade e evita perturbar o acesso ao ensino superior. Os exames do secundário vão continuar a ser realizados em papel, mas a avaliação será digital. **Clara Viana**

---

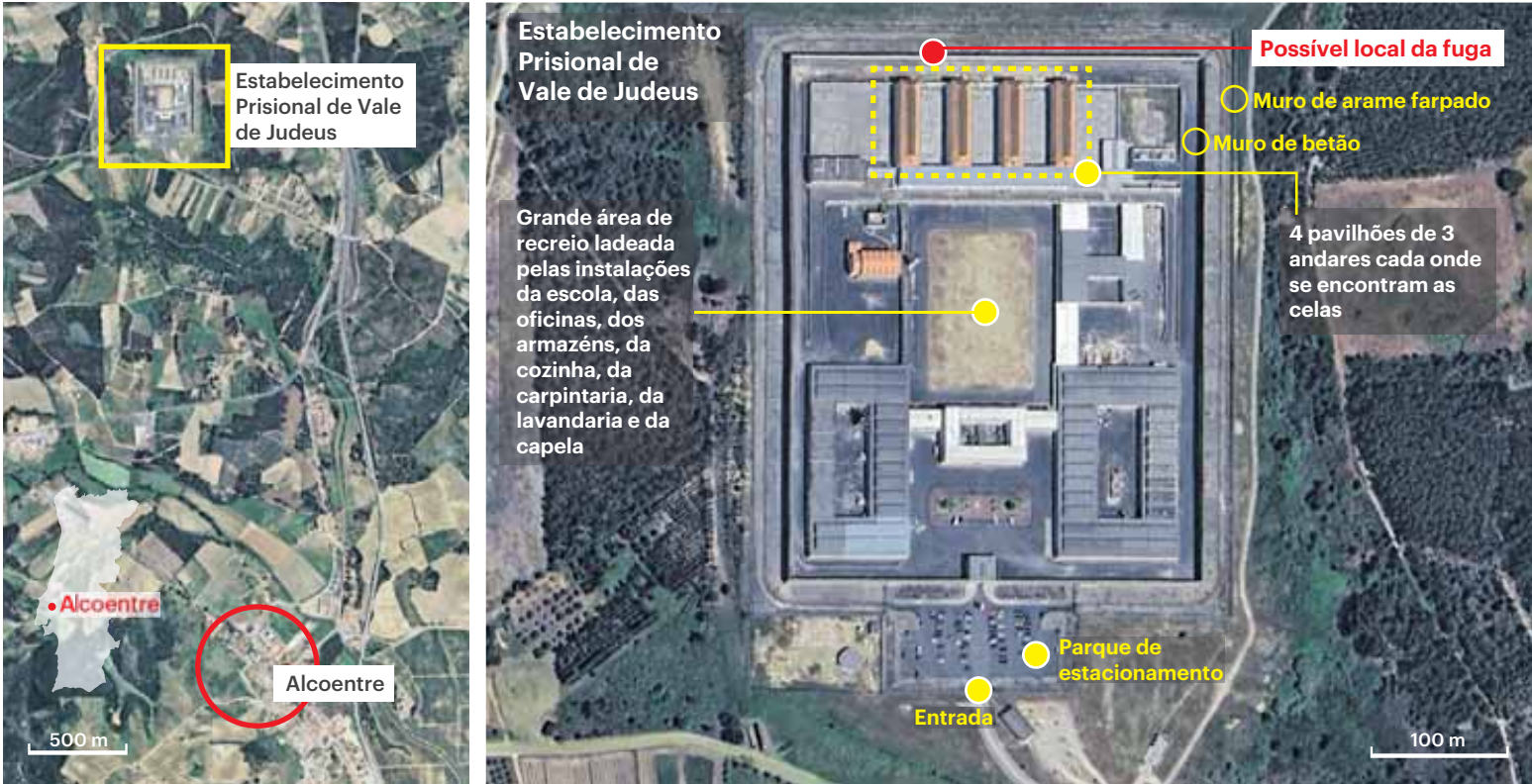
do número de alunos por professor, e por aulas de reforço à disciplina.

Itália Deviam as aulas ser adiadas por causa do calor?
A data de reabertura das escolas em Itália varia consoante as regiões, mas acontece, em geral, na primeira quinzena de Setembro, com Calábria e Toscana entre as regiões que mais tarde abrem as escolas, por volta de 16 de Setembro. Nas últimas semanas, um dos temas que animaram a comunidade educativa foi se este calendário deveria mudar, tendo em conta as alterações climáticas. As queixas de que muitas escolas italianas são demasiado quentes e mal ventiladas, conjugadas com as elevadas temperaturas que, uma vez mais, se fazem sentir em Setembro, levam associações e sindicatos de professores a defender o adiamento do início das aulas para Outubro. Contudo, esta proposta suscita dúvidas às associações de pais que defendem que três meses de encerramento das escolas, do início de Junho ao início de Setembro, já é demasiado tempo, colocando vários desafios às famílias trabalhadoras com filhos.

França Escola começa com experiência de uniforme único
Para já não é obrigatório, mas em

dezenas de escolas públicas francesas o regresso à escola faz-se com um uniforme único para os alunos. O projecto-piloto está em marcha. O Ministério da Educação entende que o uniforme escolar pode ajudar a "melhorar o ambiente nas escolas, a reforçar a coesão e a igualdade, a criar um sentimento de pertença". Se correr bem este ano, será generalizado. Os uniformes serão financiados pelos municípios, departamentos regionais e não deverão custar mais de 200€ por aluno, apesar de haver notícias que apontam para valores bem mais altos. As famílias não pagam nada.

A medida está longe de ser consensual, muitos garantem que o uniforme na escola não tem impacto na igualdade entre alunos, na disciplina ou na aprendizagem. E os sindicatos têm dito que as verdadeiras batalhas da escola pela melhoria do ensino são as que se travam em tantos lugares: aumentar o número de funcionários e os salários, baixar o número de alunos por turma. Na segunda-feira, primeiro dia do calendário oficial, Nicole Belloubet, a ministra da Educação, visitou uma escola no Sul de Paris para dar simbolicamente as boas-vindas aos 12 milhões de alunos do país. **A.S.**

Como é a prisão de alta segurança

Fonte: PÚBLICO; Estabelecimento Prisional de Vale de Judeus; Google Earth

Director das prisões assume falhas, mas não se demite e queixa-se de tribunal

Vale de Judeus tinha 33 guardas para 500 presos e cerca eléctrica nunca funcionou. Autoridades alertam para "perigosidade" dos foragidos. Mal-estar entre PJ e Tribunal de Execução de Penas

Leonor Alhinho e Maria Lopes

Foram várias as falhas que permitiram a cinco reclusos da prisão de alta segurança de Vale de Judeus evadirem-se na manhã de sábado. Mais de 24 horas depois da fuga, os principais responsáveis das forças de segurança e de organismos de coordenação deram ontem a cara numa inédita conferência de imprensa conjunta, em que alertaram a população para a "perigosidade" dos fugitivos e detalharam aquilo que entenderam que podem partilhar dadas as investigações em curso.

A fuga dos cinco detidos foi registada pelos sistemas de videovigilância pelas 9h56, mas só foi detectada e comunicada aos órgãos superiores cerca de 40 minutos depois, quando se deu conta, aquando do regresso às celas individuais, de que faltavam cinco indivíduos.

Luís Neves, director nacional da PJ, garantiu que a fuga revela preparação extrema por parte dos criminosos que estão ligados a "crime organizado" e "com capacidade financeira". "Dos nossos trabalhos, que só levam 20 horas, detectámos que todos os pormenores [da fuga] foram preparados ao mínimo detalhe", explicou, fazendo questão de sublinhar o perigo que os foragidos representam.

"Estamos a falar de gente muito violenta", disse, acrescentando que os reclusos "tudo farão para continuar em liberdade", nomeadamente pôr em causa a vida de outros. "O factor vida humana está em causa", alertou mesmo, repetindo o "grau de complexidade e violência" dos homens.

Os cinco foragidos

Evasão foi no sábado de manhã

Fernando Ribeiro Ferreira
61 anos, português
Condenado a 25 anos pelos crimes de tráfico de estupefacientes, associação criminosa, furto, roubo e rapto.

Rodolfo José Lohrmann
59 anos, argentino
Condenado a 18 anos e 10 meses pelos crimes de associação criminosa, furto, roubo, falsas declarações e branqueamento de capitais.

Shergili Farjiani
40 anos, georgiano
Condenado a sete anos, pelos crimes de furto, violência depois da subtracção e falsificação de documentos.

Fábio Fernandes Santos Loureiro
33 anos, português
Condenado a 25 anos, pelos crimes de tráfico de menor quantidade, associação criminosa, extorsão, branqueamento de capitais, injúria, furto qualificado, resistência e coacção sobre funcionário e condução sem habilitação legal

Mark Cameron Roscaleer
39 anos, britânico
Condenado a nove anos, pelos crimes de sequestro e roubo.

FILIPE AMORIM/LUSA

Responsáveis da GNR, PJ, SSI, prisões e PSP ontem em conferência de imprensa

Por isso, fez um apelo directo: "Peço à população que se abstenha completamente de ter qualquer contacto com estas pessoas. Qualquer informação que tenham, usem os canais normais. Ou seja, o 112", explicou. Contudo, "se o cidadão sentir que tem um grau de proximidade relativo com alguma força policial, deve (em caso de posse de informação útil) usá-la", acrescentou, reforçando a cooperação entre os órgãos.

Já o director dos serviços prisionais, Rui Abrunhosa Gonçalves, revelou que a prisão de Alcoentre tem 33 guardas para cerca de 500 presos e pediu um reforço de efectivos, algo que, disse, tem pedido há vários anos. Assumiu ainda que a cerca eléctrica da prisão nunca funcionou. "Quando era ligada, a electricidade da prisão ia abaixo", assumiu, acrescentando que havia guardas a verem as imagens das câmaras de vigilância mas que houve "falha grave".

Questionado pelos jornalistas sobre um eventual afastamento das suas funções, foi peremptório: "Não acho que devamos atirar a toalha ao chão e se vir que a confiança em mim depositada caiu, não têm de me dizer para sair, eu sairei. Não sinto isso para já, e sair na primeira contrariedade não é a minha forma de estar na vida."

O diretor-geral de Reinserção e Serviços Prisionais insistiu que serão necessários 225 novos guardas prisionais, cujo processo de selecção demora entre um ano e um ano e meio.

"Perigosidade esbatida"

Rui Abrunhosa Gonçalves, acompanhado por Luís Neves, queixou-se do facto de Rodolfo Lohrmann, um dos foragidos, ter sido transferido recentemente de Monsanto, prisão de alta segurança de nível superior a Alcoentre. "Estamos a falar, em particular, de um indivíduo que estava na cadeia de alta segurança de Monsanto e que, por ordem do Tribunal de Execução de Penas, foi dito que não devia continuar na cadeia de Monsanto, contra a nossa opinião técnica", disse.

De acordo com a decisão do tribunal de Execução de Penas sobre Lohrman, a que o PÚBLICO teve acesso, foi considerado em Março deste ano que "a estrutura da associação criminosa constituída pelo impugnante e por outros indivíduos parece encontrar-se no presente desmantelada" e que a "perigosidade emergente" de Rodolfo Lohrman "está também esbatida".

O TEP pronunciou-se a pedido do argentino que recorreu da decisão do director-geral dos serviços prisionais de não permitir a alteração do seu regime de segurança.

Na prática, o TEP considerou que "o recluso tem mantido, no regime em que permanece, um registo exemplar". Defende que é preciso que se explicite a sua "perigosidade actual, fundada na análise progressiva ou regressiva do recluso" e que não basta apenas argumentar "com factos mais ou menos remotos do percurso prisional", como o tribunal acusa a DGRSP de ter usado para recusar o alívio do regime de segurança de Lohrman.

"Com efeito, à luz da actualidade informativa (...) não se extrai do decisório qualquer juízo prognóstico, devidamente fundamentado, que explicite que, por via da perigosidade actual do recluso, não resulte possível a sua afectação a outro regime de execução da pena de prisão."

No parecer são citados diversos relatórios fundamentais para a decisão da direção-geral. Os Serviços Clínicos disseram que o recluso se encontra adequado ao regime em que se encontra; os Serviços de Vigilância e Segurança emitiram parecer desfavorável, alegando que se deve manter o regime de segurança por causa dos pressupostos que determinaram o seu internamento.

Instabilidade nas chefias

A conferência de imprensa teve lugar na sede do Sistema de Segurança Interna (SSI) e estiveram presentes o secretário-geral adjunto do SSI, o director-geral de Reinserção e Serviços Prisionais e os responsáveis da PJ, PSP e GNR.

Esta falha de segurança, que há muitos anos não se verificava, acontece numa altura em que as próprias direcções de alguns destes serviços passam por alguma instabilidade. O Governo deixou sair em Agosto o então secretário-geral do SSI para um cargo junto da NATO sem encontrar um substituto, acabou por "promover" o seu chefe de gabinete a secretário-geral adjunto, cargo que não existia sequer na hierarquia. Aliás, durante a conferência de imprensa, os outros responsáveis dirigiram-se-lhe como "o secretário-geral do SSI em exercício". Já o próprio director da PJ, Luís Neves, terminou o seu mandato e o Governo ainda não decidiu se vai ou não renová-lo.

Sobre a operação policial de "caça ao homem", os vários responsáveis evitaram entrar em pormenores, dizendo apenas que não foi considerado adequado fechar as fronteiras terrestres e que a PSP reforçou a segurança nos aeroportos, ao mesmo tempo que a GNR aumentou o número de operações stop.

"Que haja a presença de espírito para reconhecer que a investigação não é simples e a ideia de que pode haver resultados imediatos é falaciosa", pediu Manuel Vieira, secretário-geral adjunto do SSI.

Marcelo preocupado

"Respeitando naturalmente a liberdade de comunicação e o papel dos órgãos de comunicação social, estou de acordo com o pedido de não se criar alarme nem alarido na opinião pública, para não dificultar as investigações", declarou ontem ao fim do dia o Presidente da República aos jornalistas, durante a Festa do Livro nos jardins do Palácio de Belém, em Lisboa.

Interrogado se este caso constitui um problema de segurança nacional, o chefe de Estado respondeu: "Eu acho que neste momento o sensato é não dizer nada. Quer dizer, é ter mais informação, é ter a informação mais completa possível." "E então da parte do Presidente da República, viram como eu, na tragédia do Douro, estive silencioso até o mais tarde possível, precisamente para ter a certeza de que tinham os dados todos, uma vez que os dados parciais não jogavam uns com os outros", acrescentou, referindo-se à queda de um helicóptero de combate a incêndios florestais, em 30 de Agosto, em que morreram cinco militares da GNR.

Sobre o caso da fuga de cinco reclusos do Estabelecimento Prisional de Vale de Judeus, Marcelo considerou que é preciso "dar tempo, algum tempo" às autoridades competentes para investigarem. "É preferível apurar serena e cabalmente o que se passou e depois informar a ter informações avulsas, dispersas, que por um lado criam confusão, por outro lado esclarecem pouco, e não sei se não podem até facilitar aqueles que fugiram", argumentou.

Questionado sobre o silêncio da ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice, sobre este caso, Marcelo Rebelo de Sousa defendeu que, "antes mesmo de haver uma intervenção do Governo, nomeadamente da senhora ministra da Justiça", é preciso "as autoridades competentes apurarem o que se passou". **Com Lusa**

História

Outras fugas em grupo

Ao longo dos anos, sucederam-se várias fugas colectivas de cadeias portuguesas. A de Julho de 1978 foi a mais espectacular pela forma como foi preparada e pelo número de reclusos que se conseguiram evadir de uma vez só de uma prisão. Foram 124 os homens que fugiram de Vale de Judeus através de um túnel de 35 metros de comprimento e 80 centímetros de diâmetro que tinha sido escavado ao longo de muitos dias. Depois da fuga dos cérebros da operação, mais de uma centena de outros presos aproveitou o túnel para escapar. A maior parte foi detida nos dias seguintes.

Anos mais tarde, em Julho de 1986, aconteceu a fuga mais violenta e sangrenta. Seis reclusos da Colónia Penal de Pinheiro da Cruz evadiram-se de uma forma aparatosa, com contornos de filme de Hollywood, num carro celular, matando três guardas prisionais e ferindo outros dois. Já fora da cadeia, separaram-se em três grupos, andaram a monte, roubaram carros e assaltaram pessoas pelo caminho. Cinco acabaram por ser recapturados e um suicidou-se. Faustino Cavaco, ladrão de bancos com três anteriores homicídios no cadastro, foi o autor dos disparos fatais.

Muito tempo depois, em Agosto de 2007, seis homens conseguiram evadir-se da prisão de Guimarães, depois de manietarem três guardas com ferros retirados de cadeiras. Aproveitando a hora da medicação, pelas 19h30, para controlarem o guarda que os estava a vigiar, subjugaram de seguida outro e ainda agrediram mais um guarda que estava na portaria. Foram capturados nos meses seguintes.

Muito mediatizada foi a evasão, em Fevereiro de 2017, de três reclusos, dois chilenos e um luso-israelita. Detidos preventivamente na prisão de Caxias por furto e roubo, conseguiram escapar da cela pela janela, depois de serrarem as grades. De seguida cortaram a rede exterior e fugiram na madrugada de domingo. Nessa noite, para quase 400 presos, havia apenas dois guardas no interior da prisão, porque outros dois estavam a escoltar um detido num hospital, e mais três estavam em torres de vigilância. Os chilenos foram apanhados no aeroporto de Barajas (Madrid), mas o luso-israelita conseguiu embarcar para Israel, que não extradita cidadãos do país. **A.C.**

Presidente do Observatório de Segurança

"Tem que haver uma auditoria às condições das prisões para que fugas não se repitam"

Entrevista

Alexandra Campos

Bacelar Gouveia Deve voltar-se a separar "o mundo da reinserção do mundo da segurança", defende

MARIA ABRANCHES

A fuga de cinco reclusos do Estabelecimento Prisional de Vale de Judeus no sábado veio evidenciar "uma série de fragilidades e deficiências" do sistema prisional em Portugal, que são "muito graves", considera o presidente do Observatório de Segurança, Criminalidade Organizada e Terrorismo, Jorge Bacelar Gouveia.

Esta fuga de cinco reclusos veio pôr a nu várias vulnerabilidades no funcionamento do sistema prisional. O que falhou?

Sim, veio pôr completamente a nu uma série de fragilidades e de deficiências. Penso que é, desde logo, um problema de recursos humanos – o próprio director-geral [de Reinserção e Serviços Prisionais, Rui Abrunhosa Gonçalves] referiu isso mesmo [na conferência de imprensa de ontem]. Temos que olhar para os rácios porque há regras europeias no que respeita ao número de reclusos para cada guarda prisional. Depois, é um problema também de recursos técnicos e tecnológicos: câmaras de videovigilância que não funcionam ou que são insuficientes; torres de vigia que são desmanteladas e não deviam ser; a cerca eléctrica que não podia ser ligada porque, se fosse, a electricidade da prisão ia abaixo. Acho que tem que haver uma auditoria geral a todas as condições de funcionamento das prisões portuguesas, sobretudo as que são de alta segurança, para que estes casos não se repitam. Claro que é impossível dizer que ninguém mais se vai evadir, mas vai ser preciso criar um grupo de trabalho independente e falar com os sindicatos e os guardas que sabem melhor do que ninguém quais são as deficiências. Eles têm-se queixado, mas ninguém lhes tem ligado.

Como é que o sistema deve ser organizado para que isto não volte a acontecer?

Também é importante sublinhar a questão das lideranças. Estamos numa situação inacreditável, porque não temos, desde Julho, secretário-geral de Segurança Interna, há um adjunto. Não temos igualmente director do estabelecimento prisional [de Vale de Judeus] – ele demitiu-se há quatro meses – e o subdirector parece que está de baixa, segundo ouvi dizer. É evidente que há sempre alguém a guardar os reclusos, mas não é a mesma coisa. É preciso explicar como é que o director-geral de Reinserção e Serviços Prisionais, que acabou por confessar estes problemas na conferência de imprensa, não fez nada e não se indignou e agora fala disto como se fosse uma coisa que correu mal. Isto é uma coisa gravíssima, que ele desvalorizou, ao considerar que foi um acidente de percurso. Tudo isto foi gravíssimo e põe em causa a credibilidade do Estado português do ponto de vista da segurança interna.

A cerca eléctrica não funciona porque a electricidade ia abaixo. Parece uma anedota...

Tudo isto põe em causa a credibilidade do país

Mas há fugas de prisões em todos os países do mundo, mesmo os mais seguros...

Sim, mas neste caso há coisas concretas, como a tal cerca eléctrica que o director-geral disse que não funciona há vários anos, porque a electricidade ia abaixo. Até parece uma anedota... Depois, há outras questões, como a que foi referida por um dirigente sindical: há um guarda que tem a responsabilidade de ver 200 câmaras de videovigilância, 200 quadradinhos. Coitado do guarda, só um super-homem consegue fazer isso. O director-geral pode, internamente, já se ter queixado disto e ninguém lhe ter ligado, mas eu não conseguiria manter-me no lugar com estas falhas de segurança que, a meu ver, são bastante graves.

Se forem apuradas responsabilidades e culpas, ele será responsável, mas também poderá haver responsabilidades dos funcionários do corpo prisional, se tiver havido conivência ou não-cumprimento dos seus deveres, isso tudo tem que ser apurado. Por que é que só comunicaram a fuga duas horas depois à polícia e não logo que tiveram conhecimento, aos 40 minutos? Duas horas é tempo suficiente para os reclusos terem chegado a Espanha de carro. Não tenho uma bola de cristal, mas certamente não estarão em Portugal.

Também criticou o facto de a tutela política ainda não se ter pronunciado publicamente sobre este caso. A quem se refere?

Nesta situação, que é alarmante para o país porque estão em causa cinco reclusos de alta perigosidade, o Governo que dirige a política interna de segurança de um país não diz nada? Não estou a dizer que a ministra da Justiça se devia demitir, estou a dizer que se devia pronunciar. Então não dizem nada, nem o primeiro-ministro, nem a ministra?...

Mas os responsáveis das polícias, o director-geral dos Serviços Prisionais e o secretário-geral adjunto de Segurança Interna deram uma conferência de imprensa conjunta...

Sim, e foi positivo e corajoso por parte das autoridades, mas acho que é um assunto suficientemente importante para que a ministra da Justiça ou o primeiro-ministro se pronunciem, porque a manutenção e a preservação da segurança interna dos cidadãos é uma matéria da competência do Governo.

E o apelo à população?

Faz todo o sentido. O director da Polícia Judiciária esteve bastante bem, disse o que podia dizer. Acho que as imagens dos fugitivos devem ser divulgadas e até em vários formatos, para que as pessoas estejam atentas, não para se alarmarem, mas denunciarem se virem essas pessoas.

Já disse que não concorda com a junção da reinserção social e dos serviços prisionais na mesma direcção-geral. Porquê?

Isso tem que ser revisto, foi uma reforma feita há alguns anos, mas penso que tem que ser repensada porque creio que não está a resultar, até porque os reclusos em cerca de 50% dos casos são reincidentes. Portanto, penso que é possível repensar o modelo por que se juntou na mesma direcção-geral dois mundos muito diferentes – o da segurança e o da reabilitação.

Outras falhas de segurança no Estado

Assalto a Ministério da Administração Interna
A 28 de Agosto, o edifício da secretaria-geral do MAI, em Lisboa, foi assaltado, tendo sido roubados oito computadores.

Acidente com helicóptero do INEM
Um helicóptero do INEM tombou ao aterrar numa pedreira, em Mondim de Basto, durante uma operação de socorro a um trabalhador

Queda de helicóptero de combate a fogos
A 30 de Agosto, um helicóptero despenhou-se no Douro, em Lamego, causando a morte de cinco militares da GNR

Acesso indevido no Aforro Net
Site da Agência de Gestão da Tesouraria e da Dívida Pública esteve suspenso durante duas semanas, devido a "acesso indevido a dados pessoais"

Hospital manda para urgência fechada
Hospital de Santiago do Cacém abriu inquérito depois de ter mandado grávida para Setúbal

Qual é mesmo o estado das prisões?

Editorial

Andreia Sanches

O que fomos ouvindo nas horas que se seguiram [à fuga] só nos pode deixar inquietos sobre o estado daquela prisão e provavelmente de outras

As imagens da prisão de Vale de Judeus, em Alcoentre, mostram uma fuga de cinco reclusos digna de filme de acção que terá sido muitíssimo bem planeada. Mas o que fomos ouvindo nas horas que se seguiram só nos pode deixar inquietos sobre o estado daquela prisão em particular e, provavelmente, de outras.

Ouvimos, por exemplo, que a cerca eléctrica do Estabelecimento Prisional de Vale de Judeus não está, na verdade, electrificada porque, de cada vez que ligavam a corrente, a cadeia ficava sem luz. Ouvimos que este estabelecimento prisional de alta segurança, onde se encontram sobretudo condenados a longas penas, com capacidade para mais de 500 reclusos e um "grau de complexidade de gestão" classificado pelas autoridades como "elevado", está sem director há quatro meses.

Soubemos que houve câmaras que filmaram a fuga, funcionaram, vimos as imagens. Só não é certo se havia ou não alguém dentro da prisão a vê-las em tempo real: "Se não havia, isso é uma falha muito grave de segurança", admitiu o director-geral dos Serviços Prisionais, Rui Abrunhosa Gonçalves.

Estivesse ou não alguém, no momento da fuga, à frente dos ecrãs, o presidente do Observatório de Segurança, Criminalidade Organizada e Terrorismo, Bacelar Gouveia, foi um dos que relataram que, aparentemente, há apenas um guarda responsável por ver as imagens de 200 câmaras ao mesmo tempo. "Só um super-homem consegue fazer isso...", ironizou. Foram depois necessários 40 minutos para que a fuga fosse detectada. E mais ainda para que fosse comunicada às autoridades externas, apesar de estarem em causa foragidos perigosos que representam uma séria ameaça à segurança pública. Por fim, havia 33 guardas ao serviço, número que Abrunhosa Gonçalves diz ser suficiente – apesar de não negar que faltam no país guardas prisionais.

Dirigentes sindicais desdobraram-se em declarações contrariando o director-geral: dizem que tanto em Vale de Judeus como no resto do país faltam guardas e até houve quem acrescentasse que, por causa disso, os das operações especiais não trabalham ao sábado...

É preciso apurar realmente o estado em que se encontram as prisões portuguesas. De forma séria. E a ministra da Justiça, Rita Júdice, que tutela quer a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, quer a PJ que está no terreno a investigar a evasão, já deveria ter vindo a público comprometer-se, no mínimo, com essa avaliação.

O silêncio da ministra, e do Governo, face a um caso tão grave, é incompreensível.

CARTAS AO DIRECTOR

Diz-me com quem andas...

No PÚBLICO de 6 do mês corrente, Alexandra Lucas Coelho confirma que se encontram munições destinadas a Israel, em navio com bandeira portuguesa. A 30/5/24, no mesmo jornal, em artigo da autoria de Manuel Carvalho, lemos: "... Israel tornou-se um Estado terrorista." "Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és."
António Linhan, Harrow (Inglaterra)

Uma ministra em *burnout*

Ana Paula Martins tem por missão definir e conduzir a política nacional de saúde, garantindo uma aplicação e utilização sustentáveis de recursos e a avaliação dos seus resultados. Em vez disso, como governante, a ministra da Saúde sadicamente substituiu um reconhecido e competente CEO do SNS por um desconhecido e desaparecido militar, purgou administrações hospitalares que qualificou como fracas e honrou a sua fama de implacável líder que ganhou aquando da gestão desastrosa do dossier do serviço de Ginecologia e Obstetrícia no Hospital de Santa Maria. E, por isso, foi com apreensão e até constrangimento que na semana passada vimos na TV uma ministra melancólica e cabisbaixa a ler o presumido sucesso do Plano de Emergência da Saúde. Não fosse o pronto auxílio do sempre fresquíssimo e eufórico António Leitão Amaro, ministro da Presidência, a propaganda do Governo escaparia despercebida ao comum dos mortais.
Miguel Guerra, Vila Nova de Gaia

Joana Mortágua e a gestão sádica do SNS

A coordenadora do Bloco de Esquerda acusou o Governo de gestão sádica do SNS, de purgas administrativas e conluio com os privados. Só o uso desta expressão "sádica" diz tudo sobre o ódio que J.M. e o BE nutrem por tudo o que não seja socialista, sendo uma linguagem absolutamente antidemocrática. E constitui uma falta de descaramento total o BE culpar este Governo do estado a que o SNS chegou quando apenas passaram cinco meses da sua tomada de posse.

A verdade é que o SNS começou a ser destruído no dia em que a "geringonça" foi criada, em 2015, e o PS governou o país até Março deste ano. A primeira machadada foi a diminuição da carga horária semanal no SNS de 40 para 35 horas, o que não aconteceu no privado. A seguir aboliram progressivamente as taxas moderadoras nas urgências e consultas que, note-se, não se aplicavam aos utentes de baixos rendimentos, até que em 2022 estavam completamente extintas. A velocidade com que este caminho foi feito teve igual paralelismo na degradação dos serviços, provocando o caos progressivo e irreversível. E a degradação do SNS levou obviamente os profissionais mais qualificados a saírem para o privado, e prova disso é que nunca se construíram tantos hospitais privados, nem houve um acréscimo exponencial de subscrição de seguros de saúde como no tempo dos governos à esquerda de 2015 a 2024.

Também é claro que um governo responsável deve exigir o mesmo das administrações hospitalares e, caso sejam incompetentes, devem ser demitidas. Se não há médicos e outros profissionais nos hospitais e centros de saúde públicos, é perfeitamente legítimo que os sectores social e privado sejam incluídos na solução de dar melhor resposta às necessidades de saúde dos portugueses. O que já não é tão óbvio é manter o estado de coisas actual, tão do agrado do BE e da sua agenda mediática.
Armando Carvalho, Barcarena

Artigo do ministro da Educação

Li e achei que podia ter sido escrito por qualquer dos muitos anteriores ministros da Educação. A situação é grave. Há muitos alunos sem aulas. A educação é uma prioridade para este Governo. Tomaram-se medidas corajosas, etc. Houve ministros, lá para trás, que disseram que com a diminuição da natalidade não eram precisos mais professores (!), mas deixemos esses e tudo o resto está na unanimidade. A frase do actual ministro, Fernando Alexandre, com destaque no PÚBLICO, "No final do primeiro período, 20.887 alunos não tinham tido aulas a uma disciplina desde o início do ano lectivo. O Governo fixou como objectivo reduzir este número em 90%" faz-me temer que não seja a redução de 90%, mas que seja o número 90% do anterior, isto é, a redução seja da ordem de 10%. Se o português é uma língua muito falsa, também não é falso que os governos conseguem em geral arranjar maneira de mostrar ter tido sempre êxito nos seus objectivos.
M. Helena Cabral, Carcavelos

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles **cartasdirector@publico.pt**

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ESCRITO NA PEDRA

A arte é um resumo da natureza feito pela imaginação
Eça de Queirós (1845-1900), escritor

O NÚMERO

75

anos é a idade de Edmundo González Urrutia, opositor de Nicolás Maduro, agora no exílio

O circuito dos *zombies*

Ainda ontem

Miguel Esteves Cardoso

Já ninguém lê um livro sobre Portugal antes de vir cá passar férias. E um livro até se lê bem enquanto se espera no aeroporto e no avião.

Mesmo os livros ranhosos continham boas sugestões. Eram escritos por quem já cá tinha estado mais de uma semana e eram revistos por quem percebia do assunto: um português ou um residente ou um especialista.

Hoje em dia, esses livros nem sequer aparecem nos alfarrabistas, tal é o desinteresse por esses guias ultrapassados, feitos para quem viajava nos anos 90 e no princípio do século. No entanto, aquilo que continham que não era sobre modas passageiras, que falava de história, cultura, geografia e estética, continua a ser valioso para quem nos visita sem saber nada sobre nós.

O que é incrível é que os turistas que se encaminham para cá se limitem a consultar, no telemóvel, o que outros turistas recomendaram depois de ter cá passado uma semana a ler as recomendações dos turistas anteriores. A fórmula é sempre a mesma: para quem tem 24 horas, 48 horas ou, idealmente, para quem é viciado no conhecimento profundo das civilizações alheias, 72 horas.

Temos assim os ignorantes a refrescar a ignorância com a sabedoria dos ignorantes antecessores. Forma-se assim uma cadeia eterna de ignorância, perpetuando as mesmas asneiras e as mesmas péssimas ideias, em que cada estupidez está de mão dada com a estupidez que se segue.

É vê-los, amontoados nos mesmos lugares, como se procurassem a segurança das multidões, fotografando as mesmas coisas, sempre com o cuidado de não apanhar outro turista no enquadramento: um desafio cada vez mais aliciante.

Dantes, ainda perguntavam aos indígenas. Mas os indígenas são cada vez mais difíceis de encontrar e, quando se apanha um a jeito, tendem a não ser tão sábios e eloquentes como os condutores de *tuk-tuks*.

A vantagem deste circuito fechado - tão mental como geográfico - é que facilita a fuga aos turistas. Até o indígena mais distraído consegue contorná-los.

ZOOM HANÓI

LUONG THAI LINH/EPA

O tufão *Yagi*, uma das tempestades mais violentas a atingir a região asiática este ano, alcançou o Norte do Vietname a 7 de Setembro, matando quatro pessoas e ferindo outras 78, segundo os meios de comunicação social locais

P

publico.pt

Lisboa (sede: editor e redacção)
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Agosto **19.838 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • **assinaturas@publico.pt**

Armando Rodrigues de Sá: o português dos alemães

Clara Ervedosa

Vasco da Gama e Fernão de Magalhães: estes são nomes de que qualquer português já ouviu falar. Mas quem já ouviu o nome de Armando Rodrigues de Sá?! Por seu turno, muitos alemães nunca ouviram falar de descobridores portugueses, mas já depararam com o rosto de Armando de Sá. Pois a fotografia a preto e branco do português a chegar timidamente à estação de caminhos-de-ferro em Colónia-Deuz a 10 de Setembro de 1964 - faz amanhã 60 anos -, e a ser recebido efusivamente por empresários, políticos e jornalistas alemães, é hoje um lugar de memória na Alemanha. Ela simboliza um *turning point* na história do país, nomeadamente a chegada dos *Gastarbeiter*, dos primeiros imigrantes, e assim, a passagem de uma sociedade "etnicamente homogénea" para uma sociedade diversa.

Dos seus 81 milhões de habitantes, 24 milhões têm hoje um passado migratório, ou seja, eles ou os seus pais emigraram para a Alemanha pós-guerra. Contrastando com os EUA, o Canadá ou o Reino Unido, a maior parte deles não são de países extracontinentais e antigas colónias, mas sim europeus do Sul. Só os recentes refugiados da Ucrânia vieram suplantá-los.

Mas quem foi Armando de Sá e porque se tornou ele o rosto da imigração na Alemanha? Nascido em Nelas, Viseu, em 1926, no seio de uma família de lavradores, o carpinteiro Armando de Sá partiu para a Alemanha em 1964. Nesse ano, Portugal e a RFA assinavam um contrato de recrutamento laboral que celebra este ano 60 anos e que serviu de enquadramento legal para a imigração da maioria dos 170.000 portugueses até 1973, altura em que o Governo alemão cessou o recrutamento. O acaso quis que a associação de empresários alemães elegesse Sá como o milésimo imigrante e festejasse este recorde numa cerimónia a 10 de Setembro de 1964 com música e uma motorizada Zündapp Sport Combinette de presente e um aparato de jornalistas à chegada. A eles se deve a famosa fotografia, inúmeras vezes reproduzida em jornais, *posters*, catálogos e livros de História.

Na altura, a Alemanha Ocidental assistia a um ressurgimento espetacular da sua economia - o conhecido "milagre económico". Se até então tinha saciado a sua fome de mão-de-obra, sacrificada na guerra, com a emigração proveniente da Alemanha Oriental, a construção do Muro de Berlim pôs um travão a essa fonte laboral. Passou, pois, a recorrer a outros países, essencialmente do Sul europeu, onde predominavam a agricultura e a falta de emprego. Após a derrota das suas aspirações imperiais nazis, principalmente no Leste europeu, a Alemanha selava assim tratados com países como Portugal, onde se assistia aos últimos anos do império e à Guerra Colonial. O primeiro acordo foi assinado com a Itália em 1955, seguido dos tratados com a Espanha e Grécia em 1960, a Turquia em 1961, Marrocos em 1963 e um ano depois com Portugal.

O dia-a-dia de Rodrigues de Sá como imigrante nada tinha das aspirações imperiais do seu país de origem nem da receção festiva que lhe foi feita à chegada. Tal como os outros imigrantes, trabalhava no setor baixo, na construção, fazia horas extraordinárias e levava uma vida frugal para conseguir enviar cerca de 500 marcos mensais para a família em Portugal, que visitava regularmente. Por seu turno, a sua família nunca o pôde visitar nem Sá conseguiu realizar o sonho de levar a esposa e os dois filhos consigo. Aos 44 anos, foi-lhe diagnosticada uma doença maligna, pelo que não regressaria à Alemanha. Uma parte das poupanças e da reforma, pedida antecipadamente porque desconhecia o seu direito a subsídio de doença, foram gastas no seu tratamento. Morreu de cancro de estômago em 1978, com apenas 53 anos de idade.

Sá, tal como os milhões de emigrantes portugueses espalhados pelo mundo, foi, de certa forma, um descobridor. Apesar do seu grau de formação e recursos parcos, teve a coragem de partir para um país desconhecido para ajudar a sua família. Não rumou para a África ou América, mas para um país pós-fascista do Norte, enfrentando um clima social e laboral difícil. Não obstante milhões de portugueses partilharem o seu destino, incluindo portugueses formados, não obstante vivenciarem mesmo exclusão e racismo, pouco se sabe sobre as suas vidas.

Dos seus 81 milhões de habitantes, 24 milhões têm hoje um passado migratório, ou seja, eles ou os seus pais emigraram para a Alemanha pós-guerra

DR

As suas poupanças constituem um pilar fundamental da economia portuguesa - no entanto, a migração como sina nacional não se inscreveu na narrativa do país. Não há um monumento, um centro de estudos ou museu dedicado ao tema que se tenha registado na memória coletiva nacional. O que é que isto revela sobre a sociedade portuguesa, ainda atraída pela narrativa das descobertas como elemento de identificação?! Que somos o país da não-inscrição, como afirmou José Gil?! Que os meios de comunicação pouco se interessam pelo tema? Que a política reprime o tema migração, tradicional válvula de escape para os problemas do país, por ser fruto das suas decisões políticas?! Que somos uma sociedade classista e até existe uma "vergonha coletiva", no sentido que lhe foi dado por Didier Eribon, da origem de muitos portugueses, preferindo nós adular o que é estrangeiro?!

Seja qual for a razão, não admira que a Zündapp que era orgulho de Sá e que ele levou para Portugal logo que pôde esteja novamente na Alemanha, mais precisamente no museu *Haus der Geschichte*, em Bonn. A fotografia dele a ser brindado com a mota à sua chegada inscreveu-se de tal forma na memória coletiva alemã que um estudo foi encomendado para se descobrir o seu paradeiro - foi adquirida por 10.000 marcos e integra agora a sua exposição permanente. Apesar de a migração continuar a ser um tema negativo na Alemanha e ser até usada como bode expiatório, há uma crescente consciencialização sobre o tema: museus e universidades começam a aperceber-se da necessidade de valorizar as experiências migratórias.

Se a inscrição da migração nas narrativas nacionais é débil, tal é ainda mais marcante a nível europeu. Emigrantes como Sá foram, de certa forma, europeus *avantgarde*. Eles possibilitaram os primeiros encontros europeus após um período de exacerbação nacionalista e fascista que desembocaram na Segunda Guerra Mundial. Graças a eles, as sociedades aonde chegaram são hoje mais abertas, diversas e culturalmente mais ricas. A ausência de uma memória transnacional e europeia em torno desta fotografia contraria não só a retórica da Europa como casa comum e da mobilidade como um dos seus pilares fundamentais, mas facilita também que o tema seja sequestrado por discursos xenófobos, principalmente da extrema-direita. Sá era português, porém a memória coletiva da sua vida não é portuguesa nem europeia, mas alemã. Mais de meio século após a sua partida, Sá continua a ser o português dos alemães.

Investigadora do Centro de Estudos Sociais/Universidade de Coimbra

Casa do Douro: o Douro precisa de futuro, não de um regresso ao passado

Luís Mira

Quem não quiser ser associado, resta-lhe abandonar ou vender as suas vinhas e dedicar-se a outra atividade qualquer

É oficial: a Casa do Douro, com a convocação de eleições, através de portaria do Governo, para 19 de dezembro deste ano, recuou ao estatuto de associação pública de inscrição obrigatória, como era timbre no tempo do Estado Novo.

Agora, quem produz na região tem que obrigatoriamente ser associado da Casa do Douro, pagar as quotas que lhe forem impostas e sujeitar-se aos ditames de uma qualquer direção de turno que esteja em funções. Quem não quiser ser associado, resta-lhe abandonar ou vender as suas vinhas e dedicar-se a outra atividade qualquer.

Quem leia os estatutos da nova Casa do Douro (Lei n.º 28/2024, de 28 de fevereiro), aprovados na anterior legislatura, verificará que esta se transformou numa companhia majestática, à qual foi atribuída uma imensidão de privilégios inimagináveis, alguns deles muito provavelmente incompatíveis com regras comunitárias respeitantes à concorrência, ao funcionamento do mercado interno e à liberdade económica e comercial no espaço europeu. Da alínea a) à alínea y) do art.º 3.º dos referidos estatutos, as suas competências e atribuições são tantas e tão amplas que na prática foi criado um Estado dentro do Estado. É obra!

A origem desta situação aberrante e única no contexto associativo português explica-se rapidamente: criada em 1932 e instalada no Peso da Régua, a Casa do Douro evoluiu de organização corporativa para associação pública, com preocupações de regulação do mercado e de representação da viticultura duriense.

Problemas financeiros identificados desde os anos 80 atingiram uns impressionantes 160 milhões de euros de dívida em 2014, data em que o Governo PSD/CDS-PP liderado por Passos Coelho decidiu privatizar a Casa do Douro, tendo os estatutos sido alterados, e bem, para "associação com gestão privada e inscrição facultativa". A gestão foi posteriormente entregue, após concurso público, à Federação Renovação Douro. O contribuinte, finalmente, deixava de ser chamado a pagar os desmandos de uma gestão não profissional e em todos os momentos deficitários suportada pelo Estado. E os produtores, finalmente, podiam organizar-se como numa economia de mercado se devem poder organizar: livremente.

MANUEL ROBERTO

Mas com os governos do PS e com apoio da esquerda, a partir de finais de 2015, a questão passou a ser não a do que era melhor para a Casa do Douro e para os viticultores, mas a de ter uma vitória política e reverter a privatização da gestão decidida pelo Governo PSD/CDS, sem qualquer respeito pelo contribuinte e, em simultâneo, piscando o olho aos municípios, que passariam a ter protagonismo nos destinos da Casa do Douro.

Em 2019, o Presidente da República ainda vetou a reinstitucionalização da Casa do Douro como associação pública e de inscrição obrigatória, com a recomendação de "reflexão adicional" sobre os "contornos concretos, em particular o exercício de funções reservadas a entidades patronais e sindicais". E, no ano seguinte, o Tribunal Constitucional apontou inconstitucionalidades à lei, nomeadamente uma insuficiência na definição de competências de natureza pública.

Contudo, a pulsão de reverter a decisão de Passos Coelho continuava viva e falou mais alto, e assim, sem estudos ou pareceres, sem qualquer outra lógica que não fosse ideológica e politicamente motivada, o PS e os partidos à sua esquerda voltaram à carga, aprovando no Parlamento, no início deste ano, uma lei (a que já referi) para "restaurar" a Casa do Douro como associação pública de inscrição obrigatória.

O Governo conta com o apoio incondicional da CAP e de todos os viticultores do Douro se decidir suspender o processo eleitoral [na Casa do Douro]

Reverter a decisão de privatização, quase uma década volvida, falou mais alto do que a defesa do interesse público e do que a liberdade associativa. Desta forma, com os votos a favor do PS, PCP, BE, PAN, Livre e do deputado social-democrata Artur Soveral de Andrade, com a abstenção do PSD, e os votos contra do Chega, Iniciativa Liberal e do deputado socialista Capoulas Santos (honra lhes seja feita!), o país regrediu no tempo e a Casa do Douro e os seus estatutos apresentam-se hoje orgulhosamente como uma homenagem viva ao dr. António de Oliveira Salazar e ao seu regime.

Seria de esperar que o atual Governo, suportado pelos mesmos dois partidos que em 2014 tiveram a coragem de pôr fim à estatização da Casa do Douro, acarinhasse a liberdade associativa e que impedisse a concretização deste disparate cuja fatura irá de novo parar à carteira dos contribuintes.

O Governo teria, no Parlamento, apoio mais do que suficiente para revogar a lei aprovada no princípio deste ano. Porque não o fez, e decidiu dar respaldo à solução em vigor e convocar eleições para a Casa do Douro, só o Governo poderá explicar.

O Douro enfrenta atualmente a sua pior crise de sempre. É com liberdade associativa que se resolvem os problemas do setor, não com soluções datadas no tempo e que são contrárias ao funcionamento do mercado e da economia. Esta sovietização da Casa do Douro a nada e a ninguém beneficia, com a exceção, talvez, dos municípios e de alguns caciques locais.

É que, ao usurpar funções até agora cometidas a associações de viticultores livremente constituídas, e a organismos públicos já existentes como IVV e o IVDP, e ao tornar obrigatória a participação, impondo o pagamento de quotas a todos os viticultores durienses, a consequência natural será a decapitação do movimento associativo e o desaparecimento de associações livremente constituídas. Estará o Governo plenamente consciente desta realidade?

É importante que o Governo perceba que este é um recuo gigantesco no que respeita à liberdade associativa.

Governar implica fazer escolhas. Nem todas são fáceis, nem todas são populares. O Governo de hoje é suportado pelos partidos que, corajosamente, em 2014, fizeram o que era imperativo que fosse feito. Uma década depois, abandonam esse legado de que se deveriam orgulhar? O Governo deve pôr a mão na consciência e corrigir esta situação.

Às vezes, fazer marcha atrás é difícil, mas quando a razão tem força, deve-se usar a força da razão. O Governo conta com o apoio incondicional da CAP e de todos os viticultores do Douro se decidir suspender o processo eleitoral e se quiser fazer o que é correto: devolver à Casa do Douro o estatuto atribuído em 2014 e repensar formas de financiamento que não penalizem os contribuintes. O Douro precisa de futuro, não de um regresso ao passado.

Secretário-geral da Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP)

PCP põe pressão sobre OE e pede “responsabilidade” sem “manobras”

Paulo Raimundo, secretário-geral do PCP, acusou Pedro Nuno Santos de se preparar para “a partir de serviços mínimos a que chama linhas vermelhas”, “justificar a viabilização da política em curso”

Ana Bacelar Begonha Texto
Catarina Póvoa Fotografia

Paulo Raimundo, ontem, na Quinta da Atalaia, Seixal

Com críticas a um PS que pede “serviços mínimos” e a um Governo “apostado na propaganda”, Paulo Raimundo usou a Festa do *Avante!* para pressionar os partidos de direita e os socialistas a responderem “ao país real” no Orçamento do Estado: “Que cada um assuma responsabilidades sem jogos de sombras e sem manobras”, pediu, avisando, em particular, o PS de que “não se pode ficar em cima do muro”.

Das “lebres de corrida das velhas receitas saudosistas e reaccionárias”, em que inclui o Chega e a IL, a um Governo que dá “lustro à agenda de interesses do capital”, passando por um PS que “escancarou as portas” ao “rumo desastroso” do país, ninguém escapou às críticas de Paulo Raimundo, durante o discurso de encerramento da *rentrée* do partido.

Mas foi ao PS que o líder dos comunistas deixou o primeiro aviso. Falando para uma plateia cheia de bandeiras do PCP, Raimundo defendeu que o partido de Pedro Nuno Santos “se prepara agora, a partir de serviços mínimos, a que chama linhas vermelhas, para justificar a viabilização da política em curso”, numa referência ao facto de o líder do PS ter colocado como condições que o documento não inclua a descida do IRC e o IRS Jovem. E advertiu que, perante o “projecto” do Governo, “não se pode ficar em cima do muro”. “Ou se está com os que querem aprofundar a política de direita” ou com “as forças de Abril e da Constituição”.

Fazendo equivalências entre PSD e PS, que acusa de estarem “vergados às ordens da UE” ou aos “interesses dos grupos económicos”, o comunista acusou também o Governo de estar a pôr em prática uma “agenda de exploração, destruição dos serviços públicos e alienação dos interesses nacionais”. E deixou igualmente um aviso: “Ou se governa para a maioria ou se está ao serviço de uma minoria”, algo que apelou que a seja já esclarecido no Orçamento do Estado.

O secretário-geral do PCP rejeitou a “chantagem da instabilidade política”, defendendo que a “verdadeira instabilidade é a da vida das pessoas”. E criticou a direita e o PS por falarem do “Orçamento como se não existisse um país real”. “Falam de referendos, ‘linhas vermelhas’, ultimatos e afins, quando o que se impõe é responder, e já”, aos problemas da saúde, trabalhadores e reformados, habitação, crianças, estudantes ou imigrantes.

> “É a vida real que precisa de estabilidade”, apelou Paulo Raimundo, que assestou baterias ao PS de Pedro Nuno Santos

“É a vida real que precisa de estabilidade, que não terá mais uma vez resposta no Orçamento do Estado de um Governo apostado na propaganda e na ilusão”, argumentou, apelando a que “cada um assuma as suas responsabilidades sem jogos de sombras e sem manobras”.

Do lado do PCP, defendeu uma série de medidas para mostrar que “há resposta para os problemas nacionais”, como 100 mil novas vagas e uma rede pública de creches gratuitas, a valorização dos profissionais de saúde, o fim das privatizações – como a da TAP, que diz ser “um crime económico” – ou 1% do PIB para habitação pública. E anunciou que o PCP vai lançar uma “campanha nacional para colocar os salários no centro do debate político”.

Raimundo garantiu ainda que vai “confrontar o Governo na Assembleia da República” com a situação na educação e insistir numa comissão de inquérito à privatização da ANA.

“Palestina vencerá”

A política internacional não ficou de fora e, aí, a Palestina foi a protagonista. O líder do PCP começou por saudar o “corajoso povo palestiniano” e vincou a “solidariedade” do PCP “para com a sua luta libertadora”, o que levantou palmas e gritos da plateia: “Palestina vencerá!”, ouviu-se em uníssono.

Lado a lado com os dirigentes da festa, do PCP e da JCP, Paulo Raimundo acusou Israel de estar a cometer um “genocídio” contra a Palestina, “com o apoio dos Estados Unidos da América e da União Europeia”, que criticou por não terem “uma iniciativa” para exigir o cessar-fogo ou o reconhecimento da Palestina. “São hipócritas, cúmplices e promotores do massacre em curso e, mais cedo ou mais tarde, vão ter de responder por isso”, alertou, lembrando também como o Governo português “teima em não reconhecer” o Estado palestiniano.

As restantes menções foram para a China, que inclui nos “exemplos de resistência e processos de mudança” que “põem em causa a “ordem imperialista”, e para Cuba, Venezuela e o povo sarauí, que diz serem mostras de “resistência heróica e um factor de esperança e confiança”.

Já os EUA, vaiados em todas as ocasiões, mereceram acusações de “recorrer ao seu braço armado, a NATO”, e ao “fascismo para intensificar as provocações, chantagens, sanções, bloqueios, ingerências, golpes e guerras”.

Marcelo convoca Conselho de Estado para duas semanas antes do Orçamento do Estado

Está previsto que na reunião de 1 de Outubro seja analisada a "situação económica e financeira internacional e nacional"

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, convocou uma reunião do Conselho de Estado para 1 de Outubro para analisar a situação económica e financeira internacional e nacional.

"O Presidente da República convocou o Conselho de Estado para o próximo dia 1 de Outubro, pelas 17 horas, no Palácio de Belém, para analisar a situação económica e financeira internacional e nacional", lê-se numa nota divulgada ontem.

Esta reunião do órgão político de consulta presidencial acontecerá antes da entrega da proposta de Orçamento do Estado para 2025 pelo Governo na Assembleia da República, prevista para 10 de Outubro, e numa altura em que o Presidente tem feito pressão pública para que os partidos se entendam para aprovar o próximo Orçamento.

A última reunião do Conselho de Estado aconteceu em Julho e serviu

Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República

para analisar a situação da Ucrânia, na sequência da conferência sobre a paz realizada na Suíça e da Cimeira da NATO. Durou cerca de três horas e meia e teve três ausências. Segundo fonte da Presidência da República, não compareceram os antigos presidentes da República António Ramalho Eanes e Aníbal Cavaco Silva e o conselheiro Carlos César.

A reunião convocada para dia 1 de Outubro deverá debruçar-se sobre a necessidade de o país ter um Orçamento do Estado aprovado nos calendários normais, ou seja, em Novembro, algo que Marcelo não se tem cansado de repetir face à instabilidade provocada pela existência de um governo minoritário.

Luís Montenegro tem insistido com o PS para que este viabilize o documento, mas as duas partes estão ainda muito longe de um consenso mínimo, havendo nova ronda de reuniões de negociação marcada para amanhã. Pedro Nuno Santos estabeleceu como linhas vermelhas o Governo deixar cair as suas propostas de IRC e IRS Jovem.

No ano passado, as reuniões do Conselho de Estado nesta época do ano revelaram-se polémicas. Marcelo convocou uma reunião em Julho que não deu por concluído o debate, tendo a segunda parte sido realizada em Setembro. O então primeiro-ministro saiu mais cedo da reunião de Julho, por motivos de agenda. Mais tarde, António Costa viria a criticar as fugas de informação sobre o que se passava dentro das reuniões daquele órgão consultivo do Presidente, com quem mantinha relações tensas. **PÚBLICO/Lusa**

Santana diz ter qualidades para ser Presidente da República e critica Gouveia e Melo

"Preocupo-me muito. Se não for eu, hei-de fazer tudo para que seja eleito alguém que tenha bom senso", afirmou Santana Lopes

O antigo primeiro-ministro Pedro Santana Lopes considerou no sábado ter as qualidades para "exercer bem a função" de Presidente da República, mas remeteu para mais tarde a decisão sobre uma eventual candidatura às eleições presidenciais em 2026.

"Tenho a certeza de que sei o suficiente para poder exercer bem essa função", defendeu.

O antigo líder do PSD lembrou o seu percurso como autarca, secretário de Estado, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e primeiro-ministro, dizendo conhecer "muito bem o país todo".

"Já fui dissolvido" pelo antigo Presidente Jorge Sampaio, acrescentou no sábado à noite, indicando que, se for candidato, espera não fazer a outros o que lhe fizeram a si.

Pedro Santana Lopes foi o orador convidado do último jantar-conferência da 10.ª edição da Escola de Quadros do CDS-PP, que decorreu em Santa Maria da Feira, no distrito de Aveiro.

Questionado sobre uma eventual candidatura à Presidência da República em 2026, Santana Lopes disse não saber e assinalou que "o mundo anda tão depressa". "Isto não é conversa, não é politiquez. Palavra de honra que não sei, mesmo que eu tivesse sondagens muito boas hoje em dia, eu diria não sei, porque isto muda tudo num instante. Acho que é preciso ter calma", disse.

O autarca referiu que o "caminho normal" será recandidatar-se à liderança da Câmara Municipal da Figueira da Foz em 2025 e confidenciou que "ainda ontem" (sexta-feira passada) foi convidado para "ser candidato a outra câmara de uma terra muito grande".

"Correr por correr tenho mais que fazer, já corri muito, não preciso de notoriedade, graças a Deus. Agora, preocupo-me muito - se não for eu, hei-de fazer tudo para que seja eleito alguém que tenha bom senso", indicou. Há um ano, Pedro Santana Lopes atirou a decisão sobre a corrida às presidenciais para meados deste ano.

"Com todo o respeito pelo almirante [Gouveia e Melo], não se escolhe assim. Uma coisa é organizar um sistema de vacinação, outra coisa é ser Presidente da República", sustentou, defendendo que um chefe de Estado "tem de ter categoria".

Questionado sobre que outro candidato poderia condicionar a sua decisão, o presidente da câmara da Figueira da Foz disse que "há pessoas com quem ficava mais tranquilo", nomeadamente Leonor Beleza ou Pedro Passos Coelho, mas referiu que nenhum dos dois tem intenção de se candidatar a Belém. **Lusa**

Margarida Balseiro Lopes, a ministra "corajosa" ou com "ambição excessiva"

Perfil

Ana Bacelar Begonha

A ministra da Juventude, que defendeu o termo "pessoas que menstruam", protagonizou alguns episódios mediáticos

A jovem deputada e líder da JSD que, durante o tempo de Rui Rio à frente do PSD, foi contra a posição maioritária do partido para defender a eutanásia ou os debates quinzenais é hoje a ministra de Luís Montenegro que dá a cara pelo Governo para defender políticas para as pessoas LGTBQI+ ou o uso de linguagem neutra, apesar das divergências que isso cria com o CDS. Há quem a veja como alguém com "ambição excessiva" e ideias que "fogem ao PSD tradicional", mas também quem a apelide de "corajosa" e "verdadeiramente social-democrata".

Natural da Marinha Grande, Balseiro Lopes está a caminho dos 35 anos e é a ministra mais jovem de sempre. Mas não chegou lá sem passar por outros voos antes, como a liderança da JSD e a bancada do PSD. Na Assembleia da República, ficou conhecida por contrariar mais do que uma vez a posição do partido, tendo votado contra o fim dos debates quinzenais Governo-deputados ou a favor da despenalização da morte medicamente assistida. O momento em que abraçou Isabel Moreira, deputada do PS, após o chumbo da eutanásia, em 2018, não passou despercebido pelas câmaras.

São episódios como esses que levam as pessoas à sua volta a falar da também vice-presidente do PSD como alguém que "nunca deixa de dar opinião" ou "corajosa". É assim que a descrevem Alexandre Poço, ex-líder da JSD e deputado, e Isabel Moreira (PS), que destaca também o "trato com os colegas das várias bancadas" que Balseiro Lopes tinha quando era deputada. O discurso que fez no 25 de Abril de 2018, em que se dirigiu a cada um dos líderes dos partidos individualmente, foi um "exemplo dessa forma de estar no Parlamento e na política" que, segundo a socialista, se está a "perder".

A própria dirigente social-democrata assumiu querer conservar as suas convicções, numa entrevista à Antena 3 de 2022, em que defendeu que "é muito importante mantermos a nossa personalidade" e "liberdade" dentro do partido. Mas se isso lhe vale elogios, também vale reparos. Recentemente, foi criticada por vozes mais conservadoras, que a acusam de ir contra a matriz do PSD, por ter defendido que devem existir "políticas para pessoas que menstruam onde se incluem as pessoas transgénero e não-binárias" e ser utilizada uma "linguagem neutra do ponto de vista do género" sobre produtos menstruais.

De "*woke*" a "alinhada"

Foi o caso de Bruno Vitorino, deputado do PSD, que defendeu que a ministra seguiu a "agenda *woke*" e adoptou "a linguagem do BE para defender o indefensável e ir contra aquilo que é a tradição e a prática no PSD". Já José Miguel Júdice, advogado e comentador da SIC Notícias, que foi militante do PSD e membro do MDLP, acusou Balseiro Lopes de "ingenuidade" e "ambição excessiva, cedo de mais, para ser a expressão de um novo PSD, um pós-PSD, que corte amarras com a base conservadora para ir à procura de uma nova base".

Enquanto ministra, Balseiro Lopes fala pelo Governo, mas o CDS afastou-se do posicionamento da governante, num requerimento enviado ao executivo, em que recorda que estas questões não fazem parte do acordo de coligação da Aliança Democrática.

O PSD, com Balseiro Lopes incluída, tem votado contra políticas para as pessoas LGBTQI+, como a autodeterminação de género nas escolas ou a mudança de nome e sexo no registo civil aos 16 anos, por exemplo. Mas Alexandre Poço rejeita que a dirigente nacional não esteja "completamente alinhada" com o partido, defendendo que "o PSD respeita os direitos humanos".

O deputado explica que a ministra tem "uma concepção liberal da liberdade como valor primeiro de afirmação das pessoas e da dignidade humana", mas também que é "verdadeiramente social-democrata", na medida em que defende "a igualdade de oportunidades". "A Margarida conjuga o respeito pela liberdade de cada pessoa, essa crença forte do liberalismo, com uma noção forte de combate às injustiças e desigualdades sociais e ao papel que o Estado deve ter nesse combate", vinca.

Isabel Moreira, por outro lado, defende que a posição tomada pela ministra em relação às pessoas LGBTQI+ não é consensual no PSD, que acusa de querer "agradar à extrema-direita", e refere-se a Balseiro Lopes como tendo "uma postura mais aberta e próxima do reconhecimento dos direitos essenciais". Mas considera que, acima de tudo, "está a seguir indicações internacionais".

Já Fernando Negrão, que foi líder parlamentar do PSD quando Balseiro Lopes era deputada, admite que a vice-presidente dos sociais-democratas "tem posições que fogem ao PSD tradicional", mas considera que isso "faz parte do actual quadro das sociedades modernas em que vivemos". "Ela fez esse progresso e são as ideias dela", defende, sinalizando que isso "já convive há algum tempo" dentro do partido.

Em entrevista ao programa *A Minha Geração*, em 2022, Balseiro Lopes resumia o seu próprio posicionamento ideológico: rejeitava um "modelo em que o Estado nos diz o que devemos fazer", mas também defendia que "a social-democracia à portuguesa obriga a que tenhamos mecanismos para ajudar e apoiar" pessoas de "contextos mais desfavorecidos". Com a ressalva de que esses mecanismos devem servir não para "garantir uma igualdade em que ficamos todos iguais, mas em que temos igualdade de oportunidades".

E, identificando-se com os partidos de "centro-direita", eram precisamente as questões dos direitos que a afastavam de forças políticas como o CDS. A então dirigente nacional do PSD admitiu que não se sentiria "bem" entre os centristas por causa das posições sobre a eutanásia e o casamento *gay*.

Um empurrão da JCP

A chegada de Margarida Balseiro Lopes à política teve uma ajuda invulgar. Num debate aceso numa aula de Francês do 10.º ano, uma colega da JCP atirou: "Estavas era bem na JSD!..." Depois de algumas leituras incentivadas pelo pai, que era jornalista, inscreveu-se na JSD e no PSD. E por lá ficou, apesar de ter um irmão no PS.

Começou por ser deputada entre 2015 e 2022 e tornou-se líder da Juventude Social-Democrata de 2018 a 2020, tendo sido a primeira mulher a ocupar esse cargo. Passista, primeiro, e montenegrista, depois, a social-democrata deixou o Parlamento ao fim de duas legislaturas, como sempre disse que faria, por não encarar a política como uma profissão. Mas não ficou afastada de cargos muito tempo. Foi eleita vice-presidente do PSD em 2022 e, em Abril deste ano, subiu para o Governo de Luís Montenegro, que tinha apoiado na corrida à liderança logo em 2019.

Se, enquanto ministra, tem sido o rosto de medidas como o fim do IMT e do imposto de selo na compra de casa pelos jovens, enquanto esteve na JSD assumiu bandeiras como a digitalização dos manuais de ensino e no Parlamento (onde esteve nas comissões de Orçamento e Finanças, e Educação e de Cultura), teve em mãos *dossiers* como a regulamentação do *lobbying*.

Desses tempos, Negrão recorda-a como alguém "desempoeirada e sempre interessada em aprender". Mas se não hesita nos elogios, também admite que a ministra "se sofisticou excessivamente" ao longo do tempo.

Alexandre Poço, ex-deputado, descreve-a como "trabalhadora" e só tem uma crítica: "Gosta de ouvir funk brasileiro".

Misericórdia assegura consultas a mais 5000 utentes sem médico de família

ULS de Santa Maria diz que parcerias com sector social terão de continuar a existir até que SNS consiga dar resposta. Misericórdias admitem que USF C são mais atractivas do que Bata Branca

Gina Pereira

Depois da resposta criada em 2023 para cerca de 5000 utentes sem médico de família da zona de Telheiras, em Lisboa, a Unidade Local de Santa Maria (ULSSM) vai alargar esse protocolo para 5700 pessoas e assinar mais duas parcerias com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML) para assegurar assistência médica e de enfermagem a mais 5000 pessoas sem médico de família nos bairros do Padre Cruz e da Liberdade, em Campolide. Carlos Martins, presidente do conselho de administração da ULSSM, explica que há actualmente cerca de 100 mil utentes sem médico de família atribuído na área de influência da ULS e que irá manter este tipo de acordos com as misericórdias até que o Serviço Nacional de Saúde (SNS) consiga dar resposta a estas pessoas.

O objectivo é que estas duas novas parcerias comecem a funcionar a 1 de Outubro e que as pessoas passem a ter acesso a consultas em unidades de saúde geridas pela SCML, que têm os seus próprios profissionais de saúde. No caso de Telheiras, que arrancou em 2023, são feitas, em média, 1250 consultas médicas por mês e mais de 1000 atendimentos de enfermagem. "As pessoas inscrevem-se e têm acesso a médico. A forma é diferente e a casuística também", explica Carlos Martins, adiantando que não se trata de dar médico de família. O protocolo em vigor tem um custo de cerca de 400 mil euros por ano.

A Santa Casa confirma que "o protocolo a celebrar esta semana entre a Santa Casa e a ULS de Santa Maria surge de uma vontade comum por parte destas duas entidades em potenciarem sinergias em prol dos utentes, no âmbito da reorganização recente do SNS", que implica ampliar a parceria com a unidade Telheiras e duas novas parcerias.

O objectivo da ULS de Santa Maria é, até ao próximo Verão, criar cinco novas unidades de saúde familiar modelo B, com a contratação de 14 novos médicos de família, o que deverá permitir baixar em 50% o número de pessoas sem médico. Contudo, este é um número volátil, uma vez que flutua em função das novas inscrições de utentes e dos médicos que entretanto se reformam. Em Agosto, havia 1,6 milhões de pessoas sem médico atribuído em Portugal continental, cerca de 30% na região de Lisboa.

NUNO FERREIRA SANTOS

DR

Misericórdias podem ajudar a resolver as carências na prestação de cuidados. Carlos Martins, presidente da Unidade Local de Santa Maria

Interesse das Misericórdias pelas USF modelo C pode vir a pôr em causa projecto Bata Branca

"De olho" nas USF modelo C

A parceria da ULSSM com a SCML está em linha com o projecto Bata Branca, criado pela União das Misericórdias Portuguesas (UMP) em 2017 e que consiste em acordos de colaboração entre misericórdias, ULS e autarquias e que tem permitido assegurar consultas médicas a utentes que não têm médico de família na região de Lisboa e Vale do Tejo e Oeste, a que tem mais pessoas nesta situação, a par do Algarve.

Neste momento, segundo informação da UMP, estão em vigor acordos com 16 misericórdias (nos distritos de Lisboa, Setúbal, Santarém e Leiria), e um outro com o Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa. No ano passado, de acordo com informação anterior divulgada ao PÚBLICO, o Bata Branca permitiu realizar 166.641 consultas por 123 médicos a pessoas que não têm médico de família atribuído. Nos primeiros dois meses deste ano, foram realizadas 13.313 consultas pelas misericórdias de Alenquer, Amadora, Barreiro, Benavente, Bombarral, Caldas da Rainha, Canha, Cascais, Fátima Ourém, Leiria, Óbidos, Peniche, Sesimbra, Setúbal, Torres Novas e Venda do Pinheiro.

Manuel Caldas Almeida, vice-presidente da UMP, admite que nem todos os médicos que estão ao serviço do Bata Branca são especialistas em Medicina Geral e Familiar. "Também há médicos de clínica geral e medicina interna", diz, explicando que as misericórdias recorreram aos clínicos que já tinham nos seus quadros, embora algumas tenham tido de contratar médicos para assegurar o serviço.

Contudo, o médico salvaguarda que esta resposta não é igual ao acompanhamento que é feito nos centros de saúde. "O objectivo do Bata Branca é dar consultas de adultos a pessoas que não têm médico de família. Mas não há vacinação, controlo de grupos de risco, saúde materna nem atitudes preventivas", diz, explicando que este é um contrato que é "pago à consulta".

Coisa diferente serão as unidades de saúde familiar modelo C (USF C), com que o Governo quer agora avançar com um projecto-piloto de 20 em Lisboa, Leiria e Algarve geridas pelo sector privado, social e autarquias e com cerca de 45 mil utentes por agrupamento. O modelo suscita bastante interesse às misericórdias que aguardam apenas pelos detalhes da regulamentação e dos valores que serão pagos para decidirem se irão concorrer e onde.

Bata Branca perto do fim

"O modelo C é muito mais interessante, podemos fazer actividade clínica global para uma certa população", diz Manual Caldas Almeida, admitindo que, a prazo, os projectos Bata Branca tenderão a desaparecer, uma vez que o modelo das USF C será mais apetecível para as misericórdias. "Nenhuma misericórdia ganhou um tostão com o Bata Branca, diz, assegurando que os valores pagos cobrem apenas as despesas com o serviço.

Questionado sobre onde irão buscar médicos para assegurar essa resposta, uma vez que o Governo já disse que haverá um travão ao recrutamento de médicos com ligação ao SNS ou que tenham saído há menos de três anos, Caldas Almeida admite que terão de ir contratar médicos "ao mercado" e, possivelmente, ao estrangeiro. Mas admite também que terá de haver "alguma inovação organizativa para fazer mais com menos recursos", procurando juntar outras especialidades da saúde e em serem "mais eficientes" nas respostas.

O vice-presidente da UMP não entende "onde é que estão os perigos brutais" que têm sido apontados por quem teme que este modelo de "privatização do SNS" venha a contribuir para esvaziar ainda mais de recursos humanos o serviço público. "Só vai fazer bem às USF terem um modelo competitivo com que se possam comparar. O Ministério da Saúde tem imensa experiência nesta área da contratualização, as USF modelo B também já são pagas por actividade", diz, insistindo que "o que interessa é dar resposta à população".

BE leva ao Parlamento audição sobre políticas de reparação e reconciliação

Joana Gorjão Henriques

É preciso reconhecer que os impérios foram processos de dominação, ocupação e violência, diz partido de Mortágua

Em Abril o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, defendeu que Portugal deveria assumir "total responsabilidade" pelos crimes durante a escravatura e o colonialismo e "pagar os custos".

Na altura, a declaração à agência Reuters gerou várias críticas e a acusação do partido de direita radical Chega de traição à pátria. Entre quem concorda com a necessidade do debate, houve quem criticasse o Presidente por considerar que as declarações deveriam ter sido enquadradas com mais contexto e informação.

Agora, meses depois, o grupo parlamentar do Bloco de Esquerda agendou para 20 de Setembro no Parlamento a sessão com o tema "'Libertar Portugal do colonialismo': reparação e políticas públicas", numa audição com cinco especialistas. A ex-deputada ao Parlamento Europeu do BE Anabela Rodrigues fala sobre políticas públicas com base em estatísticas oficiais, a jornalista Paula Cardoso fala sobre políticas para a igualdade e direitos cívicos, o antropólogo Miguel Vale de Almeida fala sobre reparar a desigualdade, o presidente da Associação de Professores de História Miguel Monteiro de Barros sobre políticas públicas para a educação e o sociólogo Miguel de Barros sobre desenvolvimento.

Para o partido "as reparações históricas e as políticas de reconciliação podem assumir diversas formas, mas todas exigem diálogo". "Este debate é, antes de mais, um debate sobre reconhecimento, e é um debate sobre reconciliação – reconciliação com os povos outrora colonizados, reconciliação com o nosso próprio povo, em toda a sua diversidade."

No documento sobre a audição, o partido justifica a necessidade deste debate no ano em que se comemoram os 50 anos da democracia "e os 50 anos do fim do terceiro império". "Portugal tem uma história imperial e colonial para além dos mitos sobre 'terras de ninguém' que teriam sido 'descobertas' e de uma presença 'civilizadora' 'pacífica' e multissecular noutros continentes. (...) Não podemos continuar a falar apenas de tecnologia naval e de expedições marítimas, de ciência e de conhecimento, parte dos quais, aliás, são contributos de vários povos, nomeadamente da civilização árabe. Importa sobretudo reconhecer que os impérios não foram contactos geográficos e culturais, mas sim processos de dominação, ocupação e violência."

Dando exemplos dessa violência – como o tráfico transatlântico de pessoas escravizadas do século XVI ao século XIX ou o estatuto do indigenato que vigorou em Angola, em Moçambique e na Guiné-Bissau até 1961 e onde as populações negras não tinham acesso aos mesmos direitos –, o BE lembra que Portugal se recusou a iniciar um processo de descolonização, desencadeando as guerras de libertação a partir de 1961. "Os massacres, anteriores e contemporâneos das guerras de libertação, estiveram silenciados durante anos: podendo referir-se como exemplos Batepá (1953, em São Tomé), Pidjiguiti (Guiné-Bissau, 1959) e Wiriamu (Moçambique, 1972)."

DR

Navio negreiro no livro *Voyage Pittoresque dans le Brésil* (1835), de Johann Moritz Rugendas

Objectivo é acompanhar o debate europeu e trazer mais justiça social

Os deputados do BE citam a Constituição, onde se afirma "Libertar Portugal da ditadura, da opressão e do colonialismo representou uma transformação revolucionária e o início de uma viragem histórica da sociedade portuguesa".

Apontam para o presente em Portugal, onde referem que o racismo, "com raízes profundas na escravatura e no colonialismo, resulta não só em injustiças sociais, mas também em violência" – como as desigualdades em várias áreas da vida de pessoas negras ou "os brutais assassinatos com motivações racistas" de Alcindo Monteiro (em 1995) e Bruno Candé (em 2020).

"As crianças e os jovens não podem continuar a receber na escola uma educação que normaliza o tráfico de pessoas escravizadas e que oculta as culturas e a resistência dos povos colonizados e a história secular de um continente que existe muito para além das invasões e perspectivas europeias. As pessoas racializadas não podem continuar ausentes do espaço público e dos seus lugares de memória, enquanto se glorificam agentes das guerras de ocupação colonial", afirma o BE.

"Fruto de uma longa luta do movimento anticolonial, antirracista e das pessoas afrodescendentes, o tema das reparações históricas ganhou espaço no debate público. A Europa está a lidar com o seu passado. É assim na Alemanha, na Bélgica, na França e nos Países Baixos. A escolha que temos de fazer é entre acompanharmos este debate europeu e trazermos justiça social para todas as pessoas portuguesas ou ficarmos amarrados à propaganda antiga, repetindo um tempo de proibição e de censura", defende o BE no documento sobre a audição.

Comissão sobre medicamento Zolgensma quer convocar pai das gémeas e mulher de Nuno Rebelo de Sousa

A comissão parlamentar de inquérito ao caso das gémeas vai pedir à Justiça que envie cartas rogatórias ao pai das crianças e à mulher de Nuno Rebelo de Sousa, Juliana Drummond, uma vez que ainda nenhum respondeu ao Parlamento.

"Já pedi aos serviços para na segunda-feira enviarem um pedido ao Ministério Público para que junto de um juiz, no tribunal competente, sejam emitidas duas cartas rogatórias" para Samir Assad e Juliana Drummond, disse à Lusa o presidente da comissão parlamentar de inquérito.

Rui Paulo Sousa indicou que estas cartas, que vão transmitir o pedido para que os dois sejam ouvidos no âmbito do inquérito parlamentar, "serão enviadas para a justiça brasileira" para que cheguem aos destinatários, uma vez que os contactos até agora feitos pela comissão não tiveram resposta.

"Não tivemos qualquer resposta durante este mês, nem os serviços consulares ou o Ministério dos Negócios Estrangeiros conseguiram obter qualquer endereço, contacto ou resposta no que diz respeito aos dois", disse, indicando que também a mãe das crianças, o filho do Presidente da República, ou os advogados de ambos não colaboraram com o Parlamento nestas tentativas de contacto.

O deputado do Chega referiu que este é "o último recurso" da comissão para chegar a estas pessoas.

Entretanto, o presidente da Assembleia da República recusou o pedido do Chega para que a comissão parlamentar ao caso das gémeas aceda às comunicações da Presidência das República, advertindo que o não-cumprimento constitui crime de desobediência qualificada.

Medicamento foi administrado no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, num processo que começou em 2019

Esta decisão consta de um despacho emitido ontem por José Pedro Aguiar--Branco, ao qual a agência Lusa teve acesso, após ter recebido um parecer do Conselho Consultivo da Procuradoria-Geral da República (PGR) sobre o pedido do Chega – parecer que reforçou a sustentação que já apresentara num primeiro despacho de 17 de Julho passado.

"Mantendo-se integralmente o entendimento e argumentação expendidos (...), lavrado de reforço de sustentação pelo parecer do Conselho Consultivo da PGR, decide-se recusar dar cumprimento ao pedido formulado pelo Grupo Parlamentar do Chega de requerer à Presidência da República o registo e/ou cópia de todas as comunicações (nomeadamente, cartas, mensagens escritas por meio de telemóvel ou via Internet – WhatsApp, Messenger, Telegram e mensagens de correio electrónico) referentes ao processo das gémeas luso-brasileiras Maitê e Lorena Assad", conclui-se no despacho.

O presidente da Assembleia da República faz depois uma "expressa advertência de que, por imperativo legal, o não-cumprimento de ordens legítimas de uma comissão parlamentar de inquérito no exercício das suas funções constitui crime de desobediência qualificada". **Lusa**

Floresce a venda de oliveiras centenárias e milenares. Para criar um azeite diferente

A venda de oliveiras como produto ornamental em Portugal e no estrangeiro já não tem a dimensão que teve após a desmatação em Alqueva. Agora o objectivo voltou a ser a produção de azeite. Para nichos de mercado

Carlos Dias

Desenraizar oliveiras que há séculos assistiam ao desenrolar do tempo nas paisagens portuguesas para as levar para outras paragens para aí fazerem parte de uma qualquer decoração é um negócio que está a perder terreno para outro que começou a ser muito mais interessante: manter a produtividade destas árvores e com o fruto que produzem criar um azeite que difira do que provém das monoculturas intensivas que invadiram o mercado.

Foi com o processo de desmatação da área hoje ocupada pelos 25 mil hectares do regolfo de Alqueva que se começou a transplantar oliveiras centenárias e milenares do seu habitat natural para outros locais distantes, a centenas e até milhares de quilómetros, como Espanha, França, China ou Dubai, essencialmente. Terão sido abatidas, a partir de 2001, cerca de 540 mil azinheiras, 150 mil eucaliptos, 140 mil oliveiras e 30 mil sobreiros e, de entre estas, foram sobretudo as oliveiras que foram transplantadas para fins ornamentais. A sua recuperação para venda como árvores decorativas de jardins públicos, privados, adegas, lagares, campos de golfe ou hotéis permitiu que fossem salvos milhares de oliveiras centenárias.

Mas mais recentemente está a ser dada outra funcionalidade às oliveiras antigas: "Temos encomendas de 50, 100 e até de 200 oliveiras centenárias e milenares para fazer azeite em Portugal", revelou ao PÚBLICO Micael Ferreira, proprietário da empresa Oliveiras Centenárias, sediada em Pombal.

O empresário, que em 2022 vendia oliveiras para Espanha, França, Alemanha e Itália, e na sua página *online* anunciava que tinha, nos seus viveiros, uma reserva de 1000 oliveiras, refere que "já não há grande procura fora de Portugal, apenas enviámos duas cargas (40 exemplares) para uma empresa de jardinagem em Itália porque as nossas árvores são bem tratadas e têm o devido passaporte fitossanitário", apesar de no país transalpino estarem contabilizados 30 milhões de oliveiras, com mais de mil anos, abandonadas.

Uma possível explicação para esta mudança foi avançada ao PÚBLICO por Nuno Rodrigues, investigador no Instituto Politécnico de Bragança (IPB). "O mercado começa a ficar saturado com as mesmas variedades de oliveiras, onde se destaca a catalã Arbequina, que preenche a esmagadora maioria das explorações que plantaram novo olival nos países do Mediterrâneo", onde estão os maiores produtores de azeite, entre os quais, Portugal. E o resultado é a "pouca diferenciação que temos" neste óleo vegetal.

Perante esta constatação, "com-

DR

preendo que se queira regressar às oliveiras centenárias e milenares em busca de novos lotes de azeite produzido nestas oliveiras, que nos permite obter um produto diferente e consequentemente mais caro", adequado para nichos de mercado mais exigentes, acrescenta.

Variedades desconhecidas

É neste sentido que um consórcio liderado pelo Instituto Politécnico de Bragança (IPB), e de que fazem parte o Centro de Investigação de Montanha, a Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto e a Fundação Côa Parque, está, há quatro anos, a estudar e a caracterizar 150 oliveiras centenárias de vários olivais seleccionadas na região do Vale do Côa.

O trabalho de investigação, adianta Nuno Rodrigues, tem sido realizado em 150 oliveiras centenárias, que foram estudadas e catalogadas na região do Nordeste transmontano. "Sabíamos que havia muitos exemplares, mas fomos encontrar mais do que aqueles que esperávamos, e cuja variedade é desconhecida" observa.

> “O mercado começa a ficar saturado com as mesmas variedades de oliveiras, onde se destaca a catalã Arbequina
>
> **Nuno Rodrigues**
> Investigador no Instituto Politécnico de Bragança (IPB)

Em cada árvore foi feito um estudo biométrico do tronco e da copa e procedeu-se à caracterização morfológica da folha, fruto e caroço para se recolher todas as informações necessárias relativas às características das oliveiras do Vale do Côa. "Após este estudo foram colhidas as azeitonas de cada oliveira e extraído o seu azeite para estudar as suas características organolépticas", explicou o investigador do IPB, realçando o trabalho complementar que, entretanto, foi sendo realizado: "Durante o estudo efectuámos ainda um levantamento de lendas e histórias do território onde se encontram estas oliveiras centenárias."

O projecto de investigação, designado Olivecoa, possibilitou a identificação dos perfis dos azeites recolhidos. "Desta forma, identificámos azeites com sabor ou cheiro a abacaxi, cereja e ameixa", características organolépticas que não são identificadas noutros azeites fora da região do Vale do Côa.

Velhinhas mas produtivas

Mais a sul, muito perto da central térmica do Pego, já encerrada, encontra-se a oliveira mais antiga da Península Ibérica. Continua de pé e a produzir azeitona na freguesia de Mouriscas, concelho de Abrantes, revelando um estado vegetativo que permite manter a esperança que conseguirá acrescentar mais uns séculos à sua tão longa existência se, entretanto, as acções do homem não a reduzirem a lenha.

A datação foi cientificamente comprovada em 2016 pelo professor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) José Luís Louzada, que descobriu a única forma existente a nível mundial para datar árvores antigas quando o seu interior se encontra oco, como é o caso das oliveiras milenares.

Para a pesquisa do novo método de datação foram decisivas as obras da barragem de Alqueva e a construção de auto-estradas no Alentejo, refere o docente, salientando a necessidade que houve em "derrubar muitas centenas de árvores, que ficaram disponíveis para elaborar o estudo, durante mais de uma década de trabalho".

O investigador da UTAD já conta no seu currículo "largas centenas de oliveiras datadas". A descoberta de um sistema de datação deu sequência a uma maior atenção e interesse em preservar o património natural constituído por oliveiras antigas. "As pessoas passaram a ter orgulho de ter na sua posse uma árvore com mais de mil anos" referiu ao PÚBLICO Luís Louzada.

A experiência que tem colhido revela-lhe como de uma oliveira decrépita que se encontrava abandonada e sem qualquer préstimo, depois de um tratamento adequado, em que se procede ao corte dos elementos da árvore já apodrecidos, quando é transplantada, "rejuvenesce e recupera o vigor e a sua capacidade produtora de azeitona".

E nas suas andanças pelo país, na tarefa de datação de oliveiras, confirma o aproveitamento crescente da azeitona produzida por antigos exemplares. Um exemplo: os proprietários de uma unidade turística instalada em Reguengos de Monsaraz pediram ao investigador que datasse algumas centenas de árvores de um olival que existe na herdade. "Viemos a confirmar serem contemporâneas da presença romana", salienta o investigador da UTAD. O olival recuperado está a produzir azeite, que é vendido aos clientes da unidade hoteleira, uma iniciativa que "está a ser bem-sucedida", acrescenta.

150

Em Creta persiste uma oliveira que terá sido plantada pelo menos no ano 900 a.C. Ainda produz, em média, 150 quilos de azeitona por ano

200

A empresa Oliveiras Centenárias diz ter encomendas de 50, 100 e até de 200 oliveiras centenárias e milenares para fazer azeite em Portugal

Mas ao contrário do que possa pensar, o azeite no período romano "era, sobretudo, utilizado como combustível para a iluminação, nos rituais religiosos, na produção de produtos de beleza e pelos gladiadores, que besuntavam o corpo com este produto" para obterem alguma vantagem nas lutas corpo a corpo.

Na região italiana da Apúlia, onde a bactéria *Xylella fastidiosa* já infectou mais de 4 milhões de árvores, tornando-as improdutivas, estão muitos hectares de oliveiras milenares que deram origem ao azeite consumido à mesa do imperador Adriano, realça um comunicado do Consórcio Olivícola Italiano (Unaprol). E que continuam a produzir.

Na Europa, mais precisamente na ilha de Creta persiste uma oliveira que é mais antiga que as famosas sequóias americanas e que terá sido plantada pelo menos no ano 900 a. C. Desde 1997, é considerado um monumento natural protegido pela Associação dos Municípios Cretenses e alguns ramos desta árvore milenar foram usados para tecer as coroas dos vencedores dos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004 e dos de Pequim em 2008. Ainda hoje, esta árvore produz, em média, 150 quilos de azeitona por ano, que serve também para fazer azeite.

Recuperar as milenares

Na realidade, a quase totalidade das árvores milenares "são zambujeiros, também conhecidos por oliveiras bravas, que foram enxertadas" para produzir um fruto maior e desta forma obter mais volume de azeite, refere José Louzada, salientando a "capacidade de regeneração praticamente infinita" desta espécie.

A oliveira das Mouriscas, que uns consideram até como a mais antiga do mundo, é originariamente um zambujeiro que foi enxertado e está a produzir duas qualidades de azeitona. Quando se suspeitou que poderia ser a mais velha de Portugal, um grupo de cidadãos desta freguesia pediu que a árvore fosse datada e certificada. O investigador da UTAD, juntamente com a empresa Oliveiras Milenares, fizeram a recolha dos elementos e foi confirmado que tem 3350 anos. O certificado foi atribuído em Setembro de 2016.

Este exemplar serviu de referência à empresa de energia espanhola Endesa e à organização não-governamental Apadrinha uma Oliveira para avançar com a recuperação de 70.000 oliveiras centenárias na Península Ibérica, através da iniciativa Transição Justa. Em 2023 foram recuperadas 2074 oliveiras (1000 no principado de Andorra e 1074 no Pego) e ainda se angariaram cerca de 1100 padrinhos, que contribuíram com 66 mil euros para o projecto, e em troca receberam 2220 litros de azeite.

Para apadrinhar uma oliveira basta pagar uma contribuição anual de 60 euros, escolher uma oliveira abandonada, baptizá-la e visitá-la sempre que se queira. Em troca recebe-se dois litros de azeite virgem extra por ano.

Um novo fenómeno parece assim estar a ganhar corpo: para salvaguardar um património natural milenar que está a desaparecer para dar lugar ao novo olival, que demorará entre 15 e 25 anos para produzir azeitona, ao contrário das variadas tradicionais, que continuam a produzir azeitona ao fim de milhares de anos, estão a surgir novas iniciativas e experiências. Passam pela revitalização dos olivais antigos, que produzem um azeite com características organolépticas diferentes e cuja venda ajuda a manter núcleos de oliveiras milenares. O propósito ornamental, que presidiu ao transplante de milhares de oliveiras antigas, parece estar a ser substituído por objectivos ambientais.

Maduro deixa sair Edmundo González, mas aperta o cerco a María Corina

Principal candidato da oposição esteve um mês na embaixada dos Países Baixos antes do exílio em Espanha. Embaixada da Argentina, onde estão opositores, continua cercada e palco de conflitos diplomáticos

Leonete Botelho

O Governo de Nicolás Maduro deixou sair da Venezuela o principal opositor nas eleições presidenciais de 28 de Julho, "no interesse da paz e da tranquilidade política do país", como escreveu a vice-presidente executiva, Delcy Rodríguez, no Instagram, ao anunciar a saída de Edmundo González Urrutia do país para se exilar em Espanha.

A governante adianta que os salvo-condutos para que o opositor – alvo de um mandado de detenção pelas autoridades judiciárias – pudesse sair do país foram emitidos após os "contactos pertinentes" entre Caracas e Madrid, de acordo com a "legalidade internacional". "Esta conduta reafirma o respeito pelo direito presente na actuação da República Bolivariana da Venezuela na comunidade internacional", sublinha, acrescentando que haverá mais informações "nas próximas horas".

A garantia de cumprimento do direito internacional pelo Governo de Nicolás Maduro pode procurar atenuar as críticas internacionais que tem enfrentado, mas acontece na mesma altura em que forças de segurança e serviços secretos da Venezuela mantêm o cerco à embaixada da Argentina, onde estão refugiados seis dirigentes da oposição ligados a María Corina Machado, a presidente do partido Vamos Venezuela e o principal rosto da oposição do país.

Este cerco terá sido a gota de água para o pedido de exílio de Edmundo González, que, percebendo que já não existe um lugar seguro no seu país, se reuniu no sábado de manhã com diplomatas espanhóis na embaixada onde se encontrava desde quinta-feira. Mas a operação diplomática que levou à sua saída de Caracas decorreu nas duas últimas semanas, segundo o *El País*, e envolveu vários países.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros espanhol afirma que não houve conversações directas com o Governo venezuelano e insiste que foi o próprio Edmundo quem pediu asilo, embora várias fontes refiram que o envolvimento do ex-primeiro-ministro José Luis Rodríguez Zapatero foi fundamental neste processo. A decisão de acolher González pela Espanha foi conhecida horas depois de Pedro Sánchez, no seu discurso na

ISAAC URRUTIA/REUTERS

Apoiantes de Edmundo González e críticos do chavismo foram até à base Aérea de Torrejón de Ardoz (Madrid) esperar o mais recente exilado político venezuelano

Governo espanhol diz que não houve contactos com o regime. Zapatero terá tido papel decisivo no exílio

reunião do Comité Federal do PSOE, ter apontado que Edmundo González é "um herói que a Espanha não vai abandonar".

Cedências e exigências

Outras fontes familiarizadas com as conversas referidas pelo *El País* sustentam que tudo derivou de uma negociação na qual participaram os irmãos Rodríguez – Delcy, a vice-presidente e ministra do Petróleo, e Jorge, presidente da Assembleia Nacional –, ambos próximos de Maduro.

Também os Países Baixos terão participado, de alguma forma, na operação. Ontem, o ministro dos

BORJA SANCHEZ-TRILLO/EPA

Negócios Estrangeiros neerlandês revelou que Edmundo González passou mais de um mês na embaixada deste país antes de, no início de Setembro, se ter refugiado na residência do embaixador espanhol, preparando a saída para o exílio.

Numa carta enviada ao Parlamento neerlandês, Caspar Veldkamp explica que decidiu responder a um pedido "urgente" no dia seguinte às eleições para acolher o candidato que os Países Baixos consideram ser o legítimo vencedor das eleições do regime para "tudo" e "enquanto fosse necessário". E acrescenta que González optou por deixar esta sede e "continuar a sua luta a partir de Espanha", segundo a agência Bloomberg.

Os meandros das negociações não são conhecidos. Mas, segundo o jornal venezuelano *Noticiero Digital*, os irmãos Delcy e Jorge Rodríguez chegaram a exigir que o diplomata reconhecesse a decisão do Supremo Tribunal de Justiça (TSJ), que declarou Nicolás Maduro o vencedor das eleições. A oposição, por sua vez, exigiu a liberdade dos mais de 1700 presos políticos detidos após as eleições.

Também o *El Universal* dá conta de ter havido algumas cedências de Edmundo González para obter a autorização de saída do país. Segundo este jornal, o candidato entregou uma carta à Procuradoria-Geral da República da Venezuela, na qual explicava que não participou do processo de publicação das actas eleitorais realizado pela oposição e que preferia encontrar uma solução dentro das instâncias governamentais.

Edmundo González e a mulher viajaram num avião da Força Aérea Espanhola e aterraram na base Aérea de Torrejón de Ardoz (Madrid), depois de uma escala na base das Lajes, nos Açores.

Cerco continua

Pouco antes, a líder da oposição venezuelana, María Corina Machado, justificou a necessidade de exílio de Urrutia no X: "A sua vida estava em perigo, e as crescentes ameaças, intimações, mandados de prisão e mesmo as tentativas de chantagem e coacção a que tem sido sujeito demonstram que o regime não tem escrúpulos nem limites na sua obsessão em silenciá-lo e tentar subjugá-lo."

Perante "esta brutal realidade, é necessário para a nossa causa preservar a sua liberdade, a sua integridade e a sua vida", diz, manifestando a sua convicção de que será ele a tomar posse, a 10 de Janeiro, como Presidente da Venezuela.

Justificações que também podiam servir para a sua própria saída do país, mas sobre isso María Corina nada diz. A líder da oposição continua a ser alvo de uma investigação judicial, podendo vir a ser acusada pelas 27 mortes ocorridas durante os protestos pós-eleitorais, como já afirmou o procurador-geral do país.

Para já, o cerco do regime aperta-se sobre os dirigentes mais próximos de María Corina que estão asilados na residência do embaixador da Argentina. Desde a noite de sexta-feira que as forças de segurança e serviços secretos bloqueiam os acessos e cortaram a energia ao posto diplomático, que tem estado sob custódia do Brasil desde que Caracas cortou relações com Buenos Aires, em Agosto.

O Governo de Maduro revogou a autorização de representação de Brasília, dizendo ter "provas" de que o local está a ser usado para o planeamento de actos "terroristas" e de "tentativas" de assassinato contra si e a sua vice-presidente. As provas, no entanto, não foram apresentadas.

Segundo *o Globo*, o regime de Maduro já garantiu ao Governo Lula da Silva que as suas forças não entrarão na embaixada.

Ataque na fronteira entre Jordânia e Cisjordânia faz três mortos

António Saraiva Lima

Exército de Israel diz que o atirador, vindo da Jordânia, foi "eliminado pelas forças de segurança" na Ponte Allenby

Um homem munido de uma arma de fogo vindo da Jordânia matou ontem três israelitas no posto fronteiriço da Ponte Allenby, junto à Cisjordânia, revelaram as Forças de Defesa de Israel (IDF) num comunicado, informando que o atirador foi "eliminado" e tratando o ataque como "terrorismo".

"O terrorista aproximou-se da área da Ponte Allenby, vindo da Jordânia, num camião, saiu do camião e abriu fogo contra as forças de segurança israelitas que estavam a operar na ponte. O terrorista foi eliminado pelas forças de segurança [e] três civis israelitas foram declarados mortos como resultado do ataque", descrevem as IDF, citadas pela Reuters.

Os três mortos são todos homens e eram trabalhadores do posto fronteiriço. A imprensa israelita identificou-os como Yohanan Schuri, de 61 anos, Yuri Birenbaum, de 65, e Adrian Marcelo Podzamczer.

O ataque teve lugar numa zona de cargas e descargas e de inspecção dos veículos, sob controlo das autoridades israelitas, que, depois do incidente, realizaram buscas no camião do atirador para perceber se continha explosivos.

AMMAR AWAD/REUTERS

Hamas e Jihad celebram ataque, Israel denuncia "terrorismo"

Citado pela Reuters, um guarda fronteiriço jordano disse que as IDF detiveram mais de 20 camionistas para interrogatório.

Também conhecida como Ponte Rei Hussein, a Ponte Allenby é o único posto de passagem entre a Cisjordânia e a vizinha Jordânia e é um importante ponto de acesso dos camiões de mercadorias jordanos aos territórios palestinianos ocupados e a Israel. Está localizado a oeste de Amã, capital da Jordânia, a nordeste da cidade israelita de Jerusalém e a norte do mar Morto.

Segundo o jornal israelita *Haaretz*, a Autoridade dos Aeroportos de Israel, responsável pela gestão da Ponte Allenby, fechou ontem, temporariamente, o posto, assim como todos os postos fronteiriços entre Israel e a Jordânia.

As autoridades jordanas também fecharam o seu lado da fronteira, enquanto levaram a cabo uma investigação ao ataque e ao atacante.

"Este é um dia difícil. Um terrorista abominável assassinou a sangue-frio três dos nossos civis", lamentou Benjamin Netanyahu, no arranque de um Conselho de Ministros do seu Governo. "Estamos rodeados por uma ideologia assassina liderada pelo eixo do mal do Irão", atirou, citado pelo *Haaretz*.

"Esperamos muitas mais acções semelhantes a esta", disse, no entanto, Sami Abu Zuhri, porta-voz do movimento islamista palestiniano Hamas, que, tal como a Jihad Islâmica – que disse, num comunicado, que a "acção heróica" do atirador "representa fielmente as opiniões do povo jordano e dos povos de todos os países árabes sobre o massacre que Israel está a cometer contra o povo palestiniano" – comemorou o ataque.

Os episódios de violência na Cisjordânia ocupada por Israel têm-se sucedido com cada vez mais frequência desde o início da guerra israelita na Faixa de Gaza, em resposta ao ataque do Hamas do dia 7 de Outubro, durante o qual fez dezenas de reféns israelitas.

O ataque de ontem aconteceu dias depois de mais de 30 palestinianos terem sido mortos durante uma operação militar das IDF na cidade de Jenin, na Cisjordânia, que deixou um rasto de destruição e milhares de desalojados.

As autoridades de saúde palestinianas dizem que já morreram 600 palestinianos no território ocupado desde Outubro do ano passado e denunciam o aumento da violência dos colonos israelitas sobre os habitantes palestinianos da Cisjordânia. Segundo a ONU, durante o mesmo período 18 israelitas foram mortos nos territórios ocupados.

Na sexta-feira, as IDF mataram Aysenur Ezgi Eygi, uma cidadã turca e norte-americana, quando participava num protesto contra a expansão dos colonatos israelitas.

Presidente da Argélia reeleito por quase 95%

Autoridades eleitorais atribuem vitória esmagadora a Tebboune. Candidato opositor denuncia irregularidades

Tal como se esperava, Abdelmadjid Tebboune foi reeleito Presidente da Argélia nas eleições realizadas no sábado. As autoridades eleitorais do país do Norte de África anunciaram ontem os resultados provisórios: mais de 94 % do total de votos e mais do que suficiente para Tebboune evitar uma segunda volta.

"Dos 5.630.000 votos registados, 5.320.000 votaram no candidato independente Abdelmadjid Tebboune, representando 94,65%", disse aos jornalistas Mohamed Charfi, dirigente da ANIE, revelando que o candidato Abdelaali Hassani Cherif obteve 3% e que o candidato Youcef Aouchiche se ficou pelos 2%.

Não obstante, ainda antes do anúncio, a equipa de campanha de Cherif emitiu um comunicado a denunciar uma série de irregularidades na votação.

De acordo com os representantes do candidato, houve funcionários das mesas de voto que foram pressionados a inflacionar os resultados e que não entregaram as actas da contagem dos votos aos candidatos da oposição.

Para além disso, dizem que houve vários grupos de eleitores que votaram com uma só procuração.

Mohammed Charfi recusou, no entanto, as denúncias de Cherif e assegurou que a ANIE trabalhou para garantir a total transparência na contagem dos votos e a concorrência leal entre todos os candidatos.

Cherif, um islamista moderado, e Aaouchiche, um secularista, não tinham, à partida, grandes hipóteses de forçar Tebboune, apoiado pelos militares e pelo *establishment* argelino, a disputar uma segunda volta.

Eleito pela primeira vez durante os protestos de 2019 que forçaram o seu veterano antecessor, Abdulaziz Bouteflika, a abandonar o poder ao fim de 20 anos, Tebboune deu o seu aval, nos últimos anos, à repressão levada a cabo pelas forças de segurança argelinas contra dissidentes e de críticos do regime.

Tal como na eleição de 2019, a participação voltou a ser muito reduzida na votação de sábado: apenas 48% dos eleitores inscritos se deslocaram às urnas.

Lula mandou ministro confrontar Almeida com denúncias de assédio há mais de uma semana

O processo que culminou com a demissão do ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida, começou a ser desenhado na semana passada, quando Luiz Inácio Lula da Silva pediu a outro membro do Governo para o confrontar com as denúncias de assédio sexual.

O Presidente brasileiro e a primeira-dama, Rosângela Lula da Silva, sabiam da acusação de assédio à ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, há pelo menos sete dias.

Alertado por um membro do Governo de que havia rumores a respeito da conduta do titular da pasta dos Direitos Humanos, Lula determinou que o ministro da Controladoria-Geral da União, Vinicius Carvalho, o questionasse sobre a veracidade da denúncia. A reunião aconteceu na semana passada e Silvio Almeida negou qualquer acto impróprio. Anielle, por sua vez, não tinha formalizado a denúncia. Segundo duas pessoas com quem a ministra tinha falado sobre o assunto, ela dizia que preferia enterrar o caso e que desejava não ter passado por aquela situação.

Numa entrevista a uma rádio de Goiânia, o Presidente disse que apenas tomou conhecimento sobre os factos na noite de quinta-feira. Aliados seus afirmam, no entanto, que Lula se referia aos detalhes da denúncia e não aos rumores.

Entre Maio e Junho do ano passado, Anielle Franco tinha relatado a amigos próximos, incluindo a alguns integrantes do Governo, os incidentes com Silvio Almeida. Quando foi incentivada a levar o caso adiante, explicou que não tinha provas para sustentar a sua versão. Também dizia não querer expor as famílias de ambos.

O caso acabou revelado por ser pelo *site* Metrópoles. Após a demissão de Silvio Almeida, Anielle Franco escreveu nas redes sociais que as "tentativas de culpabilizar, desqualificar, constranger ou pressionar vítimas a falar em momentos de dor e vulnerabilidade também não cabem, pois só alimentam o ciclo de violência".

Presidente do Brasil disse que só soube das denúncias contra o ministro (na imagem) na quinta-feira

Duas pessoas ligadas ao Ministério dos Direitos Humanos, que pediram para não serem identificadas, disseram à *Folha* que, pelo menos desde Janeiro, membros do Palácio do Planalto sabiam da suspeita de assédio.

Silvio Almeida, que nega as acusações, foi demitido na sexta-feira à noite. A organização Me Too Brasil confirmou que recebeu as acusações de mulheres contra o ministro, mas disse que iria proteger as identidades das denunciantes. **Exclusivo PÚBLICO/*Folha de S. Paulo***

Regressar à escola em Kharkiv significa ir para os subterrâneos

Após anos de ensino à distância, os estudantes de Kharkiv voltam finalmente à escola, num *bunker* construído para o efeito e protegido dos *drones* e mísseis russos

Reportagem

Lizzie Johnson, Anastacia Galouchka, em Kharkiv

Há mais de dois anos e meio que Polina Zamorska não entrava numa sala de aula, mas estava decidida a regressar para o seu último ano na Escola 80. Para o fazer, teria de de ir para debaixo da terra.

Na passada segunda-feira, a jovem de 16 anos vestiu uma túnica branca tradicional com bordados coloridos e dirigiu-se com a mãe para a primeira escola subterrânea permanente da Ucrânia, onde estava planeada uma celebração com os alunos mais velhos e mais novos – que se revezavam em turnos pelo espaço todas as semanas.

"Quero criar o máximo de memórias possível", disse Polina.

Escavada na terra a quase seis metros de profundidade, a escola que custou um milhão de dólares apresenta um longo corredor de salas de aula pintadas com as cores do sorvete: lima-limão, tangerina. Com o seu sofisticado sistema de ventilação e as paredes pintadas com setas de evacuação, parecia mais uma nave espacial do que uma instituição de ensino – mas era melhor do que ir às aulas numa estação de metro ou passar mais um ano a estudar em casa.

Os perigos do novo ano lectivo ficaram visíveis na passada terça-feira, quando dois mísseis balísticos embateram num instituto militar em Poltava, a menos de 160 quilómetros de distância, matando dezenas de estudantes.

A invasão russa da Ucrânia em 2022 deixou milhares de escolas em escombros e, no ano passado, sem alternativa segura, mais de 900 mil crianças em todo o país foram obrigadas a frequentar mais um ano de ensino à distância. Algumas não frequentavam a escola presencial desde o início da pandemia, em 2020. As consequências já eram evidentes, de acordo com um estudo, com os alunos ucranianos a ficarem um ano e meio atrás dos níveis de educação exigidos.

Polina estava farta de olhar para um ecrã de computador no seu quarto. Queria sentar-se a uma secretária só para ela, ver os amigos e abraçar a professora, que estava com os seus colegas há sete anos.

Queria ir para a escola sem ter medo de morrer.

A ameaça é constante. Nessa manhã, as sirenes dos bombardeamentos aéreos voltaram a acordar a sua cidade. A menos de 32 quilómetros da fronteira russa, Kharkiv (Carcóvia) – a segunda maior cidade da Ucrânia – suporta frequentemente o peso da fúria de Moscovo, sofrendo ondas devastadoras de ataques com mísseis. É muito para qualquer pessoa – quanto mais para uma rapariga de 16 anos...

Enquanto Polina aproveitava os seus últimos dias de Verão nesse fim-de-semana – praticando o seu papel de oradora para a cerimónia de celebração da escola – as bombas russas sobrevoaram a sua cidade natal, destruindo dezenas de blocos de apartamentos e explodindo num parque da cidade enquanto as crianças brincavam na caixa de areia. Cada ataque reverberou com milhares de quilogramas de poder explosivo, fazendo marcas nos tijolos da calçada, arrancando a casca das árvores e arrancando membros dos corpos.

Doze pessoas morreram nos ataques do último fim-de-semana e mais de 230 ficaram feridas, incluindo um bebé de dez meses.

Agora, enquanto Polina descia os 30 degraus para a sua escola subterrânea – o ambiente era de júbilo, com fitas em tranças e sacos de presentes nos braços –, os funcionários municipais com coletes amarelos ainda estavam a limpar o Parque de Yuryeva, varrendo os vidros da banca de gelados e serrando os troncos das árvores mutiladas pelos estilhaços.

Perto do pátio de um restaurante com guarda-sóis amarelos tinha sido erguido um memorial temporário para homenagear a mais jovem vítima mortal do ataque. Animais de peluche e flores estavam amontoados no banco de jardim onde a rapariga tinha estado sentada ao sol.

Aquela rapariga de 14 anos não teria direito a um primeiro dia de escola.

"Felicidade aos filhos"

A festa da escola começou com um momento de silêncio.

A sala de aula estava repleta de pais, alunos e doadores. Na fila da frente estava o presidente da câmara municipal. Atrás dele, havia filas de alunos do primeiro ano sentados, as raparigas com meias brancas altas e *mocassins* brilhantes, os pés a balançar incapazes de tocar no chão. Algures lá atrás, estava a mãe de Polina, o seu orgulho na filha única documentado num fluxo constante de fotografias e vídeos de telemóvel. Na Internet, centenas de outros pais também estavam a assistir.

Todos inclinaram a cabeça para o chão enquanto passava um vídeo sombrio. Havia tanto para lamentar – as mortes do fim-de-semana, os colegas que tinham ido viver com as suas famílias para o estrangeiro, o facto de a guerra ter durado tanto tempo que exigiu a construção desta escola-*bunker*. Durante quanto tempo mais seriam obrigados a encontrar segurança debaixo da terra?

Depois de o vídeo terminar, o presidente da câmara dirige-se para a frente da sala.

"Quero agradecer-vos, povo de Kharkiv, por terem ficado, apesar das dificuldades", disse Ihor Terekhov. "Desejo aos nossos filhos felicidade, paz e que aprendam o mais possível".

Sorriu. Agora, chegou a altura da alegria.

Rapazes e raparigas em trajes tradicionais – os chamados *vychyvanka* – dançaram. Os

FOTOS: OKSANA PARAFENIUK FOR THE WASHINGTON POST

cabelos encaracolados evoaçavam, os braços rodopiavam. As coroas de flores, bem presas, mal se mexiam. Todos aplaudiram, e depois aplaudiram mais um pouco.

Natalya Varavva, uma professora de Química do 11.º ano, sentiu "uma felicidade inacreditável.

As suas alunas, incluindo Polina, tinham crescido desde a última vez que as tinha visto em 2022. As raparigas usavam agora saltos altos e traziam carteiras com espelhos e maquilhagem dentro. Os rapazes eram mais altos do que ela. Varavva desejava que eles pudessem estar na sua sala de aula normal – com as suas grandes janelas abertas à brisa da manhã – mas sabia que ainda não era possível.

Os alunos saltavam a qualquer ruído que lembrasse a aproximação de um míssil: o ruído do microfone, a batida da porta de um *bunker*. Mais tarde, numa sala de aula do primeiro ano, uma professora perguntava às crianças porque é que não estavam na sua escola normal.

"Para que o míssil não nos atinja", respondeu uma rapariga.

No corredor, Polina estava de sapatilhas brancas, com um livro com fotografias brilhantes de Kharkiv, do passado e do presente, debaixo do braço. Tinha de o entregar a um doador e agradecer-lhe, uma tarefa que a deixou tão ansiosa que praticou ao espelho. Mas conseguiu.

Depois de meia hora de apresentações e cânticos, chegou finalmente a hora do início das aulas. Os alunos do primeiro ano empunharam sinos de madeira, atados com fitas azuis e amarelas, e, juntos, tocaram-nos.

A festa da escola começou com um momento de silêncio. Depois, rapazes e raparigas em trajes tradicionais dançaram

Polina queria ir para a escola sem ter medo de morrer. A menos de 32 quilómetros da fronteira russa, a segunda maior cidade da Ucrânia suporta o peso da fúria de Moscovo, sofrendo ondas de ataques com mísseis

Um novo começo

Algumas horas mais tarde, a directora da escola, Iryna Chernomaz, atravessou a rua e regressou ao seu gabinete no primeiro andar do edifício normal.

As aulas tinham terminado mais cedo e as sirenes antiaéreas, que tinham tocado uma hora antes, estavam finalmente desligadas. Queria ver os papéis das matrículas – o número de crianças tinha baixado de 1000 para 693 – e preparar-se para o dia seguinte de aulas.

Quando a guerra começou e a escola fechou pela primeira vez, ela dormiu no chão. O edifício, abalado pelas explosões, parecia levantar-se e voltar ao sítio, com 40 janelas a estilhaçarem-se. Mantinha um registo cuidadoso das crianças que tinham sido feridas ou que tinham saído da Ucrânia. Estava grata por nenhum dos seus filhos ter morrido.

Voltar a ver tantos dos seus alunos era uma bênção.

"Já não reconheço muitos deles", brincou Chernomaz. "Eles cresceram. Amadureceram. As raparigas e os rapazes estão tão crescidos agora. Pergunto-lhes: 'Quem são vocês?'"

Pela sua janela, passam alunos com balões amarelos e azuis. Polina vai para o parque com os amigos.

Junto à secretária, onde Chernomaz tinha afixado uma lista de aniversários de professores para que não se esquecesse de nenhuma data, havia dezenas de pastas com informação recolhida ao longo de uma carreira de décadas. Ela adorava a sua cidade, a sua escola. Aos 65 anos, a reforma estava no horizonte – mas tinha acabado de trazer as crianças de volta ao edifício e não podia deixá-las tão cedo. Isso seria, para ela, uma "traição". Por agora, tirava os óculos e recostava-se na cadeira. Era o início de mais um ano na Escola 80, e havia trabalho a ser feito. Desta vez, eles estariam lá para o fazer.

Exclusivo PÚBLICO/ *The Washington Post*

“Provavelmente precisamos de um novo ímpeto exportador”

Ricardo Arroja Presidente da AICEP diz que em Portugal estão a germinar empresas e sectores que em breve vão produzir um impulso nas exportações equiparável ao da última década

Entrevista

Manuel Carvalho Texto
Rui Gaudêncio Fotografia

Tomou posse em Junho e, na sua primeira entrevista, o economista Ricardo Arroja (de 46 anos) mostra-se confiante nas consequências que um processo de mudança em curso nas empresas portuguesas vai trazer à internacionalização da economia portuguesa. O país, afirma, precisa de um novo ímpeto exportador que, na sua opinião, aparecerá com o reforço das qualificações, a procura de novos sectores e produtos com mais valor acrescentado, ou o investimento estrangeiro.

O sector de exportação teve um excelente desempenho na última década, mas, entretanto, nos últimos anos parece ter estagnado em torno dos 50% do PIB [produto interno bruto]. Isto quer dizer que o potencial exportador do país está congelado, atingiu um limite?

Não, de forma alguma. Significa, provavelmente, que precisamos de um novo ímpeto exportador e, sobretudo, que precisamos de algum tempo. Para que novos sectores exportadores da economia portuguesa consigam ganhar escala e ganhar a robustez que lhes permita substituir outros sectores que outrora foram mais liderantes no processo de exportação.

E esses sectores produtivos estão a germinar, estão a crescer?

Felizmente, estão. Nós, ao longo das décadas passadas, habituámo-nos muito a falar sobre os sectores ditos tradicionais, onde mantemos uma grande capacidade de exportação. Mas, ao longo dos últimos dez anos, temos visto outros sectores em Portugal a germinar, a crescer em termos da sua penetração no mercado internacional. Estou a falar, por exemplo, de sectores como o alimentar, alguns segmentos também das bebidas. Estou também a falar no sector da aeronáutica, que se junta ao automóvel e que é também reforçado pela própria metalomecânica. Estou a falar também de um conjunto de matérias-primas em Portugal, que também têm vindo a ganhar quota de mercado internacional. Estou a falar em sectores de ponta, como, por exemplo, o sector farmacêutico e as tecnologias de informação. Já para não falar dos serviços, onde o turismo se tem fortalecido como o grande sector de crescimento da economia portuguesa. A própria construção, que frequentemente é tida como mal-amada, também tem conseguido expandir-se e internacionalizar-se.

Já há muitos anos que se fala sobre a necessidade de se aumentar a exportação de bens com valor acrescentado, com incorporação de tecnologia. Mas, para todos os efeitos, as nossas exportações nesse segmento continuam na ordem dos 5,2% do total...

Sim, e esse é um dos tais desafios que temos pela frente. Ou seja, temos que fazer com que essa fasquia aumente com algum significado.

Já andamos a falar nisto há mais de 20 anos...

É verdade, mas, quando falamos de política económica, as coisas geralmente não acontecem no imediato e, portanto, quando falamos de produção de tecnologia, temos, em primeiro lugar, de ter os recursos devidamente qualificados, temos de ter acesso às cadeias de valor internacionais, estratégias de internacionalização e de financiamento que sejam coerentes e compatíveis com o que se pretende atingir. Precisamos de ter um papel muito mais interveniente no que diz respeito à promoção da propriedade intelectual. A verdade, no entanto, é que há potencial. E esse é certamente um dos desafios da AICEP neste novo mandato que se avizinha, em que claramente eu pretendo que a nossa produção exportável de bens de alta tecnologia, e também de serviços, tenham cada vez mais uma proporção maior das exportações totais. E estou convicto de que lá chegaremos.

Se Portugal repetisse o perfil de crescimento das exportações que registou na última década, chegaria acima dos 60% do PIB, o que nos colocaria, de alguma forma, mais perto de países com a mesma dimensão demográfica. A exportação de Portugal ronda os 50% do PIB, mas nos Países Baixos vale 85%, na Bélgica 86%, na República Checa 72%. Ou seja, Portugal não tem, nesta comparação, um grande desempenho...

Todos os casos de países que mencionou conseguiram, de forma mais eficaz, alcançar resultados nos domínios que acabei de mencionar: qualificação das pessoas, valorização da propriedade intelectual, integração em cadeias de valor internacionais. Nós, felizmente, também temos vindo a fazer esse caminho. Quiçá, em alguns domínios, a um ritmo inferior, mas estamos a evoluir. E eu acho muito importante salientar o seguinte: se olharmos para as exportações portuguesas, efectivamente, elas estão aí na fasquia dos 50%, mas vemos que tem havido um descolar. Se olharmos para a situação internacional, vemos que as exportações globais de bens e serviços em percentagem do PIB mundial anda em redor de 30%, um pouco abaixo. E tem estado estagnada desde sensivelmente a grande crise financeira de 2007/2008. Ora, nós, em Portugal, temos feito um caminho muito mais positivo, porque, desde então, as nossas exportações cresceram a grande ritmo e passaram num espaço de pouco mais de uma década, de 30 a 35% do PIB, para os tais quase 50% do PIB. Eu estou em crer que, à medida que nós conseguirmos materializar em ganhos concretos e efectivos os esforços no âmbito da qualificação, na integração das cadeias de valor e no aproveitamento de recursos que até aqui tinham sido, de certa forma, tidos como secundários, conseguiremos concretizar esse salto.

Com outra grande vantagem, do ponto de vista macroeconómico: é que, à medida que as empresas estarão mais internacionalizadas, podemos também almejar empresas cada vez mais produtivas, cada vez mais na ponta e na vanguarda tecnológica e empresas de maior dimensão. Porque o grande desafio macroeconómico em Portugal – e eu fartei-me de estudar e de escrever sobre isso nos últimos dez 15 anos – é precisamente a diminuta dimensão média das empresas portuguesas.

Em Portugal, há grandes empresas internacionais, como a BMW, que montam centros de desenvolvimento, os engenheiros portugueses desenvolvem produtos e depois o valor acrescentado desses produtos é gerado na Alemanha através da manufactura. Isso não é uma certa persistência no modelo de economia do passado?

Eu discordo dessa premissa. Quando uma multinacional dessa dimensão vem para Portugal contratar pessoal altamente qualificado, acontecem vários efeitos, o primeiro dos quais é esse pessoal ter acesso a condições de trabalho que não teria junto da generalidade das empresas em Portugal. Segundo,

quando uma multinacional dessa dimensão vem para Portugal, se fizermos bem, certamente que outras actividades de maior valor acrescentado virão por acréscimo. E isso tem acontecido. Nesse percurso, o desafio de Portugal é conseguir sediar em Portugal, cada vez mais, os centros de inovação que essas multinacionais promovem. E é nesse percurso que, penso eu, nós estamos a singrar. Temos motivos para estar optimistas, sabendo de antemão que Portugal está numa concorrência internacional com o conjunto de países que, por sua vez, também estão a fazer o seu trabalho, estão a fazer as suas reformas de longo prazo com a actuação dos custos de contexto administrativos e burocráticos que impendem também sobre as respectivas economias.

Falemos de custos de contexto. Quando tem contactos ou negociações com potenciais investidores estrangeiros, quais são os principais problemas que lhe colocam antes de avançarem com eventuais investimentos em Portugal?

Bem, desde logo, os processos de licenciamento, que em Portugal sabemos que são morosos. Nesse aspecto, tem havido, ao longo dos anos, algumas tentativas de simplificação. Há hoje em dia uma plataforma de licenciamento industrial e ambiental que acaba por agregar diferentes sub-regimes de licenciamento, Mas são processos sempre morosos. Naturalmente, têm que ser processos exigentes. Nós estamos na Europa, portanto estamos num mundo que se pretende como um exemplo em matéria de regulação ambiental, mas aquilo que sucede é que, de facto, há frequentemente queixas, por parte de investidores, pela morosidade dos processos, que não são, às vezes, compatíveis com a realidade dos negócios. Depois, cada vez mais, também há questões que são relacionadas com o provimento de energia. Em Portugal, há um conjunto de investimentos, nomeadamente aqueles ditos investimentos estratégicos, estruturantes, que vão requerer provimento eléctrico maciço comparado com a capacidade que existe actualmente.

Precisamos de ter um papel muito mais interveniente no que diz respeito à promoção da propriedade intelectual

Nós sabemos fazer turismo. Essa é a realidade inegável dos factos. (...) Não vejo isso como uma má coisa. Pelo contrário

Voltando às exportações: o turismo representa já 17,6% das nossas exportações. Não começa a ter um peso demasiado excessivo?

Nós sabemos fazer turismo. Essa é a realidade inegável dos factos. Temos condições naturais para o fazer, sabemos fazê-lo e, portanto, seria de estranhar que Portugal, ao longo dos anos, não se tivesse especializado de alguma forma no turismo. Portanto, não vejo isso como uma má coisa. Pelo contrário. Eu vejo naturalmente isso como também espaço para criar novas oportunidades. Exemplo: porque é que não podemos hoje ir partilhar a nossa experiência na gestão do turismo com outros países? Porque é que nós não podemos exportar serviços de turismo? É uma oportunidade.

Em 2023 o Investimento Directo Estrangeiro [IDE] atingiu os 6,8 mil milhões de euros, mas 3,9 mil milhões foram para o imobiliário. Portugal está a passar ao lado da reindustrialização na Europa?

Não vejo o copo meio vazio dessa forma...

Mas os números mostram que a atractividade da indústria não é tão grande como o negócio do imobiliário...

A atractividade da indústria está, em Portugal, num processo ainda de reajustamento. A pandemia causou uma alteração dos motores de negócio, veio acentuar a fragmentação do comércio internacional, das cadeias de valor. Hoje em dia, há novos fenómenos como o *near shoring*, que já vinha de trás, mas que se tem vindo a acentuar nos últimos anos, que, ao fim e ao cabo, traz a indústria, a produção para mais próximo dos mercados de consumo. Há também cada vez mais fricções políticas que estão a levar à relocalização por parte das indústrias, o chamado *friend shoring*, em que os investidores oriundos de uma determinada geografia se posicionam em países que são mais, digamos, politicamente próximos dos seus países de origem. E isso tem levado também a algumas alterações. E tudo isto surge, como eu disse, no espaço de dois, três anos, o que, num processo industrial, é um período relativamente curto.

Mas há sinais de que Portugal vai beneficiar desses movimentos?

Acho que há sinais de que está a acontecer em Portugal. É natural que Portugal venha a beneficiar desses movimentos globais de fragmentação das cadeias de valor. A Europa, provavelmente nos próximos anos, vai-se fechar mais sobre si própria. Isso vai levar a que existam muitas multinacionais que olhem para Portugal de uma forma mais interessada do que nos últimos dez anos, em que, se calhar, comparavam Portugal com outras geografias, nomeadamente na Ásia, em, digamos, modo mais ou menos de igualdade.

Hoje em dia isso já não vai acontecer precisamente por causa de novas barreiras e novas protecções que se vão erguer para investimentos industriais, nomeadamente feitos em geografias não-europeias. E, portanto, Portugal pode beneficiar dessa migração.

Agora, o que é facto é que temos, do ponto de vista do IDE estrangeiro, um *stock* de investimento directo estrangeiro em Portugal em redor de 70% do PIB. É um valor que não se compara mal com o resto da Europa.

Com este Governo, a AICEP regressou à tutela da economia. Que ideia tem sobre esta mudança?

A AICEP tem um mandato dual: captar investimento directo estrangeiro para Portugal e promover a internacionalização da economia portuguesa. Depois, tem também um papel fundamental na diplomacia económica e também no contributo para a definição de política económica em Portugal e redução de custos de contexto. Estruturalmente, nós temos um papel muito relevante em política económica. Temos também um trabalho de articulação em termos de diplomacia económica. Portanto, diria que estou de acordo com o facto de a tutela política da AICEP ser o ministro da Economia, sem prejuízo de haver uma articulação muito próxima com os Negócios Estrangeiros, nomeadamente no que diz respeito à nossa presença internacional. Temos mais de 50 delegações espalhadas por esse mundo fora. Portanto, seria estranho que não estivéssemos articulados com os Negócios Estrangeiros, em particular, tendo em conta que os nossos delegados são também conselheiros económicos dos embaixadores mundo fora.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DE SÃO JOSÉ, EPE

AVISO

Nos termos do Decreto-Lei nº 41/2024, de 21 de junho e do Despacho nº7097-A/2024, retificado pelo Despacho nº 7459-A/2024, e por deliberação do Conselho de Administração da Unidade Local de Saúde de São José, E.P.E., de 11-07-2024, faz-se público que se encontra aberto procedimento concursal comum, destinado ao preenchimento de 1 (um) posto de trabalho na especialidade de Cirurgia Cardíaca, na categoria de assistente da carreira da carreira médica, do mapa de pessoal desta Unidade Local de Saúde, para constituição de relação jurídica de emprego, mediante celebração de contrato de trabalho sem termo, no âmbito do Código do Trabalho, cujo aviso de abertura foi publicitado pelo aviso nº 19954/2024/2, inserto no *Diário da República*, 2ª Série, Nº 173 de 06-09-2024, cujo prazo de entrega de candidaturas é de 5 (cinco) dias, contados da dia seguinte ao da publicação no *Diário da República*.

Para mais informações, consultar a página eletrónica da ULSSJosé, EPE, https://www.chlc.min-saude.pt/concursos-de-admissao-de-pessoal/, onde estão disponíveis as informações complementares para formalização do processo de apresentação de candidaturas.

Unidade Local de Saúde de São José, EPE, 06 de setembro de 2024

A Diretora da Área de Gestão de Recursos Humanos
Maria Adelaide Oliveira Canas

MINISTÉRIO DA SAÚDE

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DE SÃO JOSÉ, EPE

AVISO

Nos termos do Decreto-Lei nº 41/2024, de 21 de junho e do Despacho nº7097-A/2024, retificado pelo Despacho nº 7459-A/2024, e por deliberação do Conselho de Administração da Unidade Local de Saúde de São José, E.P.E., de 11-07-2024, faz-se público que se encontra aberto procedimento concursal comum, destinado ao preenchimento de 2 (dois) postos de trabalho na especialidade de Cirurgia Plástica, Reconstrutiva e Estética, na categoria de assistente da carreira da carreira médica, do mapa de pessoal desta Unidade Local de Saúde, para constituição de relação jurídica de emprego, mediante celebração de contrato de trabalho sem termo, no âmbito do Código do Trabalho, cujo aviso de abertura foi publicitado pelo aviso nº 19955/2024/2, inserto no *Diário da República*, 2ª Série, Nº 173 de 06-09-2024, cujo prazo de entrega de candidaturas é de 5 (cinco) dias, contados da dia seguinte ao da publicação no *Diário da República*.

Para mais informações, consultar a página eletrónica da ULSSJosé, EPE, https://www.chlc.min-saude.pt/concursos-de-admissao-de-pessoal/, onde estão disponíveis as informações complementares para formalização do processo de apresentação de candidaturas.

Unidade Local de Saúde de São José, EPE, 06 de setembro de 2024

A Diretora da Área de Gestão de Recursos Humanos
Maria Adelaide Oliveira Canas

Dá-se conhecimento público de que se encontra aberto o processo de recrutamento de pessoal em regime de contrato de trabalho por tempo indeterminado para a Direção de Assuntos Jurídicos, da Reitoria da Universidade Nova de Lisboa para:

- 1 vaga de técnico superior (m/f), referência **CT-20/2024 - DAJ,** ao qual podem candidatar-se os indivíduos que reúnam as condições fixadas no aviso disponível no endereço:

http://www.unl.pt/nova/nao-docentes

O prazo para submissão das candidaturas é de 10 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

Aviso (M/F)
(Encarregado de Proteção de Dados)

CND-CCS-158-SGRH/2023 – I – Nos termos da alínea c) do n.º 3 do artigo 23.º dos Estatutos da Universidade de Aveiro, na versão homologada pelo Despacho Normativo n.º 1-C/2017, publicado na 2.ª Série do *Diário da República*, de 24 de abril, torna-se público que, por despacho de 03-07-2023 do Reitor da Universidade de Aveiro, é aberto procedimento para contratação de um Encarregado de Proteção de Dados.

II – Área de atuação do cargo a contratar – Exercício das funções definidas no art.º 39º do Regulamento (EU) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de abril de 2016, relativas à proteção de dados pessoais e à livre circulação desses dados, a saber:

a) Informar e aconselhar o responsável pelo tratamento ou o subcontratante, bem como os trabalhadores que tratem os dados, a respeito das suas obrigações nos termos do citado regulamento e de outras disposições de proteção de dados da União ou dos Estados-Membros;
b) Controlar a conformidade com o referido regulamento, com outras disposições de proteção de dados da União ou dos Estados-Membros e com as políticas do responsável pelo tratamento ou do subcontratante relativas à proteção de dados pessoais, incluindo a repartição de responsabilidades, a sensibilização e formação do pessoal implicado nas operações de tratamento de dados, e as auditorias correspondentes;
c) Prestar aconselhamento, quando tal lhe for solicitado, no que respeita à avaliação de impacto sobre a proteção de dados e controlar a sua realização nos termos do artigo 35º do referido normativo;
d) Cooperar com a autoridade de controlo;
e) Servir de ponto de contacto para a autoridade de controlo sobre questões relacionadas com o tratamento, incluindo a consulta prévia a que se refere o artigo 36º do mencionado Regulamento, e promover a consulta, sendo caso disso, a esta autoridade sobre qualquer outro assunto.

III – Requisitos de admissão – Possuir no mínimo, formação superior graduada de licenciatura e seis anos de experiência profissional em funções para cujo exercício ou provimento seja exigível uma licenciatura e possuir cumulativamente conhecimentos especializados no domínio do direito e das práticas de proteção de dados, bem como capacidade para desempenhar as funções referidas no artigo 39.º do Regulamento supramencionado.

IV – Perfil pretendido – Possuir pelo menos dois anos de experiência profissional comprovada na área em causa.

V – Métodos de seleção – Serão utilizados os seguintes métodos de seleção:

a) Avaliação curricular – tendo por base a análise das habilitações académicas, formação e experiência profissionais, constantes do *curriculum vitæ*.
b) Entrevista de avaliação de competências e perfil.

V.1 – Os critérios de apreciação e ponderação da avaliação curricular e da entrevista de avaliação de competências e perfil, bem como o sistema de classificação final, incluindo a respetiva fórmula classificativa, constarão de ata de reunião do Júri.

VI – Local de trabalho – Campus Universitário de Santiago, em Aveiro.

VII – Retribuição – Sendo as funções configuradas como de responsável por estrutura de projeto, a retribuição tem por referência o cargo de direção intermédia de 1.º grau, em conformidade com o disposto no nº 3 do artigo 15º do Regulamento Orgânico dos Serviços da Universidade de Aveiro.

VIII – Composição do Júri

Presidente: Professor Doutor José Manuel Neto Vieira, Pró-Reitor e Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro;
Vogais efetivos: Licenciada Carla Sofia Faria de Sousa, Adjunta do Administrador, da Universidade de Aveiro e Doutor José Carlos Barros de Oliveira, Professor Adjunto do Instituto Superior de Engenharia do Porto;
Vogais suplentes: Engenheiro João Manuel Ferreira Ribeiro, Diretor-Delegado dos Serviços de Ação Social e Licenciado Mário Luís Dias Forte Pelaio, Administrador, ambos da Universidade de Aveiro.

XI – Apresentação de candidaturas

A candidatura será formalizada no portal JobsUA, até ao dia **vinte e três de setembro de dois mil e vinte e quatro,** devendo ser submetida a seguinte documentação:

- *Curriculum Vitae*, com indicação do nome e endereço de correio eletrónico para o qual será notificado no âmbito deste procedimento concursal;
- Cópia do(s) certificado(s) de habilitações académicas e profissionais;
- Documento(s) comprovativo(s) de experiência profissional (certificados de trabalho, declarações de entidades patronais anteriores, contratos de trabalho, etc.);
- Outros documentos que entendam ser relevantes para apreciação do mérito, bem como de outros requisitos exigidos nos pontos III e IV.

IX.1 – A falta de entrega, dentro do prazo, de requerimento contendo menção explícita ao presente anúncio e respetiva referência e ou do *curriculum vitæ* detalhado e comprovado implica a exclusão do processo de seleção.

X – Conforme exarado no Despacho Conjunto n.º 373/2000, de 1 de março, do Ministro-Adjunto, do Ministro da Reforma do Estado e da Administração Pública e da Ministra da Igualdade, faz-se constar a seguinte menção:

"Em cumprimento da alínea h) do artigo 9.º da Constituição, a Administração Pública, enquanto entidade empregadora, promove ativamente uma política de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres no acesso ao emprego e na progressão profissional, providenciando escrupulosamente no sentido de evitar toda e qualquer forma de discriminação".

Aveiro, em 07 de agosto de 2024
O Reitor, Prof. Doutor *Paulo Jorge dos Santos Gonçalves Ferreira*

CONVOCATÓRIA
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Por força do previsto nos Artigos 272/n.º 2 c) e 28.º, dos Estatutos do Grupo de Estudos do Cancro do Pulmão, são convocados todos os Associados para a Assembleia Geral, que se realizará no próximo dia 24 de Outubro de 2024, nas instalações do Hotel MH Atlântico em Peniche - Sala A - plenária, sito na Av. Do Golfe - Atouguia da Baleia - Peniche, pelas 17:30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

UM - Apresentação e Votação do Programa de Ação e do orçamento para o ano de 2025 e Parecer do Conselho Fiscal;
Dois - Outros Assuntos.

A Assembleia reunirá em primeira convocatória às 17:30 Horas. Se não estiverem presentes ou representados mais de metade dos Associados, reunirá em segunda convocatória às 18:00 Horas, com qualquer número de Associados.

Lisboa, 06 de Setembro de 2024

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Paulo Serafim de Jesus Martins da Costa

Público, 09/09/2024

AVISO

Processo de recrutamento para admissão de profissional com experiência para atividades lúdicas para crianças- m/f

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE ARCO RIBEIRINHO, E.P.E., pretende constituir o recrutamento de um Técnico Superior, em regime de Contrato Individual de Trabalho, ao abrigo do Código do Trabalho, aprovado pela Lei 7/2009 de 12 de fevereiro.

1. Condições:
Remuneração: 1385,99€ de remuneração-base;
Carga Horária: 35 horas semanais.

2. Perfil
Requisitos obrigatórios: Detentor de Licenciatura.
Requisitos preferenciais:
- Experiência em atividades lúdicas com crianças.

Requisitos comportamentais:
- Capacidade de planear e implementar atividades educativas adaptadas ao ambiente hospitalar, que promovam o bem-estar emocional e psicológico das crianças;
- Capacidade de adaptar atividades às necessidades e limitações físicas das crianças hospitalizadas, utilizando a criatividade para tornar a estadia hospitalar o mais agradável possível;
- Ajudar a minimizar o impacto emocional do internamento e dos tratamentos nas crianças; Desenvolver atividades que promovam a expressão plástica, musical e o jogo simbólico, adaptadas ao contexto hospitalar.

As candidaturas deverão ser enviadas por email: (rhrecrutamento@ulsar.min-saude.pt), acompanhadas do *curriculum vitae* e comprovativo de habilitações literárias e formação.
Prazo: 10 dias úteis.

ULSAR, EPE, 06 de setembro de 2024.

A Diretora do Serviço de Recursos Humanos
Dr.ª *Paula Monteiro*

ANÚNCIO Ref.ª 64/AH/2024

ADMINISTRADORES HOSPITALARES (3ª CLASSE)

Torna-se público que se encontra aberto, por um período de 5 dias úteis a contar da data da publicação do presente aviso, o processo de recrutamento para Administradores Hospitalares (3ª classe) para preenchimento de vagas em regime de contrato de trabalho sem termo.

Os requisitos, gerais e específicos, respetiva grelha com critérios e ponderações de avaliação, composição da Comissão de Avaliação e outras informações de interesse para apresentação de candidatura, encontram-se disponíveis em versão integral no anúncio de recrutamento disponível na página eletrónica da Unidade Local de Saúde de Amadora/Sintra, em https://hff.min-saude.pt/hospital/recrutamento.

Amadora, 09 de setembro de 2024

ANÚNCIO Ref.ª 63/ENF/2024

BOLSA DE RECRUTAMENTO DE ENFERMEIROS/AS

Torna-se público que se encontra aberto, por um período de 5 dias úteis a contar da data da publicação do presente aviso, o processo de recrutamento para Enfermeiros/as, para constituição de Bolsa de Recrutamento para preenchimento de vagas em regime de contrato de trabalho.

Os requisitos, gerais e específicos, respetiva grelha com critérios e ponderações de avaliação, composição da Comissão de Avaliação e outras informações de interesse para apresentação de candidatura, encontram-se disponíveis em versão integral no anúncio de recrutamento disponível na página eletrónica da Unidade Local de Saúde de Amadora/Sintra, em https://hff.min-saude.pt/hospital/recrutamento.

Amadora, 09 de setembro de 2024

DR

A pandemia fez The Tallest Man on Earth querer deixar o “isolamento voluntário”

Pelo menos em estúdio, onde o sueco gravou um disco, *Henry St.*, que contraria o seu processo habitualmente solitário. Ao vivo, vê-lo-emos sozinho, hoje na Casa da Música (Porto) e amanhã no Capitólio (Lisboa)

Daniel Dias

Alguns meses após o início da pandemia de covid-19, o sueco Kristian Matsson, que já grava há mais de 15 anos discos de folk contemporânea como The Tallest Man on Earth, apesar de estar longe de ser o homem mais alto do planeta (mede apenas 1,70 m ou perto disso), mudou-se da Nova Iorque, onde se radicara, para a sua casa no campo a umas duas horas e meia de comboio de Estocolmo, para estar mais perto do pai, que estava muito doente. A prática do distanciamento social (esse termo que deixa um total de zero saudades) foi difícil para alguém que passara grande parte da sua vida adulta até então a andar em digressão.

“Até àquele ponto, ainda não me apercebera totalmente de que esse é um estilo de vida que funciona bastante bem para o meu cérebro, onde sou um grande extrovertido que quer muito expressar-se em palco e, ao mesmo tempo, esta pessoa extremamente introvertida que precisa mesmo de estar sozinha – isto é uma forma romântica de falar sobre ser-se quase bipolar”, diz ao PÚBLICO o músico de 41 anos, antes do seu regresso a Portugal para dois concertos, hoje na Casa da Música, no Porto, e amanhã no Capitólio, em Lisboa (Sofia Reis, que assina como Capital da Bulgária, outro belo *alter ego*, fará a abertura em ambas as datas).

O início da pandemia foi tudo menos um período de escrita furiosa para o escandinavo, artista que chamou a atenção e conquistou merecidos elogios sobretudo no início do seu percurso (período que coincidiu com o seu auge). Ainda tentou compor, mas só estavam a sair de si canções “extremamente tristes”, que o próprio autor tinha interesse reduzido em escutar. “Tenho três pensamentos na minha cabeça, que andam sempre às voltas; ninguém quer ouvir canções sobre isso. Preciso de estar lá fora, no mundo, e de ser sociável – e, depois disso, de me inspirar por algo que vejo ou que alguém diz.” Matsson deixou de lado a música durante uns tempos; voltou-se para a jardinagem e para a bicicleta, antídotos contra o desespero numa fase altamente exigente para todos nós.

***Henry St.* é o sétimo disco (sexto de originais) do autor de folk contemporânea nascido Kristian Matsson**

Criação do álbum tornou-se uma “celebração de amigos a fazer música juntos numa sala”

Estamos a recordar a experiência pandémica do músico porque o muito tempo de reflexão solitária que teve na pitoresca Suécia rural – “Digo que a pandemia foi uma treta, mas não deixo de ter noção da minha situação privilegiada”, assinala – foi importante para moldar *Henry St.*, disco que lançou no ano passado e que é o sétimo da sua carreira (sexto de originais).

No fundo, o isolamento gerou em Matsson uma grande vontade de colaborar com outros músicos, →

algo que até então acontecera pouco, sobretudo devido a "falta de auto-estima". "Se gravares tudo sozinho, não tens de mostrar as versões embrionárias das canções que tens na tua cabeça a outras pessoas – portanto, não tens de lidar com a possibilidade de essas pessoas te dizerem que o que estás a fazer não presta."

Após a reabertura das fronteiras, o cantor e compositor viajou para a Carolina do Norte, nos Estados Unidos, onde tinha vários amigos músicos. Foi com eles que construiu *Henry St.*, álbum mais ou menos solar, ainda que não sem espaço para uma certa vulnerabilidade, e com aproximações a uma sonoridade pop que são das mais declaradas que Matsson já esboçou na sua carreira.

"De certa forma, aquele período horrível em que estava só a caminhar sozinho e a não compor nada trouxe coisas boas, porque cheguei a várias conclusões. Percebi, por exemplo, que já não quero muito saber da minha 'carreira'", diz, voltando a uma reflexão que já fizera numa entrevista, há um ano, à revista *Paste*. "O sucesso é uma coisa estranha. Sou muito grato por tudo o que me deu, mas é mais fácil fazer música no início, quando nada está em jogo e estás só a divertir-te. Quando atinges um certo nível, começas a ficar assustado: 'Será que as pessoas vão gostar do novo álbum? Será que o sucesso vai desaparecer?' A partir do momento em que começas a pensar assim, o que tu escreves torna-se uma porcaria", diz, para depois finalizar o raciocínio: "Acho que deixei de me importar com algumas coisas. Quero lá saber se toco para 50 pessoas ou para 5000; o que quero é dar concertos."

Novos começos

Matsson tentou partir para *Henry St.* com esta nova sensação de liberdade e a criação do álbum tornou-se uma "celebração de amigos a fazer música juntos numa sala". Até a escolha do título espelha um virar de página. Henry St. é o nome da rua em Brooklyn onde o sueco viveu e fez o anterior disco de originais *I Love You. It's a Fever Dream.*, editado em 2019 (pelo meio, em 2022, saiu o álbum de *covers Too Late for Edelweiss*).

"Estava a passar por uma situação muito sofrida na minha vida amorosa na altura do *Fever Dream*. E impus a mim mesmo uma regra um bocado parva para fazer esse disco: 'Não vou para nenhum estúdio nem para a Suécia, onde tenho imenso espaço. Vou fazer o álbum no meu apartamento, com uma quantidade limitada de equipamento, e vou escrever e gravar num mês.' Isolamento voluntário, o que pareceu estúpido pouco tempo depois, quando fomos todos obrigados a isolar-nos", recorda Matsson. "Quando fiz o *Henry St.*, sabia que não voltaria a morar lá. Então, soube bem dar ao disco esse nome. Foi uma espécie de: 'Adeusinho.'"

Antes de *I Love You. It's a Fever Dream.*, *Dark Bird is Home* (2015) também foi escrito num período conturbado para o sueco, que então estava a divorciar-se da também artista Amanda Bergman. Musicalmente, esse disco continuou e tornou mais evidente o trabalho que se iniciara com *There's No Leaving Now* (2012): o trabalho de "preenchimento" da sonoridade de um Matsson que no início construía as suas canções confiando apenas na beleza imperfeita da sua voz, então muito comparada à de Bob Dylan, e na riqueza dos seus arpejos acústicos, então muito comparados aos de Nick Drake.

E o The Tallest Man on Earth dos primórdios – o Tallest Man de *Shallow Grave* (2008), *The Wild Hunt* (2010) e até *There's No Leaving Now*, ainda que o terceiro seja menos imediato que os dois primeiros – é mesmo o mais essencial. Inevitavelmente influenciado pelo seu crescimento longe da urbe, Matsson encontrava no mundo natural motivo de deslumbramento, território a explorar com curiosidade insaciável (ou onde se refugiar, ou para onde partir; partir em busca de algo, qualquer coisa) e aves, rios ou ventos através dos quais metaforizar romances, angústias ou outros temas. A natureza surgia amiúde no mapa de narrativas que, mesmo que por vezes vagas, eram cantadas com uma crueza e intensidade que as enchiam de vida – a honestidade das próprias gravações, muito *lo-fi*, também contribuía para isso.

Simultaneamente capaz de convocar o agridoce e o esperançoso, Matsson escreveu nessa altura pérolas como *The gardener*, em que, quiçá influenciado por outro Nick (não Drake, mas quase, Cave), veste a pele do jardineiro assassino, que mata tudo e todos os que conspiram contra si, ameaçando destruir a fantasia que criou e que mantém a pessoa que adora convicta de que ele é alguém nobre. Noutros momentos de similar inspiração, quase conseguíamos imaginar o músico no topo da montanha mais alta da Escandinávia, a encher os pulmões para anunciar de viva voz os seus sonhos de realeza noutras terras (a luminosa *King of Spain*, que até textualmente acena a Dylan: se Matsson de facto subiu a montanha, fê-lo com as suas "*boots of Spanish leather*").

Poderemos ouvir também um pouco desse Tallest Man (e será só ele, já que, diz, não tem dinheiro para trazer a banda consigo) nos concertos desta semana, que passarão por toda a discografia do sueco e que serão os seus primeiros desde Janeiro. "Sem contar com a pandemia, este foi o primeiro Verão em 16 anos em que não estive na estrada. Abdiquei disso para poder estar a trabalhar no novo álbum", conta, sublinhando que não há pressa para completar este novo trabalho.

Cultura

O Adamastor de Camões transfigurado em canto das sereias

Crítica de música

Tormento (estreia absoluta)

★★★★☆

Nova Era Vocal Ensemble. Nuno da Rocha, direcção musical; Gustavo Sumpta, direcção e performance. Palácio Sinel de Cordes/Trienal de Arquitectura
Lisboa 6 e 7 Setembro, 21h e 22h

No início, um aviso: muita coisa se passará ao nível do chão, aconselhando-se o público a ficar de pé durante a *performance*. Com essa informação, descemos até ao pátio do Palácio Sinel de Cordes, sede da organização Trienal de Arquitectura, que recebeu na passada quinta e sexta-feira (dia em que o PÚBLICO esteve presente) *Tormento*, a *performance* cantata de Gustavo Sumpta com música de Nuno da Rocha, em estreia absoluta.

Curiosos, olhamos o solo coberto de terra e folhas de uma centenária *Ficus elastica*, que se impõe como majestático elemento cenográfico. Mas nada parece acontecer. Nas colunas um som metálico e sibilante; ao fundo, de costas e em linha recta, 12 mulheres (coralistas do Nova Era Vocal Ensemble). Durante grande parte dos cerca de 30 minutos que dura Tormento são as suas vozes, os seus corpos e os instrumentos por elas tocados o alvo da nossa atenção. Contam e cantam-nos o encontro entre Vasco da Gama e o Adamastor, episódio presente no canto V de *Os Lusíadas* (a *performance* cantata é uma encomenda do Operafest para assinalar os 500 anos do nascimento de Luís de Camões). Mas no chão, como nos havia sido prometido, nada acontece. Até que, perto do fim, o artista e *performer* Gustavo Sumpta se desenterra (literalmente) e nu desaparece da nossa vista pelo próprio pé. É isto uma *performance*? Talvez, mas não só.

O gesto artístico não é inédito. Em *Underneath the Bitumen* (2018), o artista australiano Mike Parr sepultou-se sob betão, numa movimentada rua de Hobart, na capital do estado da Tasmânia. Durante três dias, viveu numa caixa-forte com menos de 8m2, enquanto o tráfego automóvel fluía normalmente por cima da sua cabeça, ignorando a sua presença. "Este trabalho é sobre o nulo da imagem – não há artista, não há espectáculo, não há obra de arte. A vida retoma a normalidade, e nós ficamos com a ansiedade de saber o que aconteceu, durante as 72 horas", disse Parr à imprensa na altura.

Em *Tormento*, por outro lado, temos artista, espectáculo e obra de arte. Tanto mais que a força da *performance* reside não em saber-se que Sumpta está enterrado (só posteriormente esse facto será conhecido), mas na surpresa de ver um homem levantar-se do chão. É neste movimento, que interrompe o espectáculo (concretizando-o finalmente), que o carácter artístico se revelará não enquanto obra de arte, mas enquanto acontecimento, dinamitando uma estética hermenêutica, como é próprio da *performance*. Ainda assim – e apesar da experiência radical de estar debaixo de terra durante 30 minutos, respirando com a ajuda de um tubo –, tudo nos parece relativamente encenado e seguro.

Há em *Tormento* outras virtudes, mais ligadas ao seu carácter de espectáculo. A descorporização do Adamastor, por exemplo, parece-nos uma metáfora acertada para representar o medo e as adversidades que o confronto com o desconhecido pode significar. Transfigurado em 12 vozes femininas, qual canto das sereias a um só tempo Eros e Thana-

As coralistas ofereceram uma interpretação segura e austera, sem grandes ornamentos

tos, o Adamastor é o medo e o desejo que nos aproxima em direcção ao outro, à viagem e aos seus múltiplos desdobramentos. Enquanto Vasco da Gama, representado por um rádio que debita a narração, é reduzido à sua dimensão histórica.

Estas opções remetem, aliás, para duas obras do século XX que reflectem sobre o mesmo *topos* literário, filtrado por dois outros poetas. Em *Mostrengo*, última parte de *Quatro Poemas da Mensagem* (1986), com textos de Fernando Pessoa, a compositora Lourdes Martins recorre à declamação em voz gravada. E em *História Trágico-Marítima* (1960), a partir da poesia de Miguel Torga, Fernando Lopes-Graça, além da linha solista para barítono, escreve uma parte coral só para vozes femininas.

A música de Nuno da Rocha é, naturalmente, distinta. Desde logo pelo contexto onde se insere, sendo o aspecto funcional com o qual constrói a dramaturgia da cantata simultaneamente uma das suas qualidades e fraquezas. O próprio admite, na folha de sala, que quando compõe para um texto preexistente se sente como "segundo compositor". Com efeito, o tratamento das estâncias é ao nível da prosódia irrepreensível e cada palavra de percepção cristalina, beneficiando da homofonia e homorritmia que caracterizam a generalidade das partes corais. O recurso aos sinos e às flautas, que as próprias coralistas utilizam, acrescenta densidade dramática, embora funcionem mais pelo efeito sonoro do que pela sua musicalidade. Ao nível harmónico, escutam-se progressões de encher o ouvido em que o compositor parece ter investido. Ainda assim, tratando-se de uma peça sobretudo coral, pareceu-nos que a abordagem ao potencial expressivo da voz se deteve num plano bastante convencional.

As coralistas do Nova Era Vocal Ensemble desempenharam, com à-vontade cénico, uma coreografia despojada e de gestos simples. Oferecendo, musicalmente, uma interpretação segura e austera como a partitura parecia pedir, sem grandes ornamentos e de ritmo exigente. A sincronia das vozes (o grande desafio da obra) foi ligeiramente prejudicada por algumas hesitações que, acreditamos nós, inibiram também secções que beneficiariam de maior contraste expressivo e dinâmico.

Sob a *performance* sonora do coro feminino, uma outra se preparava, inspirada na morte de Dona Lianor de Sã, mulher de Manuel dos Santos Sepúlveda, comandante de Galeão *São João* que naufragou depois de ter desembarcado da Índia em 1552 com destino a Portugal, explica Gustavo Sumpta na folha de sala. De que forma a "ressurreição" de Sumpta se inspira no episódio não é totalmente claro, se não, talvez, como homenagem a essa fatalidade e a todos os outros tantos que morreram, foram mortos ou viram as suas vidas escravizadas. Uma leitura menos idílica da epopeia portuguesa partilhada, entre outros, pelo poeta Al Berto: "Aqui te faço os relatos simples/ dessas embarcações perdidas no eco do tempo/ cujos nomes e proveito de mercadorias/ ainda hoje transitam de solidão em solidão". Quinhentos anos depois, 50 de uma outra efeméride que se celebra igualmente, ainda há quem viva nessa solidão. É preciso desenterrar, se não os corpos, pelo menos as suas vozes. **Ricardo da Rocha**

Guia

ecrãs

publico.pt/streaming

O Casal Perfeito existe e está a matar na Netflix

O Verão está a chegar ao fim e Nicole Kidman, Liev Schreiber e Eve Hewson estão a dominar os ecrãs da Netflix portuguesa com um policial de ricos cheio de ironia

Joana Amaral Cardoso

Estreada há poucos dias, a série *O Casal Perfeito* já é a mais vista na Netflix em Portugal e já está a ser dissecada *online*, por isso o seu trabalho já está feito. Certo? Não é bem assim. Há que resolver este crime contra a linearidade e falar um bocadinho de como Nicole Kidman, Liev Schreiber, Dakota Fanning e sobretudo Eve Hewson fazem desta série popular apesar do que poderiam indiciar os seus nomes – não é uma série de prestígio, arrisquemos, é um policial de ricos. E vê-se de uma assentada.

Na já conhecida tradição de séries sobre os ricos que não consegue deixar de levar a sério tanto o privilégio desta espuma cimeira das chamadas classes sociais quanto o seu direito a ser humanizados, *O Casal Perfeito* é também um pedaço de comédia. Será involuntária, questiona-se a crítica Roxana Hadidi no *site* Vulture, ou bem afinada, porque é realizada por Susanne Bier, premiada com Óscares e Emmys, conhecida pela sua versatilidade no grande e pequeno ecrã e pela atenção milimétrica à beleza de um plano – seja sobre um *vol-au-vent*, seja sobre uma mulher à beira da morte.

O Casal Perfeito é um olhar escarninho e invejoso sobre aquelas figuras que a América oferece nas franjas da sua realeza, uma espécie de Kennedys de *buffet*, mas que em vez dos Hamptons ou de Hyannis Port estão em Nantucket. A maresia, as roupas pastel ou garridas, a suavidade com que o *ethos* beto se entranha na paisagem e na aspiração do espectador têm desta vez uma amiga: Amelia não é rica e vai-se casar com um dos filhos dos Winbury, mas está com um pé cá e outro lá – a toxicidade que domina as relações dos Winbury é afogada numa orgia permanente de ostras e *mojitos* de mirtilo, mas ela incomoda-se, mesmo quando a paisagem é incrível e as mordomias são confortáveis.

E, ponto de ordem, a série está perfeitamente colocada neste início de Setembro e esse é provavelmente o seu maior trunfo. *O Casal Perfeito* é uma jóia da arte de programar, como é uma arte colocar o tipo de livro certo à venda num aeroporto. Há coisas que resultam dentro de balizas muito específicas. Greer Garrison Winbury (Kidman) e Tag Winbury (Schreiber) concordariam, seguramente, mesmo abdicando do seu quinhão de responsabilidade por esta minissérie chamar logo a atenção.

A série está também cheia de ironias e ramificações, além de algumas alterações em relação ao romance homónimo de Elin Hilderbrand em que se baseia. Hilderbrand, segundo o diário britânico *The Guardian*, "é conhecida como a rainha das leituras de praia". Greer, cuja interpretação está a dar grandes louvores a Kidman, é escritora desse tipo de livros, apesar de achar aviltante que sejam postos à venda nas livrarias de aeroportos, lá está. Kidman volta a papéis que lhe têm dado notoriedade televisiva, como a incontornável *Big Little Lies*, da HBO, que por seu turno foi o motivo pelo qual a protagonista aqui se chama Amelia e não Celeste – este último era o nome da personagem da actriz australiana em *Big Little Lies*, pequeno tratado sobre os bastidores das vidas dos privilegiados.

Kidman volta a papéis que lhe têm dado notoriedade televisiva. Greer Garrison Winbury, cuja interpretação lhe está a dar grandes louvores, é uma escritora na série

DR

É que são mesmo privilegiados. Como diz à polícia o organizador de eventos que trabalha com os Winbury, eles são "o tipo de ricos que matam alguém e se safam". Sim, o crime. Ou a morte, porque até ao final não se sabe o que aconteceu no jantar pré-casamento àquela pessoa que, com grande inconveniência, obrigou a adiar a festa porque morreu.

Gente que não sabe estar, claramente, e que deu bastante trabalho a Eve Hewson e à sua Amelia. Foi um trabalho desafiante impregnar-se de tanta dor, disse ao *New York Times*, e não tanto tactear aqueles estilos de vida. Filha de Bono Vox, vocalista dos U2, está habituada a estas coisas. E vinda de uma pérola de família unida mas acometida pela violência como a retratada na série da Apple TV+ *Bad Sisters*, já tem calo.

Há, portanto, uma série de camadas para fatiar antes ou depois de se ver *O Casal Perfeito*, que não ambiciona a ser mais do que aquilo que é, um "*whodunnit*" e não um pastelão de "*eat the rich*". Como a reverenciada *The White Lotus*, porém, consegue algo que tem pertencido às séries de prestígio. Fazer o espectador resistir a tocar no botão "saltar a introdução". Porque o genérico, com o elenco a dançar na praia *Criminal*, de Meghan Trainor, é delicioso. O elenco bem criou um grupo secreto no WhatsApp para tentar escapar à cena, mas nada feito. No final do sexto e último episódio, há uma versão ligeiramente expandida.

Mas não devem ser precisos muitos mais argumentos para chegar ao fim de *O Casal Perfeito*. O fim do Verão é inevitável, e os casais perfeitos só existem para ser desfeitos.

Destaques da semana

MAX

A Amiga Genial T4
Amanhã
Chegámos à História da Menina Perdida, já passada na vida adulta de Elena e Lila. Numa década de violência política e social, elas fazem o malabarismo da carreira, maternidade e amor, regressando ao seu bairro napolitano de origem.

TVCINE EDITION

End of Summer
Amanhã
Um rapazinho desaparece em 1984 e o caso fica por resolver. A sua irmã, que tinha 14 anos quando ele desapareceu, conhece um jovem num grupo de terapia, 20 anos depois, que tem uma história de infância que a faz pensar que pode haver mais para descobrir. Este é uma série nórdica do género "filme negro" de seis episódios e uma adaptação do policial homónimo de Anders de la Motte.

Netflix

Jack Whitehall: Fatherhood with My Father
Amanhã
O comediante britânico junta-se novamente ao seu pai, que participou já em vários dos seus projectos, desta feita para aprenderem mais sobre a aventura da paternidade através de uma viagem pelo mundo.

RTP2

Os Nossos Corpos São os Vossos Campos de Batalha
Sexta-feira
Documentário de Isabelle Solas sobre o percurso político e a vida íntima de Claudia e Violeta, mulheres transgénero que enfrentam tanto o apoio de uma Argentina mais aberta a todas as expressões de identidade, como muito conservadora.

Guia

Cinema

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em
cinecartaz.publico.pt

Porto

Cinema Trindade
R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425
Depois do Ensaio M12. 18h; **Dulcineia** 19h30; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 14h15; **Geração Low-cost** M14. 16h; **A Torre Sem Sombra** M12. 15h; **Motel Destino** M14. 17h30, 21h30; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 19h30, 21h45

Cinemas Nos Alameda Shop e Spot
R. dos Campeões Europeus 28 198. T. 16996
A Morte de Uma Cidade 19h; **Dulcineia** 13h50, 16h10, 21h50; **Como Por Magia** 16h, 18h40; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h10, 15h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h40, 16h20, 18h50 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 17h50, 21h; **Oh Lá Lá!** M12. 21h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h30, 17h40, 20h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 18h40, 21h40 ; **Cão e Gato** M6. 13h30; **Um Sinal Secreto** M14. 21h10; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h20, 15h50, 18h30, 21h20 ; **Pequenas Grandes Vitórias** 13h15, 15h30

Medeia Teatro Municipal Campo Alegre
R. das Estrelas. T. 226063000
Ritual 21h30

Braga

Teatro Circo
Av. da Liberdade, 697. T. 253262403
A Máscara 21h30

Coimbra

Casa do Cinema de Coimbra
Av. Sá da Bandeira 33. T. 239851070
Dulcineia 16h40; **O Monge e a Espingarda** M12. 18h30; **24 Frames** M12. 14h30; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 21h30

Cinemas Nos Fórum Coimbra
Fórum Coimbra, Av. José Bonifácio de Andrada e Silva. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h30, 16h15 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h45, 19h30 (VP) 19h45 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 15h, 18h, 21h; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h30, 17h30, 21h15; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h45, 17h, 22h15; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 14h, 16h30, 19h10, 21h45; **Zona de Risco** M14. 22h; **Pequenas Grandes Vitórias** 18h45, 21h30

Gondomar

Cinemas Nos Parque Nascente
Praceta Parque Nascente, nº 35. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h10, 12h30, 15h20, 17h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h20, 16h, 18h30 (VP) 19h30 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 20h20, 23h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h10, 21h, 23h50; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h10, 15h15, 18h15, 21h20, 00h25; **Alien: Romulus** M16. 14h30, 17h30, 20h40, 23h40; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h20, 15h10, 18h, 21h10, 24h; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h10, 16h20, 19h25, 22h25; **Cão e Gato** M6. 14h20, 16h40; **Um Sinal Secreto** M14. 20h10, 23h; **Hellboy e o Homem Torto** 21h15, 23h45; **Um Gato Com Sorte** M6. 14h10, 16h30 (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 12h40, 15h40, 18h40, 21h30, 00h20; **Zona de Risco** M14. 13h, 15h50, 19h, 21h40; **Pequenas Grandes Vitórias** 18h50, 21h05, 23h20; **Daddio - Uma Noite em Nova Iorque** 13h50, 16h10, 22h30

Guimarães

Castello Lopes - Espaço Guimarães
25 de Abril, Silvares. T. 253539390
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h25, 15h40, 17h55 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h10, 15h50, 18h30, 21h10; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 14h45, 17h, 19h15, 21h30

Estreias

Beetlejuice Beetlejuice
De Tim Burton. Com Jenna Ortega, Michael Keaton, Monica Bellucci, Winona Ryder, Willem Dafoe, Danny DeVito. EUA. 2024. 104m. Comédia. M12.
Após a trágica morte do patriarca, as três gerações de mulheres da família Deetz retornam à casa de Winter River, onde outrora foram atormentadas por Beetlejuice, um fantasma muito peculiar que tinha como objectivo expulsá-los.

Cão e Gato
De Reem Kherici. Com Franck Dubosc, Reem Kherici, Philippe Lacheau, Inès Reg. CAN/FRA. 2024. 86m. Comédia, Aventura. M6.
Monica é dona de uma gata que é um sucesso nas redes sociais. Numa das suas viagens, ela cruza-se com Jack, cujo cão, apesar de ninguém saber, acabou de engolir um rubi, fruto de um roubo do dono. Quando os animais se perdem no aeroporto, os dois humanos veem-se obrigados a unir esforços para os encontrar.

Como Por Magia
De Christophe Barratier. Com Kev Adams, Gérard Jugnot, Claire Chust, Charlotte Des Georges. FRA. 2023. 93m. Comédia Dramática.
Victor é mágico e atravessa um bom momento da sua carreira. Mas ser muito requisitado tem o seu preço: com tantos espectáculos e apresentações, ele mal tem tempo para cuidar de Lison, a sua bebé. Depois de tentar, sem sucesso, encontrar alguém apropriado para o ajudar, ele vê-se forçado a pedir ajuda ao sogro.

Daddio - Uma Noite em Nova Iorque
De Christy Hall. Com Dakota Johnson, Sean Penn, Marcos A. Gonzalez, Zola Lloyd, Shannon Gannon. EUA. 2023. 100m. Drama.
Uma mulher sai do Aeroporto Internacional JFK, em Nova Iorque, e entra num táxi. Durante a viagem até casa, ela inicia uma conversa inesperada com Clark, um motorista com anos de experiência em decifrar o que as pessoas não têm coragem de verbalizar.

Dulcineia
De Artur Serra Araújo. Com António Parra, Alba Baptista, Ana Cunha, Nuno Nunes. POR. 2023. 88m. Drama.
Baseado no romance "O Ano Sabático", da autoria de João Tordo, este filme acompanha Hugo, um contrabaixista que viveu em Marrocos durante treze anos e que agora regressa ao Porto. Hugo fica chocado quando, durante um concerto de piano, o artista começa a tocar uma música composta por si.

Pequenas Grandes Vitórias
De Mélanie Auffret. Com Michel Blanc, Julia Piaton, Lionel Abelanski, Marie Bunel. FRA. 2023. 89m. Comédia.
Oriundo de uma família com poucos recursos, Émile não sabe ler. Mas agora que passou dos sessenta, está convicto de que é chegado o momento de aprender.

Zona de Risco
De William Eubank. Com Liam Hemsworth, Russell Crowe, Luke Hemsworth, Ricky Whittle, Milo Ventimiglia. EUA. 2024. 113m. Thriller. M14.
Quando, durante uma missão de resgate, uma equipa de operações especiais norte-americana é rodeada pelo inimigo no sul das Filipinas, Kinney, um oficial na sua segunda missão, é separado dos seus companheiros. A única esperança de salvação está nas orientações de um piloto de drones, que lhe vai dando indicações sobre o que fazer.

Como por Magia

As estrelas P

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Alien — Romulus	★★☆☆☆	—	★★☆☆☆
Beetlejuice, Beetlejuice	—	—	★★★☆☆
Breves Encontros	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Bruno Reidal- As Confissões...	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Daddio, uma Noite em Nova Iorque	—	★☆☆☆☆	—
Dulcineia	—	★☆☆☆☆	—
Greice	★★★☆☆	★★★☆☆	—
O Longo Adeus	★★★★★	★★★★★	★★★★★
O Monge e a Espingarda	★★☆☆☆	★★☆☆☆	—
Nas Sombras	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Na Terra de Santos e Pecadores	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Terra Queimada	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Verdade ou Consequência?	★★★★☆	★★★★☆	★★★☆☆
24 Frames	★★★☆☆	★★★★☆	★★★☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Maia

Castello Lopes - Mira Maia Shopping
Mira Maia Shopping, Estrada Real nº 95 - Lugar das Guardeiras. T. 229419241
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h20, 15h35, 17h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP); **Isto Acaba Aqui** M12. 21h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 14h45, 17h, 19h15, 21h30

Matosinhos

Cinemas Nos MarShopping
Av. Dr. Óscar Lopes. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h, 13h30, 16h10 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h40, 13h10, 15h40, 18h30 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 12h10, 15h30, 18h40, 21h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h, 15h, 18h10, 21h10, 00h10; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h20, 15h20, 18h20, 21h, 23h40; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 10h30, 12h40, 14h50, 17h10 (VP); **Um Sinal Secreto** M14. 21h20, 23h50; **Hellboy e o Homem Torto** 19h, 22h, 00h25; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h40, 16h, 19h10, 21h50, 24h; **Daddio - Uma Noite em Nova Iorque** 19h20, 21h40, 00h15; **Play Dead: Escapar ou Morrer** 00h20; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 12h30, 15h10, 18h, 20h50, 23h30 (IMAX)

Cinemas Nos NorteShopping
C.C. Norteshopping, Lj 1117. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h, 12h50, 15h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h20, 14h, 16h30, 19h (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 14h30, 17h30, 20h30, 23h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h30, 15h30, 18h30, 21h30, 23h40; **Alien: Romulus** M16. 18h, 20h50, 00h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h, 15h50, 18h50, 21h40, 00h25; **Um Sinal Secreto** M14. 19h50; **Hellboy e o Homem Torto** 21h50; **Um Gato Com Sorte** M6. 10h50, 13h15, 15h40 (VP); **Zona de Risco** M14. 18h10, 21h10, 00h10; **Pequenas Grandes Vitórias** 14h10, 16h20, 19h10; **Daddio - Uma Noite em Nova Iorque** 22h, 00h30; **Play Dead: Escapar ou Morrer** 00h25; **Alien: Romulus** M16. 14h10, 16h50, 22h10 (SCREENX); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20, 24h (NOS XVISION)

Vila Nova de Gaia

Cinemas Nos GaiaShopping
C.C. Gaiashoping, Lj 2.25. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h10, 15h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h40, 16h10, 18h30 (VP) 18h, 20h30, 23h (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 12h40, 15h20, 18h10, 21h; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h20, 17h30, 20h40, 23h30; **Alien: Romulus** M16. 12h50, 15h25, 18h20, 21h20, 00h10; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h20, 15h50, 18h50, 21h50, 00h30; **Um Sinal Secreto** M14. 19h; **Hellboy e o Homem Torto** 21h10, 23h30; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h30, 16h, 18h40, 21h30, 24h; **Zona de Risco** M14. 13h50, 16h20, 21h40, 00h20; **Play Dead: Escapar ou Morrer** 23h50; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h, 15h30, 17h50, 20h50, 23h20 (4DX)

UCI Arrábida 20
Arrábida Shopping. T. 223778800
Dulcineia 16h15, 21h20; **Como Por Magia** 16h15, 21h25; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 14h, 16h25, 19h25 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** 13h40, 18h50; **Divertida-Mente 2** M6. 13h20, 16h05, 18h50, 21h40; **Oh Lá Lá!** M12. 16h35, 21h35; **Armadilha** M12. 19h25, 21h55; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h15, 16h, 18h40, 21h25; **Duchess Implacável** M16. 13h35, 18h40; **O Corvo** M16. 18h55, 21h35; **Alien: Romulus** M16. 13h30, 16h20, 19h05, 21h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h50, 16h20, 19h10, 22h; **Cão e Gato** M6. 14h25, 16h35 (VP); **Um Sinal Secreto** M14. 16h30, 21h30; **Campeões 2** 15h55, 21h15; **Longing - À Descoberta do Passado** 13h35, 16h10, 18h45, 21h20; **Hellboy e o Homem Torto** 14h05, 19h, 22h; **O Monge e a Espingarda** M12. 13h25, 18h35; **Um Gato Com Sorte** M6. 14h15, 16h55 (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 14h, 14h20, 16h30, 16h50, 19h, 19h20, 21h30, 21h50; **Zona de Risco** M14. 13h45, 16h25, 19h10, 21h55; **Pequenas Grandes Vitórias** 14h30, 16h45, 19h05, 21h15; **Daddio - Uma Noite em Nova Iorque** 14h10, 16h40, 19h15, 21h40

Lazer

EXPOSIÇÕES

GNR: Os Primeiros 45 Anos
VILA NOVA DE GAIA ArrábidaShopping. De 3/9 a 21/10, das 10h às 23h. Grátis
Com quatro décadas e meia de bagagem, a banda formada por Rui Reininho, Tóli César Machado e Jorge Romão é agora vista à lupa nesta exposição que dá a conhecer o percurso pessoal e profissional dos músicos que têm os créditos de "impulsionadores do pop-rock nacional". *Efectivamente*, *Ana Lee*, *Morte ao sol*, *Pronúncia do Norte*, *Dunas*, *Asas* e *Mais vale nunca* são alguns dos temas que fazem parte do seu currículo, mas também da memória de gerações. Instrumentos, figurinos, bilhetes, prémios e discografia compõem o lote de 70 peças aqui mostradas, que se complementam com um momento especial: um concerto gratuito dos GNR, a 27 de Setembro, no parque de estacionamento exterior.

Resende — Desenho de Viagem
GONDOMAR Lugar do Desenho — Fundação Júlio Resende. De 18/11 a 12/10. Segunda a sexta, das 9h30 às 12h30 e das 14h30 às 18h30; sábado, das 14h30 às 17h30. 2€
França, Brasil, Cabo Verde e Goa são algumas das coordenadas que marcam os traços da exposição patente na Sala do Acervo do Lugar do Desenho, espaço dedicado à divulgação e preservação da obra do pintor português Júlio Resende (1917-2011). Com trabalhos "registados em múltiplos e prosaicos meios", estes desenhos são complementados com textos do próprio mestre e de Laura Castro, que explicam a influência das viagens na sua obra. A mostra é comissariada por Manuel Casal Aguiar, que também assina o projecto de design gráfico com Eliana Sousa Pires.

FESTAS

Feiras Novas
PONTE DE LIMA Vila. De 4/9 a 9/9.
Rusgas, concertinas, cantares ao desafio, zés pereiras, gigantones, cabeçudos, folclore e gastronomia são alguns dos ingredientes da romaria que vem apresentada pela autarquia como "o maior congresso ao vivo da cultura em Portugal".

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

Cruzadas 12.548

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

Horizontais: 1 - Michel (...), foi nomeado primeiro-ministro francês por Emmanuel Macron. Autor(fig.). **2 -** Universidade de Lisboa. Vestuário talar dos eclesiásticos. **3 -** Soluçar convulsivamente. Pratinhosobre que se coloca a chávena. **4 -** Trituro com os dentes. Agência Portuguesa do Ambiente. Conjunto depeças de algo por montar. **5 -** Doutora (abrev.). Exaspera. **6 -** Etiqueta. Vinho, como excipiente medicinal. **7 -** Ovário dos peixes. Senão. **8 -** Corda sobre que se equilibram os funâmbulos ou arlequins. Estado situado nacosta ocidental da Índia. **9 -** Presidente da República. Banco de (...), uma cordilheira submarina que tem asmais altas montanhas da Europa debaixo de água. **10 -** Aquele que ara. Um dos dígrafos da língua portuguesa. **11 -** Tornar rebelde. Sem preparação.
Verticais: **1 -** Polir, esfregando. Rasgar. **2 -** Pedro (...), recebeu o Leão de Ouro do Festival de Venezacom o filme "The Room Next Door". **3 -** Levar. Prefixo (afastamento). **4 -** Campeonato profissional norte-americano de basquetebol. Ouro (s. q.). Papão. **5 -** Sereia dos rios e dos lagos, na mitologia dos Índios doBrasil. Pomar de limoeiros. **6 -** Extraterrestre. Devoto. Rio afluente da margem esquerda do Rio Douro. **7 -** Cortar em pedacinhos, com as mãos (alface, couve). Grande porção. **8 -** Letra grega correspondente ao n.Insurgir-se. **9 -** Doença de (...), pode começar no intestino, reforça novo estudo. **10 -** "Do dito ao feito vai umgrande (...)". Proceder. **11 -** Dispõe para funcionar. O maior pássaro nativo da Austrália.

Solução do problema anterior: HORIZONTAIS:1 - Zelândia. El. **2 -** Emanar. Sora. **3 -** Lari. Sara. **4 -** As. Miguel. **5 -** Tonel. ADN. **6 -** Bi.De. Lx. **7 -** Dulcineia. **8 -** Or. Ocas. Sam. **9 -** Ata. Messe. **10 -** Volkswagen. **11 -** Anil. Cromos.V
VERTICAIS: 1 - Zelar. Doava. **2 -** Emas. Burton. **3 -** Lar. Til. Ali. **4 -** Ânimo. Co. Kl. **5 -** Na. Indicas. **6 -** Dr. Geena. WC. **7 -** Sul. Esmar. **8 -** ASAE. Vi. Ego. **9 -** Orla. Assem. **10 -** Era. Dl. Asno. **11 -** LA. Enxame

Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Sul
Vul: EO

Oeste	Norte	Este	Sul
			1ST
passo	2♣	passo	2♠
passo	4♠	Todos passam	

Leilão: Equipas ou partida livre (IMPs).

Carteio: Saída: J♥. Qual o seu plano de jogo?

Solução: Antes de avançar para a primeira vaza, faça uma pausa para reflectir um pouco. O maior perigo desta mão é ceder a mão a Este que atacará paus. Se houver uma perdente a trunfo, na melhor das hipóteses o contrato ficaria dependente do bom palpite no naipe de paus, mas à mercê de um cabide se Oeste tiver o Ás e Dama de paus. Portanto, o maior objectivo é evitar que Este tenha a mão. Comece por deixar Oeste fazer o Valete de copas! Depois da continuação a copas, faça o Ás e jogue um pequeno trunfo de Sul. Aparece a Dama de Oeste, deixe fazer também! Se aparecesse um outro trunfo, teria de fazer o Rei do morto para repetir trunfo, e esperar que os trunfos estejam 2-2 ou que seja Oeste a ter três. Mas, com estas duas medidas de segurança, é possível assegurar o contrato apesar das armadilhas montadas atrás dos arbustos! Quatro trunfos, cinco ouros e o Ás de copas, dez vazas firmes.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
	1♣	passo	1♦
passo	1♥	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠K87643 ♥97 ♦4 ♣QJ102

Resposta: Marque 1♠. Com 11 pontos e uma mão balançada, o mais natural seria marcar 2ST. Mas a falta de defesa no único naipe que falta ser mencionado deve ser uma preocupação, pois passa a ser uma evidência para os adversários quanto ao que sair. E essa é precisamente uma das boas razões para se usar o quarto naipe *forcing*, a falta de defesa neste último.

Não deixe de experimentar os nossos problemas *online*, em www.publico.pt. Ainda não é obrigatório ser assinante, basta efectuar o registo do seu nome e endereço de *email*. Carteio ou leilão, tem à sua disposição centenas de desafios!

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

Problema 12.860 (Fácil)

Problema 12.861 (Média)

	7			6			5	
8			5		3			1
		4				6		
	6						1	
	9		3		2		7	
	8						4	
		1				9		
2			7		8			5
	5			4			2	

Solução 12.858

8	1	7	2	5	6	9	3	4
4	6	2	9	7	3	1	8	5
9	5	3	1	4	8	6	2	7
3	4	1	7	8	2	5	6	9
6	8	9	3	1	5	4	7	2
2	7	5	4	6	9	8	1	3
1	2	4	6	9	7	3	5	8
7	9	8	5	3	1	2	4	6
5	3	6	8	2	4	7	9	1

Solução 12.859

8	1	5	6	3	2	9	4	7
6	7	4	8	1	9	2	5	3
9	3	2	4	7	5	1	6	8
7	4	1	5	9	3	6	8	2
3	9	6	2	8	4	7	1	5
2	5	8	1	6	7	4	3	9
4	6	7	9	5	8	3	2	1
5	2	3	7	4	1	8	9	6
1	8	9	3	2	6	5	7	4

Guia

CINEMA

Ben-Hur
Cinemundo, 21h
Em 1959, William Wyler assinou este épico religioso de três horas sobre a história de Judah Ben-Hur, um príncipe judeu do século I que é traído por um amigo e tornado escravo pelos romanos, acusado de um crime que não cometeu. Liberta-se e jura vingança. Foi nomeado para 13 Óscares e conquistou 11 deles, incluindo os de melhor filme, actor (Charlton Heston) e realização.

Bully
RTP1, 21h01
Estreia. Realizado por Ricardo Pugschitz de Oliveira, o novo telefilme da RTP inspira-se num conto de Miguel Simal, co-autor do argumento com João Félix, Miguel Simal, Diogo Lourenço e José Carlos de Oliveira. É a história de um homem que sempre aturou tudo, de todos, desde a infância. Mas, um dia, tudo muda: "Uma colega dá-lhe a coragem que ele não sabia ter, levando-o ao exagero poético de quem até então tudo tinha suportado", revela a RTP. Carlos Malvarez, Diva O'Branco, Maria D'Aires, Kiko Monteiro, Diogo Brito, Rui Neto, Pedro Carvalho, Pedro Caeiro, João Montez e Matilde Serrão assumem as personagens.

Stop-Zemlia - Se não arriscares, nunca saberás
RTP2, 22h55
A ucraniana Kateryna Gornostai escreve e dirige este filme dramático, vencedor do Urso de Cristal em Berlim em 2021, sobre as dores de crescimento e a falta de sentimento de pertença na juventude. Acompanha a introvertida Masha durante o seu último ano do secundário, quando uma paixão a faz sair da sua zona de conforto.

SÉRIES

Animal Control
Star Comedy, 21h25
Estreia. É com *Doninhas e Avestruzes* – e, logo a seguir, com *Coelhos e Pitões* – que a *sitcom* norte-americana se instala no Star Comedy, em dose dupla, para depois debitar um episódio por dia, de segunda a sexta. Criada por Bob Fisher, Rob Greenberg e Dan Sterling, segue as operações de uma equipa de controlo de animais de Seattle liderada por Frank, um antigo polícia dado ao sarcasmo. É Joel McHale quem o interpreta, à frente de um elenco que conta também com Vella Lovell, Michael Rowland, Ravi V. Patel e Grace Palmer.

Televisão

Os mais vistos da TV
Sábado, 7

		%	Aud.	Share
Primeiro Jornal	SIC	8,1	23,5
Congela	TVI	7,3	17,8
Jornal da Noite	SIC	7,2	16,3
Alta Definição	SIC	6,4	19,8
Jornal Nacional	TVI	6,4	14,5

FONTE: CAEM

Canal	Share
RTP1	11,0%
RTP2	1,2
SIC	12,7
TVI	12,7
Cabo	42,0

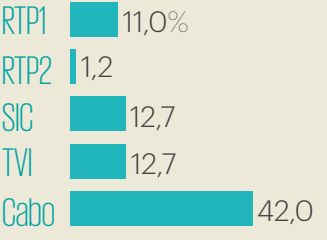
RTP1
6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.15** Hora da Sorte - Lotaria Clássica **14.23** Amor Sem Igual **15.21** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo **19.06** O Preço Certo
19.59 Telejornal

21.01 Bully
21.52 Joker
22.51 Alguém Tem de o Fazer
23.49 Só Como e Bebo. Por Acaso, Trabalho!
0.50 Grandiosa Enciclopédia do Ludopédio **1.46** Anatomia de Grey **2.29** Amor sem Igual

RTP2
6.25 Folha de Sala **6.32** Caminhos **7.00** Espaço Zig Zag **13.06** E2 - Escola Superior de Comunicação Social **13.30** Outra Escola **13.57** O Substituto **14.30** A Fé dos Homens **16.05** A Viagem de Attenborough **17.00** Espaço Zig Zag **20.36** Heróis de Verde **21.30** Jornal 2 **22.01** Hotel à Beira-Mar
22.55 Stop-Zemlia - Se não arriscares, nunca saberás
0.55 Esec TV **1.27** Jantar Indiscreto
2.14 Portugal Que Dança **3.03** Folha de Sala **3.09** Ponte Atlântico **4.04** José Fonseca e Costa - A Luz no Olhar **5.01** A Caverna de Cosquer: Uma Obra Prima com o Tempo Contado **5.52** Folha de Sala **5.58** A Fé dos Homens

SIC
6.00 Edição da Manhã **8.10** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.25** Querida Filha **16.10** Júlia
18.40 Terra e Paixão
19.57 Jornal da Noite
22.10 A Promessa
22.55 Senhora do Mar
0.10 Nazaré
0.45 Papel Principal - A Vingança **1.05** Travessia **1.45** Passadeira Vermelha **3.05** Terra Brava

TVI
6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.30** A Sentença **15.40** A Herdeira **16.30** Goucha
18.30 A Sentença
19.57 Jornal Nacional
21.15 Cacau
22.45 Festa É Festa

0.00 TVI Extra **1.30** O Beijo do Escorpião **2.00** Sedução

TVCINE TOP
18.10 Lobos de Guerra **19.35** May December: Segredos de Um Escândalo **21.30** Priscilla **23.25** Evil Dead Rise: O Despertar **1.00** One Shot — Missão de Resgate

STAR MOVIES
17.56 A Honra de Um Herói **19.53** El Rojo **21.15** A Lança em Chamas **22.43** Os Cruéis **0.15** Os Homens das Terras Bravas **1.35** A Paz Voltou à Cidade

HOLLYWOOD
17.05 Harry Potter e o Cálice de Fogo **19.35** Em Defesa de Sua Majestade **21.30** San Andreas **23.25** Comando **1.00** Saw VI — Jogos Mortais

AXN
17.42 The Rookie **21.06** Hudson & Rex **22.00** Alert: Unidade de Pessoas Desaparecidas **22.54** Chicago Fire **23.36** Maze Runner: Provas de Fogo

STAR CHANNEL
17.06 Investigação Criminal: Los Angeles **18.48** FBI **20.23** Hawai Força Especial **23.03** Chicago P.D. **0.48** FBI

DISNEY CHANNEL
17.15 Miraculous - As Aventuras de Ladybug **18.30** Hamster & Gretel **19.40** Os Green na Cidade Grande **20.50** Vamos Lá, Hailey! **21.35** A Raven Voltou

DISCOVERY
17.00 Mestres do Restauro **19.00** Aventura à Flor da Pele XL **23.55** Aventura à Flor da Pele **0.43** Aventura à Flor da Pele XL

HISTÓRIA
17.14 Mesopotâmia, Redescobrir os Tesouros do Iraque **18.09** O Faroeste **19.44** Os 100 Dias **22.15** Armas de Guerra 2.0 **23.57** Maias, os Segredos das Últimas Cidades **0.52** Mesopotâmia, Redescobrir os Tesouros do Iraque **1.31** Armas de Guerra 2.0

ODISSEIA
17.19 Grutas do Mundo: Aventura Subterrânea **18.14** Clima Letal **19.55** Como Sobreviver ao Aquecimento Global **20.50** Cidades Sob Ameaça **22.30** Ásia Desde o Céu **0.09** Espanhóis no Mundo **1.58** Cidades Sob Ameaça

The Walking Dead: Daryl Dixon
AMC, 22h12
Estreia-se, com episódio duplo, mais um derivado do universo *The Walking Dead*. Criado por David Zabel, funciona como continuação da série original, centra-se em Daryl Dixon e transporta a acção para França, onde terá tido origem o vírus responsável pela hecatombe *zombie*. Norman Reedus regressa ao seu papel, contracenando com Clémence Poésy, Adam Nagaitis, Anne Charrier, Eriq Ebouaney, Laika Blanc-Francard, Romain Levi e Louis Puech Scigliuzzi. Bem recebida pela crítica, a série tem já a terceira temporada na forja, desta vez filmada em Espanha.

Chicago Fire
AXN, 22h54
Arranca no AXN a 12.ª época dos dramas profissionais e pessoais do quartel 51 dos bombeiros de Chicago. O primeiro episódio envolve a partilha de instalações com outro quartel, uma série de explosões e a despedida de um dos seus. Para seguir à segunda-feira.

DOCUMENTÁRIO

A Casa de Dentro Carlos Nogueira
TVCine Edition, 9h30
Luís Alves de Matos assina este documentário de 2023 sobre Carlos Nogueira, artista multidisciplinar nascido em 1947, na então Lourenço Marques. O propósito do filme é revelar "não só a sua obra como a estreita relação com o seu espaço de viver e trabalhar", sublinha a sinopse.

TALK-SHOW

Só Como e Bebo. Por Acaso, Trabalho!
RTP1, 23h49
O que têm em comum Hugo van der Ding, Luís Franco-Bastos, Hugo Gonçalves e Manuel Moura dos Santos? Um convite de Fábio Porchat para se juntarem à mesa, partilharem uma refeição e conversarem divertidamente sobre... a morte.

INFANTIL

Masha e o Urso
Panda, 20h08
É com um *Dia dos Trabalhos Manuais* que começa a sétima temporada da popular série russa protagonizada por uma menina tão esperta quanto irrequieta, pelo seu paciente amigo Urso e pelos animais da floresta que vêm sempre dar uma ajuda à trapalhada. Há novo episódio diariamente, de segunda a sexta.

Meteorologia

PORTUGAL

Viana do Castelo 14º 22º
Bragança 11º 27º
Braga 12º 27º
Vila Real 11º 26º
Porto 13º 23º
14º 0,8m
Viseu 12º 29º
Guarda 12º 29º
Aveiro 13º 23º
Coimbra 13º 25º
Castelo Branco 13º 30º
Leiria 15º 21º
Santarém 14º 30º
Portalegre 11º 28º
Lisboa 17º 25º
Setúbal 16º 26º
Évora 13º 29º
Sines 16º 20º
Beja 13º 29º
15º 0,8m
Sagres 16º 20º
Faro 17º 24º
19º 0,8m

Açores

Corvo
Flores 21º 24º
25º 1,5m
Graciosa
São Jorge 19º 23º
24º 1,0m
Terceira
Faial
Pico
São Miguel 20º 24º
24º 1,0m
Ponta Delgada
Sta Maria

Madeira

Porto Santo 20º 25º
Madeira 19º 24º
24º 0,5m
24º 1,0m
Funchal

MARÉS

Preia-mar · Baixa-mar · *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Baixa-mar 13h03	1,1	12h36	1,3	12h29	1,2
Preia-mar 19h15	2,8	18h50	2,8	18h55	2,7
Baixa-mar 01h21*	1,2	00h53*	1,4	00h47*	1,2
Preia-mar 07h40*	2,7	07h17*	2,8	07h19*	2,7

PRÓXIMOS DIAS PORTO

	Terça-feira, 10	Quarta-feira, 11	Quinta-feira, 12
Mín./Máx.	13º / 24º	14º / 24º	12º / 24º
Índice UV	Alto	Médio	Alto
Vento	Fraco	Fraco	Fraco
Humidade	71%	69%	70%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 1 Set.	422,25
Há um ano	418,64
Há dez anos	396,29
Semana de 25 Ago.	421,36
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

Excelente · Razoável · Mau · Não é saudável · Nada saudável · Perigoso

Porto · Coimbra · Lisboa · Évora · Faro

SOL

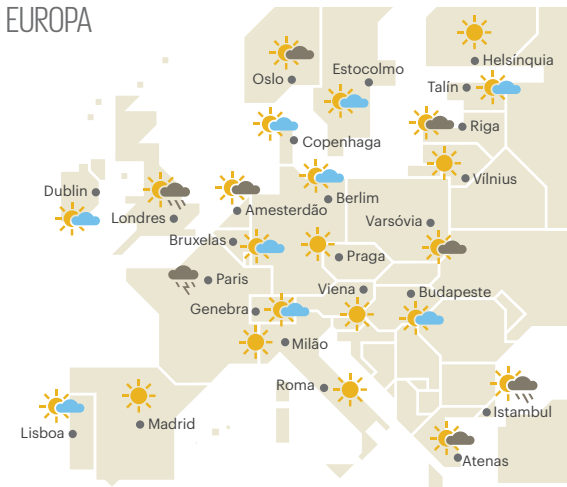
Nascente 07h13
Poente 19h53

LUA

11 Set. 07h06
18 Set. 03h34
24 Set. 20h52
2 Out. 18h49

Nascente 13h20
Poente 22h47

EUROPA

Oslo · Estocolmo · Helsínquia · Talin · Riga · Copenhaga · Vilnius · Dublin · Londres · Amesterdão · Berlim · Varsóvia · Bruxelas · Praga · Paris · Viena · Budapeste · Genebra · Milão · Roma · Istambul · Lisboa · Madrid · Atenas

TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.		Mín.	Máx.
Amesterdão	13	20	Roma	18	28
Atenas	23	30	Viena	16	20
Berlim	15	20	Bissau	26	28
Bruxelas	11	19	Buenos Aires	14	18
Bucareste	17	31	Cairo	26	35
Budapeste	16	22	Caracas	21	30
Copenhaga	12	21	Cid. do Cabo	9	18
Dublin	12	17	Cid. do México	14	23
Estocolmo	16	23	Díli	22	32
Frankfurt	14	19	Hong Kong	25	32
Genebra	13	18	Jerusalém	21	31
Istambul	19	28	Los Angeles	24	40
Kiev	14	26	Luanda	21	26
Londres	11	18	Nova Deli	27	33
Madrid	16	29	Nova Iorque	16	24
Milão	17	29	Pequim	20	26
Moscovo	14	26	Praia	26	30
Oslo	14	19	Rio de Janeiro	20	31
Paris	11	18	Riga	15	26
Praga	13	21	Singapura	25	31

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Desporto Segunda jornada da Liga das Nações

RODRIGO ANTUNES/EPA

Bruno Fernandes abraçado por Rúben Dias, depois de ter marcado o primeiro golo de Portugal contra a Escócia

Portugal 2
Bruno Fernandes 54', Cristiano Ronaldo 88'

Escócia 1
Scott McTominay 7'

Estádio da Luz, em Lisboa.

Portugal Diogo Costa; Nélson Semedo ●66' (Diogo Dalot, 76'), António Silva, Rúben Dias, Nuno Mendes; Bernardo Silva (João Neves, 68'), João Palhinha (Rúben Neves, 46' ●67'), Bruno Fernandes ●80'; Pedro Neto (Cristiano Ronaldo, 46'), Diogo Jota, Rafael Leão (João Félix, 68').
Treinador Roberto Martínez

Escócia Angus Gunn; Anthony Ralston ●85', Grant Hanley, Scott McKenna, Andrew Robertson ●51'; Kenny McLean, Billy Gilmour; Ryan Christie ●39' (Lewis Morgan, 87'), Scott McTominay, John McGinn (Ben Doak, 90+1'); Lyndon Dykes. **Treinador** Steve Clarke

Árbitro Maurizio Mariani (Itália)
VAR Aleandro Di Paolo (Itália)

Positivo/Negativo

+ **Cristiano Ronaldo**
Saltou do banco para acrescentar mais um golo decisivo à contabilidade pessoal. Duas bolas no ferro e uma assistência de sonho para Félix ajudam a perceber o peso do “capitão” nesta selecção. Só o anúncio de que iria a jogo abalou a confiança escocesa.

Bruno Fernandes
Começou a distribuir jogo e a oferecer ocasiões a Diogo Jota para abrir, à bomba, o caminho. Em dia de aniversário, justificou todos os elogios. Só não foi mais feliz por nítida falta de sorte na finalização.

João Félix
Independentemente da eficácia e de alguma infelicidade na finalização, com dois ou três golos perdidos por pormenores, abriu brechas na defesa escocesa e ajudou a desmontar o bloco que Cristiano derrubou.

McTominay
A Escócia precisa de mais jogadores como o médio do Nápoles em que José Mourinho apostou no Manchester United.

− **Gunn**
Negou dois golos na primeira parte, mas acabou por comprometer no golo do empate.

Foi preciso apelar a Ronaldo para dobrar a Escócia

“Capitão” da selecção nacional entrou na segunda parte para marcar, aos 88 minutos, e acabar com a resistência dos britânicos. Noite sofrida adiou estreia de Quenda

Crónica de jogo

Augusto Bernardino

Portugal teve de ir ao limite das forças para conseguir vencer (2-1), com o 901.º de Cristiano Ronaldo, o segundo jogo do Grupo A1 da Liga das Nações, contornando, depois de 88 minutos de nervos, uma Escócia que marcou cedo e vendeu muito caro o triunfo que dá a liderança à selecção de Roberto Martínez.

Depois do recorde de 900 golos de Cristiano Ronaldo – que ontem foi pela primeira vez para o banco da selecção desde o Marrocos-Portugal do Mundial do Qatar –, com a Luz em festa, repleta, à espera do recorde adiado de Quenda e do 600.º jogo de Bruno Fernandes no dia do seu 30.º aniversário, McTominay deixou o estádio em estado de choque.

A Escócia, que nunca ganhara em Portugal, e não vencia um jogo oficial há precisamente um ano – jejum iniciado no Chipre, na fase de qualificação para o Euro –, estava, subitamente, em vantagem, e em condições de colocar em prática um plano de jogo hermético, com a equipa entrincheirada, com oito unidades num bloco que foi resistindo à erosão. Uma curiosidade: há um ano, em Larnaca, McTominay abriu o marcador aos 6 minutos, também de cabeça, igualmente a cruzamento da esquerda, surgindo nas costas dos defesas. Mas, depois desse jogo, em 13 compromissos os escoceses só venceram Gibraltar num particular, no Algarve.

Competia, agora, a Portugal prolongar a crise da Escócia, o que implicava a marcação de um par de golos. Rafael Leão rugiu aos 20 minutos, deixando Gunn a fumegar; Diogo Jota fez mais dois disparos à queima-roupa, ambos a passarem de raspão. Pedro Neto e Bruno Fernandes asfixiavam os britânicos. Mas os homens das terras altas estavam habituados ao ar rarefeito. E, apesar da inspiração do guardião Gunn, só puderam respirar de alívio quando soou o apito para intervalo.

O efeito Cristiano

Com o adversário acantonado e a margem de manobra cada vez mais reduzida, Roberto Martínez mandou aquecer Cristiano Ronaldo.

O efeito do “capitão” fazia sentir-se no relvado antes mesmo da entrada do madeirense. Pedro Neto e Palhinha ficavam no balneário, com Rúben Neves a ir a jogo com o goleador mais profícuo da história do futebol.

Portugal entrou a pressionar, como fizera durante toda a primeira parte, mas com uma diferença: desta vez, Bruno Fernandes (54') acertou no alvo, deixando a imagem de Gunn tremida na fotografia. Mas o golo de Portugal teve o condão de despertar o adversário, que pegou na bola e esteve mesmo na iminência de recuperar a vantagem num par de ensaios de McTominay.

A discrepância da primeira parte, com 16 remates de Portugal contra apenas um da Escócia, deu lugar a um equilíbrio nos primeiros 25 minutos do segundo tempo, com quatro remates lusos e três escoceses e Diogo Costa a ter de se mostrar na baliza.

Portugal apelou a Félix, João Neves e Dalot. Félix teve mesmo o 2-1 à mercê, desperdiçando a primeira grande ocasião do segundo tempo. Cristiano Ronaldo esteve ainda mais perto de colocar Portugal na frente do marcador, mas por duas vezes encontrou o poste no caminho do golo. Só que Cristiano estava decidido a iniciar a caminhada rumo aos 1000 golos e a levar a Luz ao delírio, e aos 88 minutos marcou mesmo.

Outros jogos

Espanha vence, mas é a Dinamarca quem lidera

Para além do grupo A1 (de Portugal), onde a Croácia derrotou a Polónia e somou a sua primeira vitória nesta Liga das Nações – golo de Modric –, os outros jogos da noite disputaram-se no grupo A4. E depois do empate com a Sérvia no jogo inaugural, a Espanha alcançou o seu primeiro triunfo nesta edição da Liga das Nações.

Na Suíça, os actuais campeões europeus chegaram à vantagem com alguma rapidez e aos 13 minutos já venciam por 2-0, cortesia de Joselu e Fabián Ruiz. A Suíça ainda reduziu por intermédio do recente reforço do Benfica, Zeki Amdouni, já depois de Le Normand ter sido expulso e deixado a Espanha reduzida a dez unidades. Mas, no segundo tempo, os espanhóis mostraram-se sólidos a defender a vantagem e sentenciaram definitivamente o jogo no último quarto de hora, com Fabián Ruiz a bisar (77') e Ferran Torres (80') a fechar as contas. Apesar do triunfo, quem lidera o grupo é a Dinamarca, que bateu a Sérvia por 2-0. O benfiquista Bah jogou os 90 minutos, o sportinguista Hjulmand entrou no segundo tempo, mas a figura do encontro foi Poulsen, que marcou um golo de bicicleta, depois de Gronbaek ter inaugurado o marcador.

Na Liga C1, nota para Gyökeres, avançado sueco do Sporting, que marcou dois golos na vitória por 3-0 da Suécia sobre a Estónia e ao fim de sete jogos esta época já marcou 10 golos e fez cinco assistências, divididos entre Sporting e Suécia. O Azerbaijão, treinado por Fernando Santos, voltou a perder, agora por 2-0 na visita à Eslováquia, depois da derrota caseira na estreia do português, por 3-1, precisamente frente à Suécia.

Calendário e Classificações

GRUPO A1

Jornada 2

Portugal - Escócia	2-1
Croácia - Polónia	1-0

	J	V	E	D	M-S	P
Portugal	2	2	0	0	4-2	6
Croácia	2	1	0	1	2-2	3
Polónia	2	1	0	1	3-3	3
Escócia	2	0	0	2	3-5	0

GRUPO A4

Jornada 2

Dinamarca - Sérvia	2-0
Suíça - Espanha	1-4

	J	V	E	D	M-S	P
Dinamarca	2	2	0	0	4-0	6
Espanha	2	1	1	0	4-1	4
Sérvia	2	0	1	1	0-2	1
Suíça	2	0	0	2	1-6	0

Benfica favorito no "caminho" dos campeões, Sporting é último no "caminho" das Ligas

A final da edição 2024/25 da Champions feminina vai ser disputada no Estádio José Alvalade, em 24 ou 25 de Maio de 2025

O Benfica, tetracampeão português feminino de futebol, é a equipa com melhor ranking no sorteio para a segunda ronda de qualificação para a Liga dos Campeões, a realizar hoje, enquanto o Sporting é o último no "caminho" das Ligas.

As "encarnadas", que superaram no sábado o SFK 2000 Sarajevo, na primeira ronda de qualificação, são uma das sete cabeças de série no "caminho" dos campeões no sorteio marcado para hoje, em Nyon, na Suíça, às 13h locais (12h em Lisboa), juntamente com Slavia Praga, St. Pölten, Roma, Twente, Valerenga e Vorskla Poltava.

Por isso, o Benfica vai defrontar, na eliminatória com primeira mão marcada para 18 e 19 de Setembro e segundo jogo para 25 e 26 de Setembro, um adversário a sair entre os sete piores colocados no ranking, casos de Anderlecht, Servette, Mura, Osijek, Celtic, Hammarby e Galatasaray.

O Benfica procura manter-se totalista em presenças na Champions feminina desde que foi criada, em

A treinadora do Benfica, Filipa Patão, vai ficar a conhecer hoje o próximo adversário das benfiquistas

2021/22, um feito já assegurado por Barcelona, Bayern Munique, Chelsea e Lyon, mas também ao alcance de Paris Saint-Germain e Real Madrid.

Paris Saint-Germain e Real Madrid são dois dos possíveis adversários do Sporting, no "caminho" das Ligas, num sorteio em que as "leoas" são as piores da hierarquia, podendo, enfrentar, nesta fase, ainda Wolfsburgo, Arsenal e Manchester City.

O Sporting chegou a esta fase ao eliminar, também no sábado, as islandesas do Breidablik, seguindo, no entanto, entre os não-cabeças de série, à semelhança de Juventus, Fiorentina, Häcken e Paris FC.

Os 12 vencedores da segunda ronda de qualificação qualificam-se para a fase de grupos, a disputar entre Outubro e Dezembro, juntando-se a Barcelona, Bayern Munique, Chelsea e Lyon no sorteio marcado para 27 de Setembro.

A final da edição 2024/25 da Champions feminina vai ser disputada no Estádio José Alvalade, em Lisboa, em 24 ou 25 de Maio de 2025.

Roglic ganha pela quarta vez a Vuelta e iguala recorde de vitórias

Jorge Miguel Matias

O esloveno foi o segundo classificado no contra-relógio que marcou o fim da prova

O ciclista esloveno Primoz Roglic (BORA-hansgrohe) conquistou ontem, pela quarta vez, a Volta a Espanha, após o contra-relógio da última etapa vencido por Stefan Küng (Groupama-FDJ), juntando-se ao espanhol Roberto Heras como recordista de triunfos na prova espanhola.

Aos 34 anos, Roglic somou a quarta vitória final na Vuelta, depois das alcançadas entre 2019 e 2021, e a quinta grande Volta da carreira – também ganhou o Giro em 2023 –, à frente do australiano Ben O'Connor (Decathlon AG2R), segundo na geral a 2m36s, e do espanhol Enric Mas (Movistar), terceiro a 3m13s.

Na 21.ª e última etapa da 79.ª edição, o melhor foi o suíço Stefan Küng (Groupama-FDJ), que se estreou a vencer em grandes Voltas ao cumprir os 24,6 quilómetros de contra-relógio, em Madrid, em 26m28s, deixando Roglic a 31 segundos e o italiano Mattia Cattaneo (Soudal Quick-Step) a 42s.

ISABEL INFANTES/REUTERS

Primoz Roglic terminou a Vuelta com a camisola vermelha, símbolo de líder da geral

Na capital espanhola todos os olhares repousavam em Roglic, que começou a prova em Lisboa (nesta edição da Vuelta as três primeiras etapas foram disputadas em Portugal) ainda a queixar-se de dores, resultantes da queda que tinha sofrido poucas semanas antes no Tour e que o levaram a abandonar a corrida.

Roglic não só superou as mazelas físicas, como foi capaz de recuperar de uma desvantagem que chegou a ser quase de cinco minutos, quando o australiano Ben O'Connor lhe roubou a camisola vermelha que o esloveno tinha conquistado na quarta tirada. E conseguiu ainda escapar ileso às salmonelas que deixaram de rastos alguns dos seus companheiros de equipa na penúltima etapa.

Ontem, em Madrid, Roglic foi um dos dois únicos ciclistas que foram capazes de baixar a barreira dos 27 minutos, sendo apenas superado pelo suíço Küng.

No final, depois de subir pela última vez ao pódio com a camisola vermelha vestida, Roglic não escondeu a satisfação e ameaçou não ficar apenas pelos quatro triunfos na Vuelta.

"Foi duro, mas conseguimos. Foi uma corrida rápida, mas estou muito feliz", começou por dizer o esloveno.

Questionado sobre se, depois de ter conquistado a sua quarta Vuelta, já pensava na quinta, Primoz Roglic foi evasivo: "Nunca estamos satisfeitos, mas ganhar quatro é uma loucura."

Já para Ben O'Connor, que "arrancou" a camisola vermelha a Roglic na sexta etapa e a manteve no dorso durante 13 dias, o segundo lugar da geral é um sonho tornado realidade. É que se para uns ser líder durante tanto tempo e depois perder essa liderança a três dias do fim pode ser encarado como um falhanço, para o australiano é todo o inverso. Depois de um quarto lugar no Giro deste ano e de igual classificação no Tour de 2021, a subida ao pódio de uma das grandes Voltas do calendário internacional pela primeira vez sabe quase como uma vitória.

"Isto é tudo aquilo com que eu sonhei. Fiquei duas vezes em quarto e, finalmente, consigo subir ao pódio", afirmou no final O'Connor, que, para além do segundo lugar da geral, leva desta edição da Vuelta um primeiro triunfo numa etapa. **com Lusa**

Classificações

21.ª ETAPA	
1.º S. Küng (Groupama)	26m28s
2.º P. Roglic (Bora-hansgrohe)	a 31s
3.º M. Cattaneo (T-Rex)	a 42s
4.º F. Baroncini (UAE)	a 43s

GERAL	
1.º P. Roglic (Bora-hansgrohe)	81h49m18s
2.º B. O'Connor (Decathlon A2GR)	a 2m36s
3.º E. Mas (Movistar)	a 3m13s
4.º R. Carapaz (EF Education)	a 4m02s

Portugal acaba Jogos Paralímpicos com sete medalhas

Portugal sai dos Jogos Paralímpicos Paris 2024 com sete medalhas conquistadas, elevando para 101 o número de pódios conseguidos em 12 participações na competição.

Em Paris, coube a Djibrilo Iafa a honra de conseguir a centésima medalha, que foi também a primeira de sempre do judo paralímpico português.

As sete medalhas conseguidas nos Jogos Paris2024 juntam-se às 94 conseguidas nas 11 participações anteriores, sendo que apenas na primeira, em 1972, Portugal não subiu ao pódio.

Portugal, que na capital francesa conseguiu dois ouros, uma prata e quatro bronzes, conta agora no seu palmarés com 27 medalhas de ouro, 31 de prata e 43 de bronze.

O atletismo lidera destacado a lista de modalidades com mais medalhas, com um total de 57, seguido do boccia com 27 e da natação com 10, numa tabela na qual o ciclismo soma três, o judo, a canoagem, o ténis de mesa e o futebol 7, uma cada.

Depois de ter sido bronze em Tóquio 2020, Miguel Monteiro alcançou o ouro no lançamento do peso F40, dando ao atletismo a 55.ª medalha em competições paralímpicas, mas a primeira do metal mais precioso desde os Jogos Sydney 2000.

Ainda no atletismo, Sandro Baessa foi prata nos 1500 metros T20, para atletas com deficiência intelectual, e Carolina Duarte conseguiu o bronze na prova de 400 metros T13 (deficiência visual).

Os Jogos Paris 2024 marcaram o regresso do boccia português aos pódios paralímpicos, depois de a modalidade ter ficado "em branco" em Tóquio 2020, algo inédito desde de que se estreou em competições, em Nova Iorque 1984.

Cristina Gonçalves, a veterana da comitiva que somou em Paris 2024 a sexta participação em Jogos, conseguiu a sua quarta medalha paralímpica, mas a primeira em competições individuais, sagrando-se campeã no torneio de BC2.

MARIA ABRANCHES/REUTERS

Os atletas paralímpicos portugueses conseguiram bons resultados nos Jogos de Paris 2024

A medalha de Diogo Cancela, nos 200 metros estilos SM8, voltou a levar a natação portuguesa a um pódio paralímpico, 16 anos depois da última subida, que aconteceu nos Jogos Pequim2008.

No ciclismo, Luís Costa foi bronze no contra-relógio H5, para atletas que competem em *handbikes*, e somou a segunda medalha portuguesa para a modalidade desde 1984, numa edição em que os Jogos Paralímpicos ainda não estavam "colados" aos Olímpicos.

Os Jogos Sydney 2000, nos quais Portugal teve a maior comitiva de sempre, com 52 atletas, foram os que mais medalhas renderam, com 15 lugares no pódio.

Nas três edições anteriores, o número de medalhas conquistadas tem vindo a diminuir, com três em Londres 2012, quatro no Rio 2016 e duas em Tóquio 2020, tendência que se inverteu nos Jogos Paralímpicos Paris 2024, nos quais Portugal igualou as sete medalhas conseguidas em Pequim 2008. **Lusa**

Breves

Rali

Neuville vence na Grécia e aproxima-se do título mundial

O belga Thierry Neuville (Hyundai) venceu ontem o Rali da Acrópole, na Grécia, e ficou mais perto de conquistar o primeiro título mundial da carreira devido ao acidente do francês Sébastien Ogier (Toyota) na última especial. Neuville concluiu as 20 classificativas desta 10.ª ronda do Campeonato do Mundo de Ralis (WRC) com o tempo de 3h38m04,2s, batendo o espanhol Dani Sordo (Hyundai) por 1m36,8s, com o estónio Ott Tänak (Hyundai) em terceiro, a 2m57,3s. Ogier partiu para a derradeira especial no segundo lugar, mas capotou quando estavam percorridos 1,6 quilómetros do troço. O belga tem agora 192 pontos contra os 158 de Ogier, que está a participar no Mundial deste ano a tempo parcial.

MotoGP

Miguel Oliveira foi 11.º no Grande Prémio de São Marino

Miguel Oliveira (Aprilia) terminou, ontem, o Grande Prémio de São Marino de MotoGP, 13.ª ronda do Mundial de motociclismo de velocidade, na 11.ª posição, prova ganha pelo espanhol Marc Márquez (Ducati), que venceu pela segunda semana consecutiva. Oliveira cortou a meta a 46,386 segundos de Márquez, tendo o italiano Francesco Bagnaia (Ducati) terminado na segunda posição, a 3,102s do vencedor, e o seu compatriota Enea Bastianini (Ducati) em terceiro, a 5,428s. O espanhol Jorge Martin (Ducati) manteve a liderança do campeonato, com 312 pontos, mas Bagnaia, está agora só a sete pontos.

Jannik Sinner e Aryna Sabalenka nos EUA como na Austrália

Pedro Keul

Campeões do US Open repetem triunfos alcançados no primeiro torneio do Grand Slam da temporada

Frio como um típico italiano do Norte e cirúrgico como um campeão já experiente, apesar dos seus 23 anos, Jannik Sinner somou o segundo título do Grand Slam, ao vencer na final do US Open o número um dos EUA, Taylor Fritz, por 6-3, 6-4 e 7-5. Sete meses após o triunfo no Open da Austrália, Sinner volta a impor-se no segundo *major* do ano em *hardcourts*. O último tenista a ganhar os seus primeiros dois títulos do Grand Slam no mesmo ano tinha sido Guillermo Villas, em 1977.

O líder do ranking mundial dominou o *set* inicial em 41 minutos, mas, no segundo, Fritz subiu o número de primeiros serviços válidos de 38% para 78% para, a 4-5, ceder à pressão do marcador. Sinner, que cometeu somente um erro não forçado na segunda partida, iniciou o terceiro *set* recuperando de 0-40 e a 3-2, foi ele a dispor de *break-points*.

Mas seria Fritz (12.º), o primeiro norte-americano na final do US Open em 18 anos, a sair mais forte dessa situação e a "quebrar" o italiano para servir a 4-3. Só que Fritz voltou a sentir a responsabilidade quando serviu a 5-3, cedeu o serviço, e Sinner retomou o ascendente para concluir ao fim de duas horas e 16 minutos.

"[A vitória] Significa muito porque este último período da minha época não tem sido fácil, mas a minha equipa apoiou-me muito. Queria dedicar este título à minha tia, e ainda bem que posso partilhar mais este bom momento com ela", homenageou Sinner, o primeiro italiano na Era Open a conquistar o US Open, o primeiro número um mundial a vencer o *major* dos EUA desde 2017 e o sexto tenista ainda no activo a deter mais do que um título do Grand Slam.

Na competição feminina, houve também a confirmação de quem é a melhor jogadora em *hardcourts*. Aryna Sabalenka aproveitou a experiência por que passou quando perdeu a final do US Open em 2023 para uma tenista dos EUA, soube lidar com o público e derrotar Jessica Pegula, por 7-5, 7-5, e tornou-se a apenas segunda mulher a conquistar os dois *majors* em *hardcourts*, Open da Austrália e US Open, no mesmo ano.

"Acho que mentalmente tornei-me realmente forte. Continuo a lembrar-me: 'Vamos lá Aryna, passaste por muito, mas devagarinho vai ser compensada'", admitiu Sabalenka que voltou a recordar a morte do pai, Sergey, em 2019.

"Depois de perder o meu pai, sempre foi o meu objectivo colocar o nosso nome de família na história do ténis. Cada vez que vejo o meu nome naquele troféu, estou tão orgulhosa de mim mesma, estou orgulhosa da minha família, que nunca desistiu do meu sonho e faz tudo o que pode para eu seguir em frente, para eu ter esta oportunidade na vida", explicou Sabalenka, já depois de beber *champagne* pela bonita taça que lhe foi entregue pela campeoníssima Billie Jean King – acompanhada de um cheque de 3,2 milhões de euros.

Depois de uma troca de *breaks* nos terceiro e quarto jogos, Sabalenka foi lentamente impondo a sua maior potência e capacidade de ganhar os pontos rapidamente. Só que, à imagem do que tinha acontecido no fim da meia-final, Sabalenka não aproveitou quando serviu a 5-3. Com os decibéis no Arthur Ashe Stadium a subirem bastante, Pegula aproveitou para igualar. Depois de dois derradeiros jogos fechados após 14 pontos cada, a norte-americana cedeu no quinto *set-point*.

Sabalenka soltou-se no segundo *set* e rapidamente chegou a 3-0, mas a norte-americana mostrou que não chegou à final por acaso – derrotou a número um mundial Iga Swiatek e, na meia-final, venceu Karoline Muchova depois de ceder o *set* inicial. Depois de evitar um segundo *break* no quarto jogo, Pegula ganhou a crença necessária para "quebrar" a adversária logo a seguir, numa série de cinco jogos, todos ruidosamente festejados pelos adeptos.

Foi então que Sabalenka utilizou a experiência do ano passado – em que cedeu a Coco Gauff e à pressão colocada pelo público nova-iorquino; reduziu para 4-5 e rapidamente chegou a 0-40 quando a norte-americana serviu para fechar o *set*. Pegula ainda anulou *break-points*, mas só logrou ganhar cinco pontos nos últimos três jogos.

"Lembro-me de todas aquelas derrotas difíceis no ano passado, mas nunca desisti do seu sonho. Estou muito orgulhosa de mim mesmo, estou superorgulhosa", confessou, ainda no *court*, a campeã que terminou com 40 *winners* e ganhou 18 pontos em 23 disputados na rede.

Depois, os agradecimentos à equipa técnica e amigos: "Estou orgulhosa da minha equipa, independentemente do que aconteça ou da situação que enfrentámos esta época e no passado, pudemos seguir em frente e obter todos aqueles lindos troféus. O apoio deles é tudo, são a minha família. Não conseguia imaginar a minha vida tenística ou pessoal sem vocês. Amo-vos tanto."

Pegula, que aos 30 anos conseguiu finalmente quebrar a maldição dos *majors* e ultrapassar os quartos-de-final pela primeira vez para se tornar a mais velha tenista dos EUA a estrear-se numa final de um *major*, garantiu a subida ao terceiro lugar do ranking, logo atrás de Sabalenka, que encurtou a distância para a líder Swiatek e pode mesmo destroná-la até ao final da época.

6

O italiano Jannik Sinner é o sexto tenista no activo a deter mais do que um título num torneio do Grand Slam

MIKE FREY/USA TODAY SPORTS VIA REUTERS CON

O italiano Jannik Sinner impôs-se no Open dos EUA

BARTOON LUÍS AFONSO

Burnout parental. Não tenham filhos, tenham cães e gatos

Anacrónica

Ana Sá Lopes

A minha ignorância é tão grande, tão grande, que não sabia que existia o "*burnout* parental". Fiquei a sabê-lo por uma notícia do PÚBLICO, a propósito de um congresso que reúne no Porto muitos especialistas na matéria.

Como mãe, senti-me muitas vezes exausta, naturalmente. A morrer de sono, principalmente naqueles primeiros seis meses. A angustiar-me com os 40 graus de febre provocados pelas sucessivas viroses (houve uma época em que eram duas por mês). A angustiar-me por ter uma profissão exigente, sem horários. As birras. O terror de ser uma "má mãe". A adolescência. O início da idade adulta. O telemóvel sempre, mas sempre, desligado.

Tive um *burnout* não maternal. Foi mesmo profissional. Não conheço ninguém que tenha tido um *burnout* paternal – até vocês, S. e M., que não dormiam de noite e no dia seguinte iam trabalhar. Não se pode tratar de um filho com um *burnout*.

Não quero idolatrar o passado, mas não percebo em que dia ter um filho saudável (um acto banal quando tive o meu rapaz) passou a ser uma coisa associada a um risco de *burnout* – logo, a evitar, presume-se, a menos que o Estado coloque uma *babysitter* em cada casa onde exista uma criança. Na adolescência e no início da idade adulta a *babysitter* já não resolverá muita coisa. E, no entanto, são essas as idades, como se diz agora, mais "desafiantes" para quem tem um filho.

Não estou a menorizar a dificuldade que é criar um filho sozinha, com pais inexistentes ou relapsos, e muito menos quão difícil é educar uma criança com os baixíssimos salários que se praticam em Portugal.

As políticas públicas de apoio à maternidade têm vindo a aumentar nos últimos 30 anos e não é por isso que a natalidade aumentou. Não vai aumentar, faça-se o que se fizer. Por mais prolongadas que sejam as licenças de maternidade, chega o dia em que é preciso gerir trabalho e filhos. Aliás, uma das conclusões do estudo do *burnout* é que muitos pais encontravam no trabalho algum descanso do cansaço de cuidadores de crianças - ao fim e ao cabo nada surpreendente.

> **As exigências e auto-exigências em cima dos pais não são normais, mas são os próprios pais a normalizá-las**

Existe nas nossas sociedades um problema cultural complexo e quase irresolúvel (o mesmo que leva os pais do nosso tempo a irem à universidade inteirarem-se da performance académica dos filhos ou aparecerem com eles nas entrevistas de emprego) que tornou a nossa sociedade, nos últimos anos, incrivelmente "*pet friendly*" e pouco disponível para um acto que é muitas vezes cansativo - o de educar uma criança.

O falhanço está nos pais, evidentemente, que transformaram o acto de criar um filho numa performance olímpica – que os leva a acompanhar os filhos às tais entrevistas de emprego. As exigências e as auto-exigências que estão em cima dos pais não são normais, mas são os próprios pais que decidiram normalizá-las. A pressão da sociedade pode ser muita, mas ainda existe livre-arbítrio para alguma coisa.

Quando o meu filho era miúdo, as reuniões de pais na escola eram para mim um suplício. Hoje, vejo que os pais têm grupos de WhatsApp para estarem em constante comunicação uns com os outros. Eu acho que morria se estivesse em permanente comunicação com os pais das outras crianças. Enfim, se calhar até se percebe que, a viver assim, seja mais provável que alguns pais entrem em *burnout* ou coisa que o valha.

O peso que os pais põem em cima de si – a busca da impossível perfeição no acto comum que é criar um filho – conduziu-nos à situação de quebra de natalidade que vivemos hoje.

Enfim, ter cães dentro de um apartamento dá uma trabalheira dos demónios. Mas ir passeá-los às sete da manhã e depois mais tarde, viver numa casa atulhada de pêlos de cão e ainda partilhar - quantas vezes - a cama com o cão, é hoje considerado um ideal perfeito de vida. Os cães e gatos silenciosos passaram a filhos de substituição e são tratados como tal. Acho que não sou só eu que acha isto uma loucura colectiva em que os valores estão todos trocados.

Jornalista